



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS

Jorge Rafael Monte Costa de Jesus Silva

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para a obtenção do grau de Mestre em Ciência Política e Relações Internacionais

GUERRA HÍBRIDA VS GIBRIDNAYA VOYNA
O CONFLITO NA UCRÂNIA

Orientador: Tenente-Coronel Francisco Proença Garcia

Co-orientador: Contra-almirante António Gameiro Marques

Número de palavras: 36.515

Lisboa

2021

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação representa o culminar dos anos de trabalho, cujo produto não vem só do esforço individual, mas também do apoio de muitos outros, cuja menção é necessária para lhes dar o merecido mérito.

Gostaria de agradecer à mulher alocêntrica, dedicada, carinhosa, altruísta, bondosa, e acima de tudo mãe. Tenho a sorte de ter ao meu lado uma pessoa sem a qual não teria sido possível iniciar os primeiros passos no mundo académico, a pessoa que tanto contribuiu para a minha formação e para a pessoa que sou hoje.

Agradeço à minha amiga, companheira e mulher, sem a qual nada teria sido possível. A sua contribuição determinou e muito, o estudo e a investigação à qual dediquei os anos de Mestrado e para a minha iniciação na língua russa. Um enorme obrigado pela ajuda que proporcionou quando a distância significava esforços acrescidos e os passeios em família tiveram de ser substituídos pelo estudo.

Um grande obrigado ao meu filho que, apesar de ainda pequeno, teve um comportamento exemplar enquanto a Dissertação era realizada, não só o seu tempo era passado a brincar sozinho, mas também a sua presença era silenciosa.

Um enorme obrigado ao professor e Orientador de Dissertação Francisco Proença Garcia. Em primeiro lugar, por todos os comentários e conselhos que foi sugerindo ao longo das aulas que lecionou. Em segundo lugar, pelo auxílio, sugestões e ensinamentos que tanto contribuíram de forma positiva para a minha Dissertação.

Agradeço ao meu Coorientador Contra-Almirante António Gameiro Marques pelo empenho que colocou na verificação e correção da Dissertação, e por todos os conselhos e comentários que fez. Agradeço ainda o tempo que dedicou e a rapidez com que respondeu a todas as minhas solicitações.

Agradeço ao professor António Rebelo Duarte, pela sua contribuição para a minha formação, não só partilhou o seu conhecimento na respetiva sala de aula, assim como indicou o melhor caminho e forneceu as ferramentas para cumprir o objetivo.

Um especial agradecimento à Universidade Católica Portuguesa, a todos os meus colegas e professores por contribuírem para a minha formação.

.

*“In Europe we were Tatars,
while in Asia we can be Europeans”.*
(Fyodor Dostoevsky)

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	1
RESUMO	9
ABSTRACT	11
TERMOS, SIGLAS, ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS	13
INTRODUÇÃO	15
Metodologia e Método	18
Instrumentos de recolha de dados	18
Questão Central	18
Questões Derivadas	18
ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL	19
Estado da arte e revisão de Literatura	19
CONTEXTO HISTÓRICO	23
Operações de Informação na Grécia Antiga: De Ulisses a Alexandre, o Grande	23
Origem dos Serviços de Informações da Rússia	25
Quarta Diretoria do Exército Vermelho	25
GRU	26
GUERRAS HÍBRIDAS – DEFINIÇÃO CONCEPTUAL	29
Guerra Irrestrita	34
Guerra de Quarta Geração (G4G)	39
Guerra Composta	43
Guerras Limitadas	44

Doutrina Gerasimov	45
Gibridnaya Voyna	48
ESTRATÉGIA, MANOBRA, ATUAÇÃO:	55
Propaganda	57
Meios de Comunicação	57
Redes Sociais	59
Fake News	61
Fugas Estratégicas	62
Partidos Políticos	62
Organização de Manifestações	63
Exploração Económica	63
Guerra da informação	64
UCRÂNIA	67
Contexto Histórico	67
O Conflito	71
A Guerra	76
Crimeia	77
Donbass	79
Operações de informação e ciberoperações	84
Os Ciberataques	85
O MEIO AMBIENTE DO CIBERESPAÇO	89
O Poder	89
Ciberpoder	90
DEFENDER E DERROTAR COMBINAÇÕES	95
Descombinar a guerra híbrida	95

Divulgar o envolvimento russo	98
Defesa Informacional	101
A Defesa Russa	102
CONCLUSÃO	111
BIBLIOGRAFIA	119

RESUMO

Nas últimas décadas têm sido debatidas as alterações que a guerra contemporânea tem sofrido. O objetivo da presente dissertação é realizar uma análise ao conceito daquilo que muitos teorizadores designam por Guerra Híbrida russa.

A Guerra Híbrida é um conceito que ganhou expressão com os acontecimentos na Ucrânia em 2014, em que a Rússia desenvolveu ações sincronizadas, recorrendo a diversos instrumentos de poder, de forma a explorar as vulnerabilidades dos seus adversários e a alcançar os seus objetivos políticos.

O conceito de Guerra Híbrida tem sido fortemente politizado, tanto no Ocidente como na Rússia. O conceito, que serviu inicialmente para explicar a natureza dos conflitos contemporâneos, foi militarizado, tornando-se numa ferramenta de poder para influenciar o domínio financeiro, político e a perceção pública tanto na Rússia como no Ocidente e na disputa entre os dois.

Esta “nova” Guerra engloba Estados falhados e atores não-estatais, apoiados por Estados que exploram diversas valências, empregando uma diversificada combinação de guerra e táticas em simultâneo. É importante entender as características da mudança, a sua natureza, a sua relação e a sua história para uma compreensão efetiva do fenómeno.

Iremos analisar com maior profundidade o pensamento e o modelo de Guerra Híbrida perpetrada pela Rússia, também conhecida por *Gibridnaya Voyna*, na anexação da Crimeia e a intervenção no leste da Ucrânia, em 2014.

Após a invasão da Crimeia por parte de Moscovo e o apoio a insurgentes no Leste ucraniano, o conceito de Guerra Híbrida serviu para descrever a nova ameaça russa à segurança ocidental. O conceito em si – uma mescla de táticas convencionais e não regulares para atingir objetivos políticos e militares – não é uma novidade. Por outro lado, também os estrategas russos referem como híbridas as ações norte-americanas para enfraquecer e derrubar governos hostis, em particular os governos russos, com recurso a diversos meios abertos e dissimulados.

ABSTRACT

In recent decades, the changes that contemporary war has undergone have been debated. The aim of this dissertation is to perform an analysis of the concept of what many theorists call Hybrid Warfare.

Hybrid Warfare is a concept that gained expression with the events in Ukraine in 2014, in which Russia developed synchronized actions, using various instruments of power, to exploit the vulnerabilities of its opponents and achieve its political objectives.

The concept of Hybrid Warfare has been heavily politicized in both the West and Russia. The concept, which initially explained the nature of contemporary conflicts, was militarized, becoming a power tool to influence the financial, political, and public perception in both Russia and the West and the dispute between the two.

This "new" war encompasses failed states and non-state actors, supported by states that exploit various means, employing a diverse combination of war and tactics simultaneously. It is important to understand the characteristics of change, its nature, its relationship, and its history for an effective understanding of the phenomenon.

We will take a deeper look at the thinking and model of Hybrid Warfare perpetrated by Russia, also known as *Gibridnaya Voyna*, on the annexation of Crimea and the intervention in eastern Ukraine in 2014.

After Moscow's invasion of Crimea and support for insurgents in Eastern Ukraine, the concept of Hybrid Warfare served to describe Russia's new threat to Western security. The concept itself – a mixture of conventional and non-regular tactics to achieve political and military objectives – is not new. On the other hand, Russian strategists also refer to US actions, to weaken and overthrow hostile governments, in particular Russian governments, as hybrid, using various overt and covert means.

TERMOS, SIGLAS, ABREVIATURAS E ACRÓNIMOS

Acesso Ilegítimo: “quem ilegítimamente produzir, vender, distribuir ou ...disseminar ou introduzir num ou mais sistemas informáticos dispositivos, programas, conjunto executável de instruções, um código ou outros dados informáticos destinados a produzir as ações não autorizadas descritas no número anterior” [Lei N^o 109/2009 de 15 setembro, artigo 6^o]

Ataque DDoS: O ataque DDoS envia múltiplas solicitações para o recurso Web invadindo com o objetivo de exceder a capacidade que o site tem de lidar com diversas solicitações, impedindo seu normal funcionamento. [Kaspersky]

Cibercrime: “entendem-se os factos correspondentes a crimes previstos na Lei do Cibercrime e ainda a outros ilícitos penais praticados com recurso a meios tecnológicos, nos quais estes meios sejam essenciais à prática do crime em causa”. [CNCS]

Ciberespaço: “consiste no ambiente complexo, de valores e interesses, materializado numa área de responsabilidade coletiva, que resulta da interação entre pessoas, redes e sistemas de informação.” [CNCS]

Ciberespionagem: Ameaça geralmente direcionado aos setores industriais, as infraestruturas críticas e estratégicas em todo o mundo, incluindo entidades governamentais, transportes, provedores de telecomunicações, empresas de energia, hospitais e bancos. Foca-se na geopolítica, no roubo de segredos comerciais e de Estado, de direitos de propriedade intelectual e de informações proprietárias em campos estratégicos. [CNCS]

Desinformação: informação comprovadamente falsa ou enganosa que é criada, apresentada e divulgada para obter vantagens económicas ou para enganar deliberadamente o público, e que é suscetível de causar um prejuízo público [Desafios à Eficácia da Política de Cibersegurança da UE, TCE 2019]

Malware (*Software Malicioso*): “programa que é introduzido num sistema, geralmente de forma encoberta, com a intenção de comprometer a confidencialidade, a integridade ou a disponibilidade dos dados da vítima, de aplicações ou do sistema operativo, ou perturbando a vítima.” [CNCS]

Ransomware: tipo de *malware* que permite que “um atacante se apodere dos ficheiros e/ou dispositivos de uma vítima, bloqueando a possibilidade de esta poder aceder-lhes. Para a recuperação dos ficheiros, é exigido ao proprietário um resgate em criptomoedas.” [CNCS]

Reconhecimento: significa “recolha de informação” sobre um potencial alvo ou inimigo. O Reconhecimento comporta as fases de *identificação, seleção e profiling*, inclui a utilização de websites, organização de conferencias, criação de blogs, utilização das Redes Sociais, relação interpessoal e uma vasta lista de emails sobre o alvo a atacar. A informação obtida é utilizada em etapas posteriores para maximizar as probabilidades de sucesso. [Yadav, Mallari, 2016]

Spam: Mensagens de correio eletrónico não solicitadas, geralmente enviadas de uma forma massiva e indiscriminada, que, para além do incómodo provocado aos utilizadores do correio, podem comprometer o bom funcionamento dos sistemas informáticos. [CNCS].

Subversão: A subversão inicia-se antes das suas manifestações violentas e, subordina-se, em regra, a uma ideologia política de um grupo organizado, que atua conscientemente, com planeamento, preparação e conduta na atuação contra o poder estabelecido, não sendo uma ação espontânea e descoordenada da população. Os meios para a levarem a cabo são avaliados pela eficácia e pelo seu valor relativamente ao fim em vista, materializando a população o seu centro de gravidade

INTRODUÇÃO

O ambiente geoestratégico moderno é desafiado por ameaças de natureza difusa e híbrida, intensificadas pelo desenvolvimento tecnológico e pela interdependência informática, que visam explorar as fraquezas de um país ou determinar o curso político do mesmo através da influência dos valores e princípios com recurso a novas formas de guerra.

Apesar de ser um conceito novo, muitos especialistas argumentam que estas estratégias híbridas já são utilizadas há muito tempo. A história tem inúmeros exemplos, nomeadamente na Revolução Americana (1775 - 1783), com a participação e envolvimento de milícias e, nas invasões napoleónicas, com as forças regulares britânicas a cooperar com guerrilha¹ (Hoffman, 2007, p.20). Mais recentemente, na II Guerra Mundial, alguns traços característicos da Guerra Híbrida também foram explorados, nomeadamente a disseminação de informações falsas no inimigo e o uso combinado de forças irregulares em simultâneo com manobras diplomáticas para tentar atrair aliados e isolar adversários. No Séc. XXI atores como a Rússia, no conflito da Ucrânia, demonstra ser um dos principais protagonistas da Guerra Híbrida ou, no termo russo, *Gibridnaya Voyna*. (Grilo, 2021, Apd B-1)

Importa salientar a influência dos coronéis chineses Qiao Liang e Wang Xiangsui, que procuraram alargar a definição da guerra além do campo tradicional de batalha, naquilo que o Ocidente denominou por “Guerra sem restrições” ou, numa perspetiva menos depreciativa, “Guerra além dos Limites”, para enfrentar as vantagens dos estados com mais capacidade militar e avanço tecnológico.

A primeira vez que o conceito de Guerra Híbrida aparece no âmbito militar foi em 2005 com o artigo de Hoffman “*Future Warfare: The Rise of Hybrid Wars*”. O autor refere que a superioridade dos EUA estava a provocar o abandono, por parte dos restantes atores estatais e não estatais, da maneira tradicional de fazer guerra substituindo por outros tipos de combinações de tecnologia e táticas para obter vantagem. O autor adverte para a tendência de empregar de forma combinada

¹ Acerca de guerrilha ver “*Before Civilization: The Myth of the Peaceful Savage*”, p. 75 de Lawrence H. Keeley

diferentes tipos de guerra que incluem: capacidades convencionais e táticas irregulares, atos terroristas e violência indiscriminada.

O conceito de Guerra Híbrida não é novo e refere-se ao uso de meios não convencionais como parte de um leque diversificado de meios dentro de um determinado conflito. As origens do conceito moderno de Guerra Híbrida estão enraizadas na forma tradicional de guerra russa, denominada *Gibridnaya Voyna*, que implica a utilização de operações indiretas e assimétricas de forma a dissimular operações convencionais.

Antes da intervenção da Rússia na Crimeia o conceito de Guerra Híbrida já tinha entrado no léxico dos investigadores e decisores militares, evidenciando as suas características, nomeadamente dirigidas e coordenadas no mesmo espaço de batalha para alcançar efeitos sinérgicos nas diferentes dimensões físicas e psicológica do conflito, a utilização coordenada de tecnologia com métodos de mobilização, combinação de capacidades disruptivas com formas tradicionais.

O conceito ganhou expressão com o conflito na Ucrânia em 2014, em que a Rússia desenvolveu ações combinadas, com recurso a instrumentos de poder sincronizados, de forma a explorar as vulnerabilidades do país e dos adversários ocidentais de forma a alcançar os seus objetivos políticos. (Grilo, 2021, p. 7)

A anexação do território ucraniano da Crimeia em 2014 ajudou os países membros da NATO a conceptualizar a Guerra Híbrida. A Rússia continuou através de diversos meios a aplicar a doutrina nas regiões de Donetsk e Lugansk. A Rússia é um excelente exemplo de um estado revisionista que altera o *status quo* através de técnicas híbridas enquanto mantém o nível de violência abaixo do limiar para uma intervenção estrangeira.

Em Donbass, a Rússia demonstrou falta de uma estratégia e um objetivo concreto, e tentou compensar com o sucesso da Crimeia, o que resultou num custo acrescido e no aumento da probabilidade de uma intervenção ocidental. Nos diferentes casos, a Guerra Híbrida continuou a ser a opção encoberta enquanto Moscovo tentava evitar que um novo governo fundasse um ambiente democrático e restabelece-se o controlo dos respetivos territórios.

Em suma, a Guerra Híbrida é a combinação de meios económicos, sociais, ciber, militares, *media* e políticos para atingir objetivos concretos. A estratégia não é nova e recorre a capacidades que não fazem parte da guerra tradicional para coagir ou subverter o inimigo.

Para responder às divergências relacionadas com os conceitos, assumiu-se um método de análise qualitativa em que, partindo do conceito de “Guerra Híbrida”, procuramos recolher elementos concretos sobre os diferentes termos que caracterizaram ao longo da história a evolução da guerra de forma a verificar se os mesmos foram usados pela Rússia na conduta das ações recentes na Ucrânia, de forma a permitir um melhor entendimento sobre a chamada “Guerra Híbrida” e, mais importante ainda, sobre o conceito russo “*Gibrinaya Voyna*”.

METODOLOGIA E MÉTODO

A existência de uma vasta quantidade de informação permitiu uma articulação entre o conflito na Ucrânia e as concepções tanto de *guerra* como de *guerra híbrida*. Assim a investigação em causa permite especificar melhor o conhecimento acerca do conflito e determinar consequências que daí possam surgir. O método utilizado é o **indutivo**, isto é, o estudo de um acontecimento em particular (conflito que subsiste na Ucrânia desde 2014) com vista à descoberta de conceitos gerais.

Instrumentos de recolha de dados

Foram realizados trabalhos de investigação através da recolha documental. As conclusões terão por finalidade, por um lado, confirmar os métodos e ações levadas a cabo pela Rússia, e por outro, quais as verdadeiras causas e consequências do conflito.

Questão Central

A questão central a que se pretende responder é a seguinte: Quais as particularidades e características da Guerra Híbrida russa realizada no conflito na Ucrânia, em especial na Crimeia e na região de Donbass?

Questões Derivadas

Da questão central derivam outras questões que dão corpo e fundamentam a nossa pesquisa: 1) Qual o significado de Guerra Híbrida no Ocidente? Decorrente disso 2) o que devemos entender por *Gibridnaya Voyna* na perspetiva russa? Terão o mesmo significado, se a resposta for negativa, quais as diferenças? Por outro lado, 3) Será que a “guerra híbrida russa” representa uma originalidade conceptual ou será apenas uma aplicação de métodos antigos às circunstâncias hodiernas? Em quarto lugar, 4) Por que razão o termo Ocidental e o termo russo foram tão politizados? Por fim, 5) Quais as principais formas de defesa que a Ucrânia realizou contra a denominada *Gibridnaya Voyna*?

ENQUADRAMENTO TEÓRICO E CONCEPTUAL

Neste capítulo pretende-se apresentar a evolução do conceito de Guerra Híbrida e os seus contextos de aplicação. Com o corpo de conceitos desenvolvidos, desconstruímos o conceito de Guerra Híbrida, avaliando a sua evolução e identificamos o que diferencia os termos Guerra Híbrida e *Gibridnaya Voyna* e a sua semelhança com conceitos anteriores.

ESTADO DA ARTE E REVISÃO DE LITERATURA

A dificuldade na definição conceptual da Guerra Híbrida tem dificultado o seu consenso internacional, com fortes divergências na interpretação do fenómeno, nas suas origens, assim como, na sua tipologia e forma de as combater. Uma das principais dificuldades está relacionado com a linguagem existindo, tanto na literatura ocidental como na Rússia, uma diversidade de termos relacionados com a temática, que são usados de forma indiscriminada, sem definição consensual e com diferenças significativas quando analisadas sob a perspetiva ocidental ou, por outro lado, sob a perspetiva russa. Nesse sentido, é importante definir e distinguir os diferentes conceitos. Desta forma, o foco será a distinção entre Guerra Híbrida e a Guerra Híbrida russa (*Gibridnaya Voyna*) e como estes termos têm servido objetivos políticos por um lado e militares por outro.

A investigação faz um levantamento de conceitos que influenciaram o termo Guerra Híbrida, desde a introdução do conceito de Guerra Irrestrita, com a publicação de um artigo académico escrito por dois coronéis chineses, Quiao Liang e Wang Xiangsui em 1999, passando pelos conceitos posteriores nomeadamente, Guerra de Quarta Geração, Guerra Composta, Guerras Limitadas, terminando com a sua formulação russa, denominada por *Gibridnaya Voyna*.

Depois de realizada a definição conceptual do conceito de Guerra Híbrida e da sua evolução histórica passamos a analisar mais concretamente as manobras, a estratégia e a atuação por parte da Federação da Rússia ou, mais concretamente, as características da *Gibridnaya Voyna*.

Seguidamente, entramos no capítulo onde é feita uma descrição dos acontecimentos verificados no conflito na Ucrânia, ou seja, é efetuado um estudo de caso, descrevemos os acontecimentos e as manobras empregues pelos participantes no conflito, em especial a Rússia, e procuramos enquadrar com o conceito central da

dissertação (Guerra Híbrida) para sabermos se as táticas e estratégias coincidem com a teoria desenvolvida.

Acadêmicos e militares ocidentais como Chivvis, 2017 e Hoffman, 2009 procuram criar mecanismos que possibilitem uma resposta positiva e eficiente às manobras híbridas, para isso diversos teóricos trabalharam em busca de conceptualizar e caracterizar esses novos conflitos. É importante entender que as “novas guerras” não são necessariamente novas, pois a maioria das suas características como o recurso ao terrorismo, a subversão, a guerra civil, os conflitos de baixa intensidade, as guerrilhas, assim como o recurso a milícias já foram empregues no passado em diversos conflitos.

É necessário refletir que o processo para conceptualizar um novo fenómeno possui diversos problemas. Como denuncia Fridman (2018), o uso do conceito de Guerra Híbrida, antes limitado ao domínio militar, passou a ser empregue no discurso político, tanto dos EUA e do Ocidente como na Rússia. Esse jogo de acusações contribui para uma intensificação da indefinição conceptual que a Guerra Híbrida contém.

Com o objetivo de contribuir para um fortalecimento do debate em torno da Guerra Híbrida e clarificar a sua relação com o pensamento militar russo e o respetivo conceito russo (*Gibridnaya Voyna*), a presente dissertação tem como principal objetivo identificar se o conceito de Guerra Híbrida, cunhado principalmente por pensadores ocidentais, pode ser aplicado ao modelo de guerra russa, identificado na sua atuação na Ucrânia em 2014, o que culminou com a anexação da Crimeia. Para isso, foi feita uma análise sobre a construção dos conceitos de Guerra Irrestrita, Guerra de Quarta Geração, Guerra Composta, Guerra Limitada que influenciaram diretamente na construção do conceito de Guerra Híbrida, sendo este, na sua vertente russa, o foco desta pesquisa. Por último, foi realizada uma análise sobre a perspetiva russa e a *Gibridnaya Voyna* e a sua relação com esse conceito.

Relativamente aos precedentes da Guerra Híbrida, começamos por descrever o conceito de Guerra Composta que foi apresentado por um americano, chamado Thomas Huber, no seu artigo intitulado “*Compound Warfare: That Fatal Knot*”. O autor defende que a Guerra Composta é “a utilização simultânea de forças regulares e irregulares ou forças de guerrilha contra o inimigo...aumenta a sua capacidade militar

através da utilização de forças convencionais e não convencionais em simultâneo” (Huber, 2002, p. 1). O autor defende que a guerra composta é utilizada quando um estado mais pequeno ou mais fraco está a ser parcialmente ocupado por uma superpotência.

T. Hammes refere que a Guerra Quarta Geração usa todos os domínios possíveis – Economia, Social, Militar – para convencer o decisor político adversário de que os seus objetivos políticos são intangíveis ou são demasiados dispendiosos em função dos benefícios, considerando como uma “forma de insurgência evoluída”, não com o objetivo de vencer o adversário, mas destruir a sua vontade de combater. (T. Hammes, 2006, p. 2) De acordo com o autor, as grandes mudanças na evolução do fenómeno “guerra” ao longo da história humana resultou na mudança de uma sociedade industrial para uma de informação. É necessário a mudança de toda uma sociedade para que sejam criadas as condições necessárias para grandes mudanças na guerra (Hammes, 2006, p. 31).

Alexander Lanoszka refere que a forma que a Rússia empregou o uso da força contra a Ucrânia desde o início de 2014 tem sido encarada como uma “Guerra Híbrida”. Ao invés de realizar operações militares abertas para assegurar os respetivos objetivos políticos na Ucrânia, a Rússia adotou uma abordagem mais subtil de forma a conseguir rejeitar qualquer envolvimento, enquanto consegue reduzir os custos associados a um ataque armado direto. (Lanoszka, 2016, p. 1)

Galeotti, no seu artigo intitulado *“Hybrid, ambiguous, and non-linear? How new is Russia’s new way of war?”* refere que as recentes operações russas na Ucrânia, em particular as que recorreram ao uso de milícias, gangsters, operações de informação, Serviço de Informações e forças especiais, provocaram preocupação no Ocidente sobre uma “nova forma de guerra”, descrita como “híbrida”. Operações essas que são distintas em termos da utilização de meios não-convencionais, a integração de atores não estatais, e uma estreita ligação entre o domínio militar e político. (Galeotti, 2016, p.282).

Voyger defende, no seu artigo, que muitos atores têm utilizado, ao longo da história, meios não militares para dividir e derrotar o inimigo, porém a guerra híbrida do século XXI adquiriu uma nova relevância, no sentido em que foi elevada para se tornar o “estilo de combate” das potencias mais fracas, revisionistas e revanchistas

que lutam para aumentar o seu poder no âmbito internacional mas que não se atrevem a iniciar uma guerra convencional que resultaria numa derrota militar ou num confronto nuclear. Assim, recorrem à combinação de meios militares e não militares para dividir e derrotar o oponente sem confronto direto. A guerra híbrida recorre a uma diversidade de meios que inclui coação política, diplomática, económica e financeira, bem como legal e sociocultural enquanto atinge infraestruturas críticas, dissemina desinformação e recorre a milícias e grupos criminais. (Voyger, 2021, p.3).

Fridman defende que o conceito de *Gibridnaya Voyna* (tradução russa de Guerra Híbrida) tem a sua génese num entendimento russo sobre a guerra como um fenómeno não apenas político, mas também social, que partilha características com a teoria da subversão de Messner, a teoria de Dugin e a guerra centrada em Rede, e a teoria de Panarin sobre a guerra da informação. De acordo com o autor estas teorias percecionam uma guerra não militar para “destruir o espírito do adversário enquanto conseguem gradualmente corroer a sua cultura, valores e autoestima” (Fridman, 2018, p. 97)

CONTEXTO HISTÓRICO

OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO NA GRÉCIA ANTIGA: DE ULISSES A ALEXANDRE, O GRANDE

As operações secretas remontam a cerca de três milénios atrás. Com origens na literatura ocidental e nas aventuras de Ulisses, figura-chave em “Ilíada”, o poema de Homero retrata os quarenta dias de luta em Troia. Ulisses não estava, inicialmente, preocupado com “missões secretas” e operações de Informação, mas sim à procura de glória e vingança. No entanto, devido à sua capacidade para ludibriar o inimigo ficou conhecido como Ulisses “o Astuto”. Já Atena dizia para Ulisses: “Somos ambos peritos na dissimulação: tu entre os homens, eu entre os deuses”. (Andrew, 2018, p.27)

Seja em “Ilíada”, mas também em “Odisseia”, enganar ou falsear o inimigo levou Ulisses a desenvolver capacidades de espionagem. Durante a Guerra de Troia, Ulisses ofereceu-se para acompanhar Diomedes numa missão secreta de espionagem ao inimigo. Durante a missão conheceram um espião troiano, Dólón, que se dirigia em sentido oposto para espiar os Gregos. Ulisses persuadiu Dólón a acreditar que a vida deste seria poupada caso divulgasse informação acerca da capacidade militar das forças de Troia, no entanto, assim que a informação foi divulgada por Dólón, este foi aniquilado. Com a informação fornecida por Dólón, Diomedes e Ulisses utilizaram-na para secretamente penetrarem o campo inimigo dos aliados de Troia, os Trácios, matarem o Rei Rhesus e alguns soldados. (Andrew, 2018, p.27)

Este episódio, bem como o conhecido caso do “Cavalo de Troia”, exemplifica bem as origens da recolha de informação, o disfarce, a dissimulação e o seu uso para vencer o inimigo sem o confrontar diretamente. Como Sun Tzu defende na sua obra:

“Na Guerra, pratique a dissimulação e será
vitorioso”²

Também nos tempos áureos da Democracia Ateniense, no Séc. V a.c., o grande desenvolvimento na educação e na cultura não se estendeu à área da Informação. Até ao início do Séc. IV a maioria dos comandantes gregos

² Sun Tzu, *A Arte da Guerra*. Capítulo VII – Manobras. pp. 69. Clássica Editora.

negligenciaram até a mais pequena recolha ou manipulação de informação classificada acerca dos seus potenciais inimigos. (Andrew, 2018, p.36)

O historiador, soldado e filósofo Xenofonte foi o primeiro a escrever sobre *reconhecimento* e *vigilância*. Foi também pioneiro a referir a importância da reflexão e crítica por parte dos espões antes das batalhas e a importância de recrutar agentes capazes de se infiltrar em território inimigo sem levantar suspeitas, indicando como potenciais candidatos, os comerciantes. Xenofonte era da opinião de que a recolha de informação por parte dos humanos era mais importante que o uso do poder divino para alcançar o conhecimento dos deuses. (Andrew, 2018, p.36)

Aristóteles, o grande filósofo do Séc. IV a.c. da Grécia, não dispensava o poder Divino, e aceitava a possível “transferência” do conhecimento divino de Deus para o Homem como um acontecimento “natural”. Mas defendia com mais veemência um olhar cético, afirmando que “se alguns animais sonham, é de concluir que os sonhos não são enviados por Deus”. O trabalho desenvolvido por Aristóteles em relação à recolha de informação é relativo à vigilância efetuada sobre aqueles que representavam uma ameaça ou que poderiam despoletar uma revolução do sistema político. Na sua obra “Política”, da qual não existem dúvidas da sua autenticidade, Aristóteles argumenta a necessidade de existir um “olhar atento” sobre potenciais dissidentes ou opositores capazes de viver de forma contrária à constituição. Os regimes autoritários em particular, necessitavam de espões para se infiltrarem no meio social e denunciarem possíveis opositores ao regime. O mais famoso de entre os pupilos de Aristóteles era Alexandre, o Grande. À imagem de outros autocratas da sua época, Alexandre tirava partido das tensões existentes nos tribunais com recurso a conspirações, verdadeiras ou fabricadas, para abolir qualquer tipo de oposição. Os seus planos secretos incluíam, necessariamente, o recurso a espões e informadores. Aliás, o seu reino começa com uma conspiração contra o seu próprio pai, que foi assassinado, tomando Alexandre o trono e assumindo o poder. (Andrew, 2018, p.37)

As campanhas que permitiram a Alexandre, o Grande conquistar grande parte do mundo, desde a Grécia até ao Paquistão (atualmente) em apenas décadas, está no facto deste ser proficiente na aquisição de informação previamente às suas conquistas, desde o reconhecimento de terreno às variações de temperatura de determinado trajeto, tudo era planeado. Toda esta informação recolhida permitiu a

Alexandre atravessar terrenos onde milhares sucumbiram devido à fome e à desidratação. (Andrew, 2018, p.38)

ORIGEM DOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÕES³ DA RÚSSIA

Na **Segunda Guerra Púnica** (218 – 201 a. C.), Roma enfrentou uma dificuldade acrescida face ao General Cartaginense, Hannibal, um dos maiores estrategas na história militar, que alcançou sucesso contra Roma. Hannibal também demonstrou grande capacidade para a recolha de informação. O General era cético em relação às crenças divinas, neste tempo era considerado um antípoda do sistema. É historicamente conhecido o sistema de informações de Hannibal, incluído a capacidade de levar 40.000 soldados e 9.000 cavaleiros somando um esquadrão de elefantes através dos Alpes. Este alcance deve-se ao facto de Hannibal ter espiões no exército romano e na cidade de Roma. Durante as investidas, Hannibal ganhou 3 grandes batalhas que não se devem simplesmente ao facto de este ter uma capacidade de liderança sem precedentes, mas também à sua capacidade para *Recolher Informação* sobre os Romanos bem como ao *Reconhecimento* prévio dos diversos terrenos de forma a surpreender e enganar o inimigo. (Andrew, 2018, p.42)

QUARTA DIRETORIA DO EXÉRCITO VERMELHO

O Serviço de Informações militar da Rússia tem as suas origens em 1918, sob a liderança de Leon Trotsky. Idêntico às agências civis de Informações fundado pelos Bolcheviques durante a Guerra Civil russa, o Serviço de Informações militar da Rússia tinha inicialmente como principal missão a proteção do regime dos contrarrevolucionários. Denominado inicialmente como “Departamento de Registo” (ou *Razvedupr*), o Serviço ficou conhecido como “Quarta Diretoria do Exército Vermelho”. Posteriormente foi evoluindo para a *Recolha de Informação* no estrangeiro de apoio às políticas soviéticas. As atividades incluíam a recolha de informação com recurso a agentes especializados em espionagem tradicional, disseminação de propaganda, operações de desinformação e operações de sabotagem, mais conhecidas como “operações ativas” (активные мероприятия). Nos anos 20 e 30, a

³ Ao Serviço de Informações compete RECOLHER, PROCESSAR E DIFUNDIR informações no quadro da Segurança Interna e Externa, nos domínios da sabotagem, do terrorismo, da espionagem, incluindo a espionagem económica, tecnológica e científica e de todos os demais atos que possam alterar ou destruir o Estado

Quarta Diretoria também ganhou reputação pelas abordagens agressivas e cruéis, que resultaram em diversos conflitos diplomáticos. (Bowen. 2020. p. 2)

A unidade desenvolveu rivalidades internas com outras agências de Informações, em luta pela reputação, influencia e responsabilidade. O fundador da *Cheka* (antecessor da KGB) por exemplo, responsabilizava a *Razvedupr* pelos diversos conflitos com estados vizinhos da Rússia. A Quarta Diretoria tinha relações próximas com o “Comintern” (Internacional Comunista), responsável por diversas atividades e o recrutamento de agentes, o que culminou numa relação antagónica com o **Sovnarkom**⁴ devido a resultados inesperados causados pela exposição de diversas operações em curso. (Bowen. 2020. p. 2)

GRU

Em consequências dos vários conflitos internos e de forma a simplificar as operações, o Departamento Central de Informações (GRU) foi fundado em 1942. Durante a Segunda Guerra Mundial, o GRU foi responsável pelo supervisionamento das operações de sabotagem e subversão contra os nazis. Posteriormente á Guerra, o GRU foi promovido e colocado sob a alçada do Estado-Maior, ao lado do KGB. Foi atribuída a responsabilidade pela condução das operações de Informações, tanto legais (ações diplomáticas) como as não oficiais no estrangeiro, principalmente a aquisição de informação relevante e até secreta a respeito da tecnologia e capacidade militar ocidental. (Bowen. 2020. p. 2)

O GRU é ainda responsável pela criação das forças especiais conhecidas como *Spetsnaz* (Войска **С**пециального **Н**азначения – Forças para fins especiais). A partir da experiência na Guerra Civil russa, tanto a NKVD⁵ (um precursor do KGB) como o GRU treinaram unidades especializadas em sabotagem e operações de guerrilha. Em 1950 estas unidades desenvolveram capacidades de reconhecimento de longo alcance com o intuito específico de atingir o Centro de Comando da NATO e as respetivas armas nucleares. (Bowen. 2020. p. 3)

Ao longo da Guerra Fria, o GRU ganhou experiência através do apoio, treino e gestão de aliados em diversos conflitos locais, A *Spetsnaz* desempenhou um papel

⁴ O Conselho do Comissario do Povo foi a autoridade governamental máxima sob o sistema soviético em estados controlados pelos bolcheviques.

⁵ Comissariado do Povo para Assuntos Internos: cabia ao NKVD controlar a economia e o serviço secreto (NKVD – Wikipédia, a enciclopédia livre (wikipedia.org))

fundamental nas invasões soviéticas na Hungria, em 1956, e na Checoslováquia, em 1968. Também adquiriram bastante notoriedade durante a invasão ao Afeganistão de 1979 a 1989 onde desenvolveram operações de assalto e emboscada e esteve igualmente envolvida no assassinato do líder afegão, Hafizullah Amin (Bowen. 2020. p. 2).

Depois da dissolução da União Soviética, em 1991 o GRU, bem como o Ministério da Defesa e outros Serviços de Informações, reivindicaram apoio financeiro e político na Rússia. Com a desintegração da KGB em diversas organizações, o GRU reclamou mais reputação e lutou contra a desintegração ou desvalorização da sua missão em prol de outras organizações de segurança que estavam a surgir. Apesar da perda de agentes e de recursos financeiros, o GRU conseguiu garantir o seu papel nas operações de informação no estrangeiro. (Bowen. 2020. p. 2)

GUERRAS HÍBRIDAS – DEFINIÇÃO CONCEPTUAL

O termo “Híbrido” tem origem no latim. Era utilizado no Império Romano para referir uma criança filha de pais com estatuto social diferente (por exemplo, um romano e um escravo). Posteriormente, passou a referir-se a fenómenos, entidades ou ações com natureza heterogénea, ou seja, a combinação de métodos integrados ou combinados entre si (Mark Voyger 2021).

O conceito apareceu no início do Séc. XXI quando as potências ocidentais se confrontaram com ambientes complexos e irregulares, como no Afeganistão e o Iraque, e os teorizadores militares tentaram analisar e explicar o seu desenvolvimento. Esta temática ganhou ainda especial importância durante a intervenção russa na Ucrânia e a consequente anexação da Crimeia, que levou a NATO a classificar como uma “abordagem híbrida” à guerra. O termo foi alvo de discussão no âmbito da Cimeira de Gales, em 2014, onde ficou definido um aumento da despesa na Defesa e uma atitude mais firme face às ameaças híbridas, onde uma vasta “gama de medidas militares cobertas e encobertas, paramilitares e civis eram empregues num enquadramento integrado elevado. (Fernandes, 2016, p. 20).

Ofer Fridman defende que houve uma certa politização e militarização do termo “Guerra Híbrida”, não só no Ocidente, mas também se verifica em domínio russo. Por um lado, concluímos que existe a utilização da Guerra Híbrida por parte da Rússia no conflito contra a Ucrânia em 2014, por outro, há quem argumente a utilização de estratégias híbrida por parte do Ocidente contra a Rússia. Assim, torna-se necessário uma análise mais detalhada do que devemos entender por “Guerra Híbrida”. (Fridman, 2018, p. 6).

A designação “Guerra Híbrida” foi pela primeira vez empregue pelo Oficial da Marinha, Frank Hoffman, de forma a dar resposta e a desafiar as crenças enraizadas no exército dos EUA sobre o *uso da força* no ambiente pós-guerra. Na opinião de Hoffmann, a “Guerra Híbrida” é uma construção analítica que pode explicar o sucesso alcançado por oponentes relativamente mais francos – atores não estatais como Talibãs, Al Qaeda ou Hezbollah – contra as forças norte-americanas, militarmente superiores, no Afeganistão e Iraque e forças de Israel na Guerra do Líbano de 2006 (Bettina Renz, 2016, p. 285).

O que torna uma Guerra “híbrida” é o uso coordenado e combinado de diferentes meios de guerra, tanto militares (uso da força) bem como não militares (táticas irregulares, desordem criminosa, atos terroristas, e assim por diante), para alcançar “efeitos sinérgicos nas dimensões física e psicológica do conflito” dentro do espaço de batalha principal e fora dele (Hoffman, 2007, p. 8).

De acordo com Hoffman, a Guerra Híbrida está ao alcance tanto de atores estatais como não estatais e resulta na aplicação de um leque de táticas e ferramentas que inclui a utilização de capacidades convencionais, táticas e formações irregulares, atos terroristas assim como o uso de violência de forma indiscriminada, coerção e desordem criminal. (Fridman, 2018, p. 15).

Enquanto no passado as componentes regular e irregular dos conflitos ocorriam em diferentes teatros e diferentes formações, no caso da guerra híbrida estas forças tornaram-se indistintas, são aplicadas no mesmo campo de batalha, com a componente irregular muitas vezes a tornar-se “operacionalmente decisiva”. Nas guerras híbridas, um dos principais objetivos é a destabilização do governo do adversário e as suas instituições, criando o caos e um vazio de poder. (Fernandes, 2016, p. 22).

Esta destabilização das instituições passa muitas vezes pela **manipulação de partidos políticos** de países estrangeiros através de partidos subsidiados ou com relações próximas a Moscovo. Por outro lado, também recorrem a **manifestações políticas** onde procuram apoiar grupos separatistas que, no caso da Rússia, sejam anti Europa ou contra políticas prejudiciais aos interesses de Moscovo ou que de alguma forma possam interferir de forma positiva para uma maior dependência por parte dos países sob influencia soviética. (Treverton, Thvedt, Chen, Lee, McCue, p. 52).

De acordo com o *European Centre of Excellence for Countering Hybrid Threats* o termo “ameaça híbrida” refere-se a “uma ação conduzida por atores estatais e não estatais cujo objetivo é minar ou prejudicar um alvo, combinando meios militares e não militares” (Hybrid CoE).

Apesar do conceito não ser totalmente inovador, a tese de Hoffman oferece uma explicação bastante significativa para o termo híbrido e para a utilização de capacidades regulares e irregulares que foram realizadas no passado. No entanto o

argumento de Hoffman oferece uma nova perspectiva na análise do debate hodierno acerca de ameaças híbridas bem como a sua aplicação nos conflitos do Séc. XXI. (Fridman, 2018, p. 15).

Em referência à Rússia, “Guerra Híbrida” significa a utilização de um conjunto de técnicas subversivas, algumas não militares, para expandir o interesse nacional russo. Moscovo recorre aos meios híbridos de forma a garantir que determinadas questões político-estratégias são tratadas de acordo com os objetivos pretendidos como: denegrir e enfraquecer a NATO; prejudicar ou influenciar os governos pró-ocidentais; criar um precedente para a guerra; anexar território (com especial predominância em países ex-soviéticos); e assegurar a manutenção da presença russa nos mercados europeus. (Chivvis, 2017, p.1).

A utilização de estratégias híbridas remonta à Era Soviética, quando Moscovo recorria a técnicas subversivas, denominadas “operações ativas” (активные мероприятия), de forma a conseguir influenciar e moldar as decisões políticas na Europa. Por exemplo, os Sovietes fundaram o “eurocomunismo” e incitavam a manifestações contra as armas nucleares e tinham a capacidade de influenciar os meios de comunicação europeus. (Chivvis, 2017, p. 1).

Com o fim da Guerra Fria e posterior colapso da União Soviética, estas atividades acabaram por se dissipar, não só devido à escassez de recursos em consequência de uma economia débil, mas também porque os interesses em prosseguir-los, causa de uma maior proximidade entre a Europa e a Rússia nos anos 90, eram diminutos.

Com as “Revoluções Coloridas”⁶, na Geórgia em 2003 (Revolução Rosa) e na Ucrânia em 2004 (Revolução Laranja), as relações com o Ocidente começaram a deteriorar-se. Consequentemente, devido ao aumento de investimento no estrangeiro e também uma subida no preço do petróleo, a Rússia recuperou os meios que tinha perdido nos anos 90 e investiu fortemente na Defesa e Segurança nacional (Chivvis, 2017, p. 8).

As táticas híbridas perpetradas pela Rússia hoje, apesar de algumas semelhanças com as realizadas durante a Guerra Fria, têm na sua essência métodos

⁶ designação atribuída a uma série de manifestações políticas de oposição que envolveram a derrubada de governos considerados antiamericanos e a substituição por governos pró-Occidentais.

e estratégias diferentes. A quantidade e a qualidade das operações de Informação são hoje muito mais eficazes e eficientes, especialmente pelas oportunidades e ferramentas fornecidas pela Internet, Redes Sociais e a interligação de dados. A utilização de ciberoperações é a grande novidade nas operações hodiernas, especialmente pelo facto de ser a principal “arma” pela qual a Rússia realiza ações de influência económica em países estrangeiros. A proximidade que a tecnologia possibilita, comparada com a época da Guerra Fria, facilita a infiltração nas sociedades ocidentais sem a movimentação avultada de recursos nem investimentos dispendiosos. As operações de hoje diferem das anteriores devido à sua conotação menos ideológica comparadas com a visão marxista e a expansão do socialismo universal de outros tempos. (Chivvis, 2017, p. 8).

A primeira e talvez a principal característica da Guerra Híbrida russa é **economizar o uso da força**. A Rússia sabe que a NATO não toleraria um ataque militar direto e também não existem certezas de que a Rússia esteja capacitada e tenha os meios necessários para tão ousada ação, tendo em conta que a economia do país enfrentou, depois de 2014, com a invasão da Ucrânia e a posterior queda do valor do petróleo em 2015, dificuldades de sustentabilidade da economia da Defesa (Christie, 2016, NATO).

No entanto, encontra-se em franca recuperação com a implementação de um plano de modernização e investimento na Defesa. Moscovo procura, ao invés de tentar uma ação direta com recurso a uma ameaça nuclear, investir em ferramentas eficientes no ciberespaço, desta forma consegue, com menos recursos e com mais eficácia projetar o Poder. (Chivvis, 2017, p. 2).

A segunda característica é a **persistência**. As guerras híbridas tornam muito ténue, quase indistinguível, a separação entre Guerra e Paz. A intensidade do conflito é constantemente alterada, sendo esta talvez a grande novidade comparada com a Guerra tradicional. A estratégia da Guerra Híbrida está em constante evolução, ao contrário da Guerra tradicional onde a estratégia deve ser definida *á priori*, nesta nova dimensão a estratégia está em constante adaptação, sendo os ataques caracterizados pela tentativa e erro. (Chivvis, 2017, p. 2).

Por último devemos referir a **centralidade da população**, isto é, a manipulação exercida sobre a população, com recurso a operações de

(des)informação e outras operações de influência através da propaganda política e social, transformando a narrativa em prol dos interesses pretendidos. (Chivvis, 2017, p. 2).

As operações híbridas russas são caracterizadas ainda por 3 objetivos principais: O primeiro objetivo da Guerra Híbrida russa é **alcançar território sem recorrer a meios militares ou convencionais**. Este foi o objetivo alcançado pela Rússia na anexação da Ucrânia em 2014. A subversão na Crimeia foi perpetrada por soldados denominados “homens de verde”, patrocinados pelo Kremlin, mas que nunca foram reconhecidos como tal. A utilização das unidades especiais, em consonância com uma guerra da informação, criou as condições ideais para um desfecho incruento, característico das Guerras modernas. A Rússia encontrou inspiração nos métodos aplicados em 2008, durante a invasão da Geórgia. (Chivvis, 2017, p. 2).

Os consequentes “conflitos congelados”, tanto na Geórgia como na Ucrânia, tem dificultado a adesão destes países à Europa. Como declarou Valeri Gerasimov⁷ num artigo de 2016:

*“As próprias “regras da guerra” mudaram. O papel dos meios não militares para atingir objetivos políticos e estratégicos tem crescido e, em muitos casos, excederam o poder das armas na sua eficácia”.*⁸

O segundo objetivo está relacionado com a **criação de um pretexto para recorrer a meios militares convencionais**. Com a anexação da Crimeia surgiram preocupações de que o Kremlin poderia recorrer a estratégias híbridas para levar a cabo operações militares em diversos locais. A Rússia procura fomentar uma narrativa de apoio às minorias, como aconteceu na Estónia em 2007, de forma a descredibilizar o governo e classificá-lo como opressivo, para posteriormente tirar partido da mesma narrativa de forma a justificar uma intervenção militar em prol dessas mesmas minorias. Estas operações incluem a utilização, em simultâneo, de

⁷ Comandante das Forças Armadas russas

⁸ Valery Gerasimov (2013), “The Value of Science is in the Foresight,”. VPK

ciberoperações com o objetivo de aumentar as tensões já existentes. (Chivvis, 2017, p. 3).

Por último, as **medidas híbridas exercidas sobre os governos e as decisões políticas no Ocidente** (e outros países) são a forma principal que a Rússia tem para garantir que os resultados obtidos favorecem os interesses de Moscovo. Os mais vulneráveis são países com sistemas jurídicos débeis e com medidas de combate à corrupção fracas, onde grupos políticos (ou *lobbies*) partilham interesses comuns com o Kremlin. Porém nem mesmo os países bastante consolidados como os EUA estão livres de interferência estrangeira. (Chivvis, 2017, p. 3).

Considerando que as táticas e estratégias não surgem só por si, significa que a contextualização histórica é fundamental para entendermos a evolução do conceito da Guerra Híbrida, para um melhor entendimento serão analisadas de seguida as fontes que influenciaram a ideia do conceito de “Guerra Híbrida”, nomeadamente: **Guerra Irrestrita (GI), Guerra de Quarta Geração(G4G), Guerra Composta (GC).**

GUERRA IRRESTRITA

As palavras “Guerra Irrestrita” surgem pela primeira vez com a publicação de um artigo académico escrito por dois coronéis chineses, Quiao Liang e Wang Xiangsui. (Metz. 2014. p. 1)

Originalmente, foi atribuída uma conotação negativa por parte dos académicos americanos que a descreveram como estratégias onde não existem limites ou quaisquer regras no campo de batalha – e que tudo o que contribui para a vitória é admissível ou deve ser considerado. Também classificaram a obra como sendo a utilização de diversos ataques de forma simultânea contra o sistema social, económico e político do adversário que ignora ou ultrapassa “os limites entre o campo de batalha e o que não é campo de batalha, o que é arma e o que não é arma, o que é soldado e o que é civil, o que é estado e o que não é estado”. Descrevem essencialmente como sendo a forma pela qual uma potência mais fraca consegue equilibrar as desvantagens. (Metz. 2014. p. 1)

Na verdade, uma interpretação menos conflituosa seria “Guerra além-fronteiras” ou numa tradução ainda mais fiel seria “Guerra que ultrapassa fronteiras”. Esta perspetiva de ultrapassar limites permite uma conotação positiva ao contrário daquela oferecida pelo termo “irrestrita” que ilude o leitor e o conduz para uma visão

de que tudo vale e não existem regras, quando na verdade a teoria intenciona transmitir a ideia de que é possível ultrapassar limites dentro das limitações e restrições existentes e não uma visão de expansão e ilimitação total. (Fridman, 2018, p. 16).

A Guerra Irrestrita inclui a utilização diversificada de táticas, por um lado com recurso a *hackers* informáticos para atingirem sistemas militares ou governamentais e, por outro, a aplicação de operações de guerrilha. Também é característico deste tipo de guerra o terrorismo financeiro. (Hammes, 2004. p. 243).

Se fizermos uma leitura puramente ocidental devemos depreender que as linhas do texto transmitem a ideia de que quem recorre à Guerra Irrestrita pode utilizar todos os meios – militares e não militares – para ganhar a guerra (Hammes, 2004. p. 243).

Como iremos verificar, e na opinião de Hoffman: “uma leitura mais atenta do texto permite revelar conclusões úteis e inteligíveis”. O livro dos coronéis contribui de três formas para o campo da estratégia: primeiro, para a análise do fenómeno da guerra; em segundo, para uma análise da transformação da guerra no final do Séc. XX, a partir da Guerra do Golfo, em 1990 - 91, como símbolo dessa transformação; em terceiro, para uma conceptualização dos futuros conflitos no Séc. XXI. (Fridman, 2018, p. 16)

O princípio característico da guerra irrestrita reside na importância da combinação, isto é, combinar dois ou mais fatores de forma a alcançar a vitória sobre o adversário. Através da observação de diversos exemplos, desde história militar chinesa até à história Ocidental, os autores concluíram que “apesar da época em que ocorreu o conflito, seja há 3000 anos atrás ou no final do Séc. XX, na guerra ganha aquele que tiver a melhor combinação”. (Fridman, 2018, p. 17).

De acordo com alguns teóricos, o conceito apresenta métodos de guerra que permitem aos países como a China confrontar adversários, com significativa superioridade militar e tecnológica, como os EUA. A Guerra Irrestrita recorre a múltiplos meios, militares e não militares, para contra-atacar o inimigo durante o conflito. Os ataques neste tipo de guerra podem incluir: pirataria informática, subversão do sistema bancário, subversão do mercado financeiro, manipulação da moeda, terrorismo, desinformação. Uma análise ao impacto do progresso tecnológico

e da globalização na natureza da guerra permite concluir que a guerra sofreu, na sua essência, alterações substanciais, que extravasa o teatro militar e desenvolveu “um novo conceito de armas”. (Wither. 2016. p.78)

Quiao e Wang defendem que a integração tecnológica e a globalização, que marcaram a segunda metade do Séc. XX, permitiram o desenvolvimento e o surgimento exponencial de combinações mais complicadas e sem precedente. De acordo com a teoria de guerra irrestrita, a tecnologia e a geopolítica do Séc. XX criaram condições que apenas serão solúveis por parte dos estrategas se aplicarem “um conjunto de combinações que ultrapassem fronteiras”. (Fridman, 2018, p. 18).

Em termos de desenvolvimento tecnológico e globalização, devem ser realçados dois acontecimentos distintos, mas complementares:

Por um lado, **a tecnologia** e as novas técnicas de guerra, como é o exemplo do recurso a vírus informáticos durante o combate, são denominadas “armas leves”, mas os seus objetivos continuam a ter na sua génese a doutrina de Clausewitz, isto é, “a guerra é um ato de força destinado a compelir o nosso inimigo a fazer a nossa vontade”⁹. Como é referido em “Guerra Irrestrita”, uma guerra que recorre a “armas leves” e na qual o derrame de sangue é evitado, continua a ser guerra. (Wither. 2016. p.78)

Devido à influência dos mercados e da tecnologia moderna sobre a vida das pessoas, as guerras do futuro serão caracterizadas pelas formas não tradicionais e métodos menos evidentes, pautados pela possível redução da violência militar, e um aumento considerável da violência política, económica e tecnológica. Como consequência, o princípio da guerra deixará de ser “*um ato de força destinado a compelir o inimigo a fazer a nossa vontade*” para passar a ser “*o emprego de todos os meios letais e não letais, incluindo força militar e não militar para compelir o inimigo a aceitar os nossos interesses*”. Este ambiente securitário complexo, composto por diversos atores não estatais e operações não militares, possibilita ultrapassar todas as fronteiras e tornar-se um fenómeno sem limites. Todos os meios são considerados, a informação é abundante, o campo de batalha é vasto enquanto a fronteira entre Guerra e Paz, militar e civil são destruídos. (Cruceu. 2014. p. 234)

⁹ Clausewitz. 1984. p. 75

Por outro lado, podemos analisar a influência da **globalização** na Era das Tecnologias de Informação onde Qiao e Wang argumentam que mercenários¹⁰ e organizações não estatais representam uma ameaça cada vez maior para os estados soberanos e tornam-se adversários capazes de enfrentar as Forças Armadas com recurso a meios e métodos de guerra, os quais podemos destacar o terrorismo, o cibercrime e a manipulação financeira. (Fridman, 2018, p. 19).

Foi através destas duas observações, **por um lado a evolução tecnológica, e por outro a globalização** que levaram Qiao e Wang a desenvolver um conceito estratégico de “combinações que transpõem fronteiras” com o argumento de que a guerra moderna ofusca as fronteiras “técnicas, científicas, teóricas, psicológicas, étnicas, tradicionais, costumeiras entre outras”, elimina “a fronteira entre o campo de batalha e o que não é campo de batalha”, suprime “a fronteira do que consideramos arma e o que não é arma”, anula “a diferença entre o que consideramos soldado e o não-combatente, estado e não-estado”. (Fridman, 2018, p. 19).

Por outras palavras, torna o contexto altamente difuso e por isso ambíguo, o que contribui para um processo decisório altamente não linear e por isso lento e potencialmente pouco eficiente.

Os autores apresentam quatro formas de combinação, que caracterizam a guerra moderna: primeiro são as combinações “nacionais”, isto é, a combinação de organizações nacionais, internacionais e não-estatais que juntam mais meios e métodos e conseguem um alcance maior do que o próprio problema. a segunda combinação é caracterizada por “combinação de domínios”, que transcendem o campo de batalha. As novas tecnologias de informação e a globalização impõe uma sobreposição entre política, economia, força militar, cultura, diplomacia e religião. Novas formas de guerra surgiram tais como: guerra informacional, guerra financeira, guerra comercial e guerra psicológica (ou PSYOPS). A combinação destes domínios na guerra, constitui uma combinação que direciona todos os esforços para uma determinada dimensão que seja mais favorável para alcançar os objetivos pretendidos num conflito. A terceira combinação é designada por “combinações de meios” que se traduz na mescla de meios dentro de cada domínio da guerra que cria o efeito mais desejável no adversário. A última combinação, e talvez a mais

¹⁰ Acerca de milícias ver Capítulo XII, XIII e XIV em “o Príncipe” de Nicolau Maquiavel

significativa, é a “combinação de níveis” que combina todos os níveis do conflito numa única operação (Fridman, 2018, p. 19).

Pela observação dos desenvolvimentos geopolíticos, a partir da 2ª metade do Séc. XX, os autores observaram uma redução na violência militar em simultâneo com um aumento da violência política, económica e tecnológica. Por outras palavras, guerra irrestrita é uma tentativa de explicar e assumir uma predominância por parte dos métodos não tradicionais de violência – métodos não militares e não violentos – sobre os meios convencionais para conseguir atingir os objetivos pretendidos no campo de batalha do Séc. XX e do Séc. XXI (Fridman, 2018, p. 20).

Se os estrategas russos foram inspirados pela teoria chinesa, ou não, a verdade é que Moscovo tem adotado manobras irrestritas, otimizadas pela Era da informação, pela interdependência económica e pelas Redes Sociais. O ritmo das operações, tanto na dimensão física como no virtual, é mais veloz que alguma vez os teóricos chineses anteciparam. Estas operações são acompanhadas de operações provenientes de diferentes direções (Metz. 2014. p. 1).

A operação russa recorre a campanhas de desinformação para distorcer a realidade com o objetivo de atingir a população ex-soviética. Por outro lado, recorre a atores não estatais, como os “Cossacks” ou o gang “Night Wolves” e piratas informáticos patrióticos, assim como empresas ocidentais na Rússia. (Metz. 2014. p. 1)

Existem oito princípios caracterizadores da guerra contemporânea e que terão ainda mais influência nas guerras futuras que são a “omnidirecionalidade”; “sincronia”; “objetivos limitados e meios ilimitados”; “assimetria”; “esforço mínimo”; “coordenação multidimensional”; “ajustamento” e “controlo de todo o processo”¹¹ (Fridman, 2018, p. 21).

¹¹ As guerras futuras serão caracterizadas pela ténue distinção entre guerra e paz que terá como teatro de operações não só a terra, mar e ar, mas também incluirá outros domínios menos tradicionais como o domínio político, económico, cultural e psicológico. Por outro lado, as ações futuras serão realizadas de forma simultânea nos diferentes setores causa de uma maior facilidade de acesso concedida pela globalização e pelas novas tecnologias. Consequentemente, os atores internacionais mais fracos terão a possibilidade de atingir as vulnerabilidades das superpotências que, causa de uma maior conectividade, serão mais facilmente acessíveis.

É importante reter a conjugação de três ideias fundamentais da teoria:

Primeiro é necessário entender que o conflito entre humanos vai muito para além dos limites tradicionais do domínio militar tais como a infiltração de outros setores como a economia, política e cultura seja na sua dimensão nacional ou internacional. Os autores defendem que “...aquele que quer vencer as guerras de hoje, ou as de amanhã, deve combinar todos os recursos da guerra (militares e não militares) que tenha à sua disposição...” (Fridman, 2018, p. 22).

Como refere Sun Tzu na sua obra “A Arte da Guerra”:

“numa situação de batalha, não existem mais do que dois métodos de ataque: o direto e o indireto; contudo, quando combinados, estes dois métodos dão origem a uma série infinita de manobras”¹²

O **segundo** aspeto é o facto de os autores reconhecerem que não é total novidade a ideia de “combinação” ao reconhecerem que Alexandre, o Grande já usava há mais de 2000 anos atrás a mistura de meios e métodos para atingir os objetivos. No entanto, Qiao e Wang fazem uma observação das guerras modernas e dos futuros conflitos, e concluem que serão aplicadas técnicas e combinações como anteriormente, mas agora com recurso a ações, meios e métodos que nunca foram consideradas no passado. (Fridman, 2018, p. 22).

O **terceiro** e talvez o principal especto da Guerra Irrestrita são as mudanças sociais e tecnológicas que se verificaram a partir do final do Séc. XX que “transcendem fronteiras” e eliminam limites. Para reagir a estas alterações, o princípio deixou de ser “a utilização da força para coagir o inimigo a submeter-se à vontade do opressor” para passar a ser “a utilização de todos os meios, violentos e não violentos, militares e não militares, letais e não letais para sujeitar o inimigo aos interesses pretendidos” (Fridman, 2018, p. 22).

GUERRA DE QUARTA GERAÇÃO (G4G)

As “G4G” resultam de uma evolução que visa tirar vantagem das mudanças políticas, económicas, sociais e tecnológicas vividas desde a 2ª Guerra Mundial. (Fernandes, 2016, p. 15).

¹² SunTzu, *A Arte da Guerra*, Clássica Editora, p. 58

As “G4G” recorrem a todos os meios – políticos, económicos, sociais e militares – de forma a convencer os decisores políticos do inimigo de que os seus objetivos estratégicos são intangíveis ou têm um custo demasiado elevado quando comparado com os benefícios. (Hammes, 2004, p. 198).

A teoria tem a sua génese num artigo intitulado “The Changing Face of War: Into the Fourth Generation”, de 1989 de autores e oficiais fuzileiros norte-americanos sob a liderança de William Lind. Os autores defendem que uma análise à guerra moderna deve começar pela observação da Paz de Westfália de 1648 que colocou um fim à Guerra dos 30 anos e atribuiu o monopólio da guerra aos estados. (Fridman, 2018, p. 23). Esta fase que ocorreu após a Paz de Westfália é caracterizada pelo emprego predominante do “Principio da Massa” e que terminou com as campanhas napoleónicas. (Fernandes, 2016, p. 15).

As guerras dos séculos XVIII e XIX surgiram com o nacionalismo. Esta fase é caracterizada pela excessiva importância do valor da nação, que culminou na “centralização do poder e na criação de um monopólio da força dentro dos Estados”, com as guerras a serem regidas por códigos rígidos de conduta, onde existia uma separação delimitada entre combatentes e civis, e a vitória significava a rendição do inimigo. (Fernandes, 2016, p. 16).

Napoleão compreendeu o que podia ser conseguido com a força concentrada do Estado. A combinação da visão de Napoleão, da reforma militar prussiana aliada com a visão teórica de Clausewitz, estabeleceram as condições ideais para novas formas de guerra e para a aplicação da força. No fim da guerra Franco-Prussiana o paradigma da guerra industrial entre Estados estava quase completo, o avanço tecnológico e a modernização da indústria aumentaram a capacidade destrutiva das armas e a guerra sofreu alterações substanciais. A guerra industrial foi utilizada como um instrumento “de criação de preservação de nações na procura de vitórias decisivas através dela, revelando ser de extrema utilidade” (Fernandes, 2016, p. 16).

Com a 1ª Guerra Mundial, a evolução tecnológica e o nacionalismo provocaram uma barreira pouco ténue entre o mundo militar e o civil. Para além da estratégia militar em alcançar a vitória, as decisões passaram a incluir, na sua essência, alvos e manobras não militares. Verificou-se também um aumento do número de vítimas resultantes da aplicação de meios aéreos e navais. A capacidade e a vontade dos

adversários passaram a ser os principais objetivos a atingir e já não a dimensão territorial, assim como se verificou uma ampliação do campo de batalha que passou a incluir outras áreas do Estado, conseqüentemente, maior prejuízo para o povo. (Fernandes, 2016, p. 16).

Com o fim da 2ª Guerra Mundial, a guerra evoluiu para uma dimensão geográfica e tecnológica totalmente diferente, “marcadas pela rivalidade do mundo em equilíbrio bipolar”. A força militar passou a ser utilizada como instrumento de dissuasão. Um potencial conflito nuclear de grandes proporções – Guerra Fria – evoluiu para um clima de terror, conseqüência da evolução tecnológica. A forma de fazer e de pensar a guerra foi alterada pelos próprios Estados devido á ameaça das armas de destruição maciça. O clima da Guerra Fria potenciou a alteração para um novo tipo de conflito. (Fernandes, 2016, p. 17).

Desde o fim da 2ª Guerra Mundial que os poderes ocidentais têm sido bem-sucedidos face a adversários que utilizam as mesmas armas, métodos e forma de pensar. Os exemplos da Guerra dos Seis dias (1967), bem como a Guerra do Golfo (1991 e 2003) demonstram a capacidade e superioridade do Ocidente. A queda do muro de Berlim e o declínio da União Soviética, no final da década de oitenta, alterou profundamente o sistema internacional e parecia prevalecer uma superioridade por parte do Ocidente. A estrutura internacional que surgiu traduziu-se em acontecimentos de natureza insurrecionais provocado por novos movimentos que se instalaram distintos dos que até então tinham vigorado, cujas ofensivas passaram a ser assimétricas, sem uma origem determinável, e que surgiam de qualquer lugar. As insurreições com alcance global, deram lugar a guerras de pacificação de territórios coloniais ou de insurreições do século XIX e XX. (Fernandes, 2016, p. 17).

No final do Séc. XX a guerra evoluiu para a 4ª Geração, uma forma de insurreição que emprega todas as redes disponíveis (política, económica, social e militar) já não com o objetivo de derrotar as forças militares adversárias, mas destruir a sua vontade de combater (Fridman, 2018, p. 23).

A grande alteração do fenómeno da guerra resultou particularmente na mudança de uma sociedade industrial para uma de informação. Porém, apesar desta alteração substancial na sociedade, as guerras hodiernas continuam a ter na sua

gênese “causas tradicionais como a etnia, a religião e a luta pelo território”. (Fernandes, 2016, p. 17).

A “G4G” faz uso da sociedade para conseguir atingir os objetivos pretendidos. Ao contrário do que acontece com as gerações anteriores, esta não tenta ganhar através da derrota da força militar do inimigo, mas ao invés, direciona o ataque para as mentes dos decisores políticos do adversário, destruindo a sua vontade política. As “G4G” são calculadas tendo em conta um lapso de tempo maior, por exemplo décadas e não apenas em meses ou anos. (Hammes, 2004, p. 199).

Os conflitos atuais são marcados pela exigência da contenção da força em contraste com o aumento da capacidade de destruição dos armamentos, pela baixa probabilidade de existirem conflitos em grande escala entre grandes potências, pela consequente fragmentação e diluição do poder do Estado e o crescimento das ameaças violentas e não convencionais, tais como o carácter político-estratégico e sociopolítico, destacamos as ameaças híbridas, compostas por “elementos regulares, irregulares e criminais, trabalhando sinergicamente para alcançar o mesmo estado final”. Ameaças estas que não são limitadas a atores não estatais, podendo os Estados transformar as respetivas unidades convencionais em formações irregulares e adotar novas táticas. Podemos referir exemplos como a atuação dos “fedayins” iraquianos (organização paramilitar) em 2003, e mais recentemente os russos, com a utilização de tropas sem uniformes nacionais – designados “*little green men*” – na campanha da Ucrânia, em 2014. A dificuldade principal reside no facto de ser difícil identificar, entender e combater estas novas formas híbridas. (Fernandes, 2016, p. 18).

Não há nada de novo nas Guerras de Quarta Geração. Assim como todas as guerras, procura alterar a posição política do inimigo; recorre a meios militares para atingir esse mesmo fim; reflete a sociedade da qual é parte integrante; e evolui de forma consonante com a mesma. Evolui conforme a sociedade porque a população é capaz de solucionar determinados problemas relacionados com a superioridade do inimigo, (Hammes, 2004, p. 18) nomeadamente questões relacionadas com o fornecimento de suprimentos e reforço das forças insurgentes ou como forma de apatia e negação de informações às forças contra insurgentes. (Hammes, 2004, p. 18).

Mao Tsé-Tung iniciou este tipo de guerra, e cada praticante desde então tem aprendido com os seus antecessores ou combatentes em diversas partes do globo. Depois, através de um processo de “tentativa-e-erro”, severo e demorado, cada um adaptou as lições de acordo com os seus próprios objetivos e interesses. Cada um incluiu ou excluiu novas afinações. E o resultado foi, uma nova forma de guerra. (Hammes, 2004, p. 18).

GUERRA COMPOSTA

O conceito foi desenvolvido no final dos anos noventa pelo historiador militar Thomas Huber. A guerra composta é um termo que, apesar de não ser novo na sua essência, oferece “uma nova abordagem à problemática que utiliza forças regulares e irregulares de forma sinérgica”. (Fridman, 2018, p. 38).

A guerra composta é, nas palavras de Huber:

“a utilização simultânea de forças regulares e irregulares ou forças de guerrilha contra o inimigo... a força irregular potencia a força regular através da disponibilização de informação, recursos, e meios enquanto obstrui o acesso do inimigo aos mesmos”

Na definição da “GC”, o autor menciona dois princípios caracterizadores da mesma: assimetria e ocupação. A guerra composta ocorre, na maioria das vezes, **quando a totalidade ou parte de um território de uma potência pequena é ocupada por uma superpotência...** e essa superpotência distribui as forças sobre o território da potência pequena, colocando essa pequena potência em posição de desenvolver aquilo a que designamos por “guerra composta”. O autor defende que os métodos da guerra composta, na maioria dos conflitos, **são usados pela pequena potência contra a grande potência**, no entanto pode acontecer, ocasionalmente, o recurso aos mesmos métodos por parte de ambos os lados do conflito. O autor argumenta que a guerra composta recorre a dois tipos de força, regular e irregular, e assume que “diferentes tipos de milícias regionais podem romper dentro do conflito, contribuindo de forma muito significativa para o sucesso deste tipo de guerra”¹³. (Fridman, 2018, p. 23)

A grande vantagem da “Guerra Composta” reside no facto de exercer pressão sobre o inimigo em massa ou sob a forma dispersa em simultâneo. Por outras

¹³ *Several types of mobile regional militias may fall between these two poles and may contribute importantly to the leverage of the compound warfare operator.*

palavras, o Comandante da “GC” aumenta a sua influência militar empregando forças convencionais e não convencionais em simultâneo. (Huber, 2002, p.2).

De acordo com Frank Hoffman, as *Guerras Híbridas*:

“são caracterizadas por uma convergência de frentes na mesma hora e no mesmo local. O seu desenvolvimento é físico e informacional, envolve atores estatais e não estatais...”

As forças que empregam a Guerra Híbrida estão em constante adaptação face ao inimigo e são capazes de encontrar vulnerabilidades e penetrar nas mesmas, podendo os combatentes empregar capacidades de alta tecnologia e baixa (ou nula) tecnologia de forma simultânea. As Guerras Híbridas diferem das Guerras Compostas, “uma vez que estas contêm em si uma componente de ações regulares e irregulares, mas cuja luta tem apenas uma frente, havendo um significativo grau de coordenação estratégica entre as diferentes forças (regulares e irregulares)”. (Garcia, 2010, p.84)

Segundo Hoffman, “as guerras compostas possuem uma sinergia a nível estratégico, mas não a complexidade, a fusão e simultaneidade a nível operacional e tático que caracterizam as guerras híbridas, onde uma ou ambas as partes acabam por fundir a ampla gama de tipologias do espectro da guerra” (Garcia, 2010, p.84)

GUERRAS LIMITADAS

A diplomacia coercitiva tem uma ligação com a quantidade de violência que é empregue ou pode vir a ser aplicada em prol de determinados interesses. As “guerras limitadas” podem ser entendidas como as que são realizadas com restrições autoimpostas. Guerras essas que não perduram “até á morte”, limitando tudo aquilo que pode ser alcançado. Guerras sem limites, naquilo que pode ser usado ou atingido, são descritas como “existenciais”, isto é, a existência de um estado, da sua população ou a sobrevivência dos mesmos está em causa e podem converter-se em “guerras totais” onde todos os meios disponíveis para derrotar o adversário são empregues. Mais recentemente, surgem guerras “discricionárias” onde não existe o carácter compulsório de participar e permite a retirada ou negar o envolvimento em determinado conflito, sem consequências significativas. (Freedman, 2019, p. 34).

Guerras Limitadas é a capacidade de conseguir responder a ameaças ou desafios nos termos em que são colocados e desafiar o inimigo a “correr” o risco de

elevar o conflito para um nível potencialmente mais perigoso. É uma forma de combinar tentativas para recorrer a guerras maiores, mas sem abandonar os interesses vitais. Esta é característica essencial da diplomacia coercitiva, um passo para o conflito real depois das ameaças iniciais, ações demonstrativas, e possíveis sanções económicas. A arte de maximizar os ganhos e minimizar os riscos requer manobras militares sincronizadas acompanhadas de negociações, evidenciando o lado emocional e calculista necessário para alcançar um acordo apesar de todas as hostilidades. Concomitantemente, existe o emprego da força limitada e a construção de ameaças credíveis onde devem de ser mantidas as linhas de comunicação diplomáticas e ações hierarquicamente estabelecidas de acordo com as prioridades, e não pela vingança. (Freedman, 2019, p. 36).

Com o fim da Guerra Fria, o problema da guerra limitada passou a ser menos urgente. As guerras travadas pelo Ocidente foram naturalmente limitadas. Existiram desafios de forma a manter estes conflitos limitados em termos de tempo e recursos, onde a própria natureza dos mesmos obrigou a terminá-los sempre que o custo para os suportar fosse superior ao benefício do objetivo, então uma intervenção era levada a cabo para colocar um fim ao mesmo.

Num sentido negativo, as guerras limitadas recusam ultrapassar determinados limites de violência (e nega qualquer recurso a armas nucleares). Num sentido positivo, é sempre uma forma de alcançar o objetivo e não atingir o ponto de impasse. No entanto, podemos referir algumas explicações para este acontecimento: primeiro, os objetivos podem alterar no decurso do conflito decorrente da utilização limitada de meios e fins. Segundo, a utilização do *uso da força* provoca uma atitude que tende a piorar. Terceiro, quanto mais violência menos probabilidade de se alcançar um acordo. As soluções apresentadas passam a ser um insulto para quem foi vítima do conflito. (Freedman, 2019, p. 37).

DOCTRINA GERASIMOV

Os artigos e estudos realizados no Ocidente defendem que a Guerra Híbrida russa tem a sua génese na doutrina do Chefe de Estado-Maior-General das Forças Armadas da Rússia, o General Valery Gerasimov. A afirmação está relacionada com um discurso, proferido num jornal de Defesa russo, publicado em 2013. (Fabian, 2019, p. 311).

De acordo com o Ocidente, o General definiu a Guerra Híbrida russa como uma “guerra de nova geração”, onde é aplicado em simultâneo de forma combinada meios políticos, diplomáticos, económicos e outros não militares, com o recurso direto a força militar convencional, ao invés de travar uma guerra declarada. O General realça ainda a importância dos meios não militares para alcançar objetivos políticos e estratégicos. O General defende a utilização de meios dissimulados, o emprego da força de forma não evidente (unidades paramilitares e civis), em simultâneo com o apoio de meios assimétricos e irregulares, sem descurar o uso intensivo de informação e de forças especiais. (Ramos, 2019, p. 10).

No artigo, é referido que as características dos conflitos hodiernos sofreram transformações significativas e englobam também o recurso a métodos tais como: informacionais, políticos, económicos, a utilização de ciberoperações bem como intervenções humanitárias e outros meios não militares. (Fabian, 2019, p. 311).

Aqueles que acreditam na emergência de uma nova doutrina militar russa ficaram ainda mais convencidos quando a Rússia aplicou, em simultâneo e de forma simulada, todos os meios acima identificados na anexação da Crimeia e na intervenção no leste ucraniano. (Fabian, 2019, p. 311).

A nova abordagem russa tem por objetivo primordial as mentes humanas e por isso é caracterizada por uma acentuada operação de informação e guerra psicológica (*Psy-ops*). O principal objetivo é “reduzir a necessidade de empregar meios militares convencionais ao mínimo, colocando a população militar e civil a favor do atacante em detrimento do seu próprio governo e país”. (Fabian, 2019, p. 311). Na atual estrutura geopolítica, o inimigo evidente é o Ocidente, os respetivos valores, cultura, sistema político e ideologia. (Berzins, 2014, p. 5).

Em referência a dois teóricos militares russos, Tchekinov e Bogdanov, e analisando os eventos que ocorreram na anexação da Crimeia, é possível concluir que a estratégia russa está dividida em oito fases: (Berzins, 2014, p. 6)

A primeira inclui medidas assimétricas não militares, psicológicas, ideológicas, informacionais, diplomáticas, e económicas para criar as condições favoráveis para as ações seguintes (Weissman, 2021, p. 67).

A segunda aplica operações especiais de forma a ludibriar os líderes políticos e militares com medidas coordenadas ao nível diplomático, canais televisivos, *media* e agências governamentais e políticas através da disseminação de informação, diretivas e ordens falsas (Weissman, 2021, p. 68).

A terceira fase inclui o suborno, chantagem e/ou intimidação dos principais líderes políticos e militares de forma a coagi-los a não cumprir plenamente as respetivas funções durante uma crise (Weissman, 2021, p. 68).

A quarta fase está relacionada com o desenvolvimento de um sentimento de descontentamento e confusão entre os líderes e a sua população, através de uma eficiente propaganda apoiada por meios subversivos e dissimulados (Weissman, 2021, p. 68).

A quinta fase serve para moldar o ambiente de forma a estar preparado para o futuro conflito físico, isto inclui a vedação do espaço aéreo, e o bloqueio ao fornecimento de mantimentos (Weissman, 2021, p. 68).

A sexta fase comporta efetivamente a ação militar, precedida pela realização de operações de *reconhecimento* e medidas subversivas de todas as formas, métodos e forças, isto é, inclui operações especiais, operações na rádio, no ciberespaço, manobras diplomáticas, Serviços de Informação, e espionagem industrial (Weissman, 2021, p. 68).

Na sétima fase existe a combinação das operações de informação, ciberoperações, ataques aéreos, simultaneamente com o recurso a armas de alta precisão de diversas categorias (longo-alcance, radiação, biológicas) (Weissman, 2021, p. 68).

Na oitava fase existe a ocupação física dos últimos pontos de resistência e, se necessário, a destruição das restantes unidades inimigas pelas operações especiais enquanto as unidades de *reconhecimento* identificam quais as unidades que sobreviveram e informam as respetivas coordenadas para que seja executado um ataque com mísseis balísticos. Concomitantemente, existem operações de lançamento aéreo para aniquilar as unidades do exército inimigo e cercar os pontos de resistência. (Weissman, 2021, p. 68)

Esta descrição coincide com aquilo que o Ocidente entende do fenômeno da Guerra Híbrida e o pensamento militar russo no que toca a manobras denominadas *Maskirovka* (em português “disfarce”). (Ramos, 2019, p. 10).

Como se pode verificar, a Rússia recorre a uma zona “cinzenta” entre a paz e a guerra onde não é evidente a existência de um ataque ou não. A Rússia também nega sempre qualquer envolvimento quando existe qualquer tentativa de responsabilizar a sua atuação. A Federação Russa recorre de forma transversal a ciberoperações durante as oito fases. As operações no ciberespaço são realizadas de forma integrada para aumentar a probabilidade de sucesso. (Weissman, 2021, p. 68).

GIBRIDNAYA VOYNA

O termo “Guerra Híbrida” ou, no termo anglo-saxónico *Hybrid Warfare*, é a denominação militar ocidental para a “utilização combinada de meios convencionais, não convencionais e não militares” (Göransson, 2021, p. 83).

Feita uma análise ao conceito russo podemos concluir que se trata de uma teorização totalmente diferente do conceito ocidental, ao invés podemos constatar que a doutrina russa tentou conceptualizar o termo de acordo com a experiência e o contexto político-militar russo e o próprio entendimento do fenômeno a que chamamos “guerra” (Fridman, 2018, p. 88).

O autor Bevin Alexander refere na sua obra “A Guerra do Futuro” que, após o final da Guerra Fria e o fim do cenário bipolar, os EUA iriam atravessar um logo período sem inimigos com o mesmo poderio militar. Com a queda da URSS deixou de existir uma potência militar capaz de enfrentar, de forma equivalente, os EUA. Assim, o autor defende que os Estados Unidos se deparam agora com guerras relativamente pequenas e de baixa intensidade. (Dourado, Leite, Nobre, 2020, p. 40).

A análise russa é feita à luz do discurso e da experiência vivida durante a Guerra Fria e das ações não militares realizadas por parte do Ocidente. Hodiernamente, o conceito *Gibridnaya Voyna* tem na sua génese a ideia leninista de que existem “*constant threats from abroad and within*”¹⁴, que representam uma ameaça à soberania russa. (Nilsson, 2021, p.85).

¹⁴ Ameaças constantes provenientes de fora e de dentro.

Da análise da Guerra Fria e as causas da derrota soviética tem levado estrategas e doutrinadores a inovar em dois aspetos nos conflitos hodiernos: primeiro, a destruição do espírito do adversário através da erosão gradual da cultura, valores e autoestima; e um destaque especial para instrumentos políticos, informacionais (propaganda) e económicos em vez de apostar na força militar e nos danos físicos. (Fridman, 2018, p. 88).

Consequentemente, desde os anos 2000, o discurso russo desencadeou a guerra informacional ou, na língua russa, “*Informatsionniye Voyny*”. Concomitantemente, tem surgido um crescente interesse pelo conceito de guerra subversiva desenvolvido pelo teórico militar Evgeny Messner, bem como Dugin e Panarin e as suas abordagens de “Guerra Centrada em Rede”¹⁵ e na “Guerra informacional”. (Fridman, 2018, pp. 89).

Seja a doutrina de Messner ou de Dugin e Panarin, ambas defendem o mesmo conceito, isto é, denegrir e prejudicar o adversário desde o seu núcleo de forma a atingir determinados objetivos políticos sem que essas ações façam escalar o conflito para um confronto físico. Estas teorias coexistiram entre académicos e analistas até ao conflito com a Ucrânia, a partir do qual o termo “*gibridnaya voyna*” ganhou popularidade no meio político. (Fridman, 2018, p. 89).

Gibridnaya Voyna é um termo com alguma conotação histórica. De acordo com alguns teóricos, o interesse na teoria da Guerra Híbrida pelos militares e académicos russos começou com a análise da atuação americana nos conflitos atuais. Porém, existem diferenças pertinentes entre os conceitos de Guerra Híbrida russa e ocidental.

Segundo os autores do artigo “Guerra Híbrida vs *Gibridnaya Voyna*” o conceito Ocidental, defendido por Hoffman, “implica uma mistura de elementos, incluindo forças regulares e irregulares incorporadas numa combinação de métodos operacionais e táticos” Já o conceito *Gibridnaya Voyna* “defende um campo de batalha abstrato, em que as partes conflitantes procuram destruir a coesão sociocultural dos inimigos e proteger a sua própria”. (Dourado, Leite, Nobre, 2020, p. 55)

¹⁵ A nova vaga civilizacional traduz-se no desvio das atenções para o poder da informação, em detrimento de outras fontes de poder.

O termo é “emprestado” da língua anglo saxónica, na qual a Rússia tem recorrido para explicar a sua própria experiência e estratégia cultural. Em linguagem comum dos *media* e de alguns teóricos todos os conceitos referentes a guerras futuras – Guerra Híbrida, Guerra Quarta Geração, Guerra Irrestrita, Guerra de Nova Geração, etc. – são utilizadas como sinónimos sem qualquer critério referente à semântica ou a conceptualização dos diferentes termos. (Suchkov, 2021, p. 424).

Alguns analistas são cétricos, assim como em relação à Guerra Híbrida, de que existam tantas novidades sobre o termo *Gibridnaya Voyna*. Na sua crítica ao conceito, o Major Nick Sinclair, das Forças Armadas americanas, argumenta que o comportamento russo está intrinsecamente relacionado com o seu precedente histórico e continua consistente desde o século XIX até á atualidade, com os diferentes líderes a desenvolverem estratégias de forma a evitar a repetição de eventos ou a ameaça de invasões passadas: o desejo pela manutenção da segurança da Rússia é manifestada pela expansão das suas fronteiras para áreas onde percecionam existirem uma maior ameaça ou instabilidade. (Suchkov, 2021, p. 425).

Através de uma análise ao conceito “*Gibridnaya Voyna*”, torna-se evidente a sua distinção relativamente ao termo americano “Guerra Híbrida”. Enquanto a teoria russa gira à volta de ideias abstratas e engloba a esfera da vida pública, a política, a economia, o desenvolvimento social e a cultura, o conceito americano é diferente e refere-se primordialmente a táticas militares e operacionais “direcionadas e coordenadas dentro do campo de batalha principal para alcançar efeitos sinérgicos”. (Fridman, 2018, p. 89). Adicionalmente, enquanto o conceito de GH ocidental está mais relacionado com operações e táticas militares, o termo russo “apresenta um conjunto de ideias mais amplo e envolve todas as esferas da vida pública do país”. (Dourado, Leite, Nobre, 2020, p. 52). Assim, enquanto a teoria de Hoffman de “guerra híbrida” defende o recurso a forças regulares e irregulares e inclui métodos operacionais e táticos, o conceito “*Gibridnaya Voyna*” concebe um campo de batalha mais abstrato, no qual os atores combatem com o intuito de **desgastar o inimigo no âmbito sociocultural** enquanto protegem as suas próprias fronteiras. (Fridman, 2018, p. 89).

A estratégia da Rússia é desenvolvida com base na perceção de que o país possui posições geográficas, políticas, económicas e estratégicas particulares, e para

isso, as soluções militares para proteger o Estado devem também elas ser únicas. (Dourado, Leite, Nobre, 2020, p. 52).

Outro autor que apresenta a mesma linha de pensamento é Samuel Charap, no seu artigo “*The Ghost of Hybrid War*” de 2016, onde afirma que a GH que os EUA empregaram na Ucrânia é analisada pelos estrategas russos como um ensaio que depois pode ser aplicado na Rússia. O autor indica ainda que os estrategas russos usaram o termo “Guerra Híbrida” de forma a referir-se à manobra dos EUA para derrubar governos hostis como ocorreu na Ucrânia em 2013, quando os militares americanos utilizaram a GH para derrubar o governo de Yanukovich e instalar um Estado fantoche. (Dourado, Leite, Nobre, 2020, p. 53).

O conceito russo é caracterizado pelo “confronto entre dois ou mais grupos de forma a melhorar as condições financeiras, sociais, políticas e psicológicas ou todas as possibilidades de sobrevivência”. O conceito é um termo novo para um fenómeno preexistente. Podemos ainda concluir que o termo defende a ideia histórica russa de preservar o pensamento militar. Apesar de Hoffman defender a “guerra híbrida” como uma mescla de táticas regulares e irregulares, formações e tecnologias, o pensamento russo alargou de certa forma o conceito. Da perspetiva russa o conceito abrange também a “*criação de mecanismos de controlo externo, uma infiltração subversiva e conceitos destrutivos, projetos e programas, e uma formação de uma agência de influência para promover os representantes do poder*”. A abordagem russa, ao contrário da “guerra híbrida”, não está limitada à atividade militar no campo de batalha. O principal objetivo deste tipo de guerra é evitar os métodos tradicionais de conflito e destruir o inimigo através das vias híbridas tais como a ideologia, a informação, o setor financeiro, a política, a economia e métodos que arrasem os parâmetros socioculturais, culminado com o colapso interno do sistema. (Fridman, 2018, p. 90).

De acordo com Fridman, os objetivos da *Gibridnaya Voyna* são:

A desintegração total ou parcial do estado (adversário), uma alteração significativa do rumo da sua Política Externa, a substituição da liderança do estado por um líder leal ao regime, a instauração do controlo sobre a ideologia e a economia estatal provocando o caos e a subordinação.

A guerra híbrida russa também tem sido entendida como uma espécie de “guerra informacional” onde a essência da mesma reside no esforço que é colocado na informação, isto é:

Criar uma falsa realidade sociopolítica necessária no espaço da comunicação, que gera o modelo ideal para moldar as percepções das pessoas sobre o “inimigo”, o “amigo”, o “agressor” e a “vitima” ou “invasor” – conseguindo dessa forma mobilizar a parte ativa da população do país inimigo para realizarem ações militares e políticas sem a participação aparente ou direta dos verdadeiros beneficiários da “gibridnaya voyna”.

Desta perspectiva, a guerra informacional é parte essencial deste tipo de guerra, como podemos constatar pelas palavras de Panarin quando afirma que “a queda da superpotência Soviética foi o resultado da guerra híbrida perpetrada pelo Ocidente contra a U.R.S.S”. O termo refere-se à utilização simultânea de diversos tipos de pressão, seja ela ideológica, informacional, financeira, económica, etc. (Fridman, 2018, p. 91)

Assim, podemos constatar que a *Gibridnaya Voyna* significa a utilização do aparelho de guerra de forma multidimensional que combina meios não militares e, ocasionalmente, meios militares. (Göransson, 2021, p. 83). O conceito tem a sua génese, de acordo com o entendimento russo, num “fenómeno sociopolítico” denominado guerra, que está intrinsecamente relacionado com a teoria da guerra subversiva de Messner. Isto significa que, hodiernamente, os conflitos militares tendem a ser mais perigosos devido à constante ameaça nuclear. O receio de uma destruição total leva aos estados a procurarem impor a sua vontade já não de forma militar, contando que uma ofensiva militar levaria a uma escalada do conflito, mas através de meios não militares e subversivos. Por outras palavras, o objetivo da guerra já não passa pela conquista da vitória sobre o outro estado, mas sim destruir e enfraquecer o adversário desde o seu núcleo, reduzindo a sua capacidade de resistir através de meios não militares. (Göransson, 2021, p. 86).

O principal objetivo desta guerra é evitar o campo de batalha tradicional e destruir o inimigo através de meios híbridos, nomeadamente: ideológicos, informacionais, financeiros, políticos e económicos que fazem ruir a sociedade e culmina com o colapso do seu interior.

Tanto a teoria de Messner como a de Dugin e de Panarin Têm na sua essência a utilização da guerra subversiva e o entendimento de como a sociedade moderna está vulnerável a este tipo de estratégia. (Göransson, 2021, p. 86)

A guerra híbrida russa envolve uma serie de movimentações securitárias que alarga o leque de ameaças à segurança, dessa forma legitima a atuação noutras áreas por parte das autoridades. ONG's, forças especiais, ativistas dos direitos humanos, migrantes e pandemias são todas encaradas como potenciais armas na condução da guerra híbrida. Esta perspetiva está relacionada com a herança proveniente da Guerra Fria, quando as operações de subversão, perpetradas por parte dos membros do Pacto de Varsóvia, foram descritas e documentadas.

A *Gibridnaya Voyna* tem também uma função securitária que determina uma resposta coordenada, porém não existe uma definição de Ameaça Híbrida suficientemente consolidada para determinar o seu verdadeiro perigo. Consequentemente, diversas organizações, grupos, indivíduos e fenómenos são construídos de forma a serem considerados como perigosos para a Rússia. Assim, a *Gibridnaya Voyna* de certa forma permite a expansão por parte das diferentes entidades de forma a combater essas mesmas ameaças. (Göransson, 2021, p. 90)

Neste sentido, a *Gibridnaya Voyna* cumpre um objetivo securitário que é realizado por parte das autoridades de forma a conseguir gerir um fenómeno de forma mais alargada e que pode representar uma ameaça à segurança nacional. A segurança russa e os teóricos militares recomendam como o poder estatal deve responder às ameaças híbridas. Aleksandr Bartosh indica diversas medidas que devem ser tomadas de forma a combater as alegadas ameaças híbridas ocidentais: Estas ações incluem o reforço das medidas de controlo migratório, o combate à corrupção, aumento do poderio militar e a formação de indivíduos para combater ameaças híbridas. Também Kiselyov e Vorobyov defendem a necessidade de controlar a imigração e considerar a mesma como uma ameaça híbrida, para isso devem ser adotadas medidas para vigiar imigrações que comprometam a segurança da Rússia, isto significa aumentar o investimento nos Serviços de Informação. (Göransson, 2021, p. 90).

ESTRATÉGIA, MANOBRA, ATUAÇÃO:

No período entre as Guerras Napoleónicas e a Primeira Guerra Mundial, a definição conceptual sobre a condução da Guerra era limitada pela ideia de um confronto decisivo. Uma vez derrotado, o inimigo teria poucas possibilidades senão aceitar os termos políticos impostos pelo vencedor. A estratégia militar era centrada em conseguir levar as forças militares para uma posição onde conseguissem combater. *Como* combatiam, era uma questão *tática*. A *razão* pela qual combatiam, era uma questão *política*. O pensamento militar estava enraizado na relação entre a estratégia e a tática. (Freedman, 2019, p. 9).

A Primeira Guerra Mundial trouxe três grandes mudanças: a guerra passou a ser interpretada como um meio para atingir um fim ao invés de ser entendida como um fim em si mesma. Em segundo, a *estratégia* militar deixou de ser considerada como independente dos requisitos da política. Em terceiro, houve a necessidade de desenvolver uma Estratégia na qual todos os instrumentos da política, incluindo a Economia, a Diplomacia, assim como a força militar, tinham de ser agregados de forma a preparar a guerra e conseguir sair vitorioso. (Freedman, 2019, p. 10).

Com o evoluir dos eventos a Estratégia passou a ser menos considerada, isto deve-se ao facto dos conflitos influenciarem as dimensões económicas e diplomáticas, que exigiam uma estratégia própria. A Estratégia deixou de ser preparada antes da guerra e passou a fazer parte da Política Externa de forma a atingir objetivos políticos sem recorrer ao conflito direto. (Freedman, 2019, p. 11).

A guerra híbrida moderna russa tem as suas origens na forma tradicional de guerra russa, *Maskirovka*, que sempre deu importância a operações assimétricas e indiretas de forma a superar a sua estratégia convencional. A forma russa de guerra, que possibilita a estados e não estados a recorrerem a meios dissimulados ao nível operacional, tem um impacto significativo ao nível estratégico. (Chandramohan, 2020, p. 16).

A doutrina russa, que pode ser denominada *Maskirovka 2.0*, refere-se a meios específicos para atingir objetivos concretos. Pode ser entendido como o recurso a meios letais e guerra irregular de forma combinada. Uma das principais características reside na diversidade de meios que inclui a utilização de terrorismo, subversão, meios regulares em simultâneo com uma extensiva operação de

informação e forças convencionais. A doutrina híbrida permite utilizar todos os instrumentos de poder para compensar a desvantagem militar ao desenvolver alternativas para corroer a vontade de resistir por parte da sociedade do adversário. (Chandramohan, 2020, p. 16).

Com a emergência do nacionalismo e classes no século XIX, teóricos militares como Vladimir Lenin e Friedrich Engels analisaram as condições sobre as quais insurgentes poderiam revoltar-se contra as instituições governamentais consequentemente, concluíram que o confronto militar direto apenas favorece os mais fortes. Para os combatentes mais fracos, as *táticas* subtis e indiretas são as mais apropriadas. Estas *táticas* incluem “o recurso a propaganda para mobilizar apoio para a insurgência e para desmoralizar as forças inimigas bem como para atacar as vulnerabilidades das forças militares do adversário”. (Lanoszka, 2016, p. 177).

Lanoszka argumenta que a guerra híbrida russa é uma *Estratégia* em vez de uma nova forma de guerra. Acrescenta que é uma estratégia porque integra de forma intencional o recurso a diversos instrumentos de poder para atingir objetivos políticos dentro das capacidades e objetivos do inimigo. A Guerra Híbrida envolve a utilização coordenada de meios irregulares e regulares. A forma irregular serve para expor e explorar as vulnerabilidades do alvo com um nível de violência reduzido em vez de um confronto direto, enquanto a forma regular é utilizada de forma minimalista. (Alexander Lanoszka, 2016, p. 178).

A Rússia ameaçou recorrer a meios militares mais fortes para dissuadir a Ucrânia de qualquer tipo de retaliação. A Guerra Híbrida depende do domínio do beligerante sobre uma possível escalada do conflito. A Rússia convenceu tanto a Ucrânia como o Ocidente de que era detentora dos meios e das capacidades necessárias para derrotar o inimigo nos diferentes níveis do conflito. (Alexander Lanoszka, 2016, p. 178).

No desenvolver da Guerra Híbrida, o atacante, neste caso a Rússia, estava determinado a prejudicar a integridade territorial do país atingido, subverter a coesão política interna e perturbar a respetiva economia. A Guerra Híbrida Russa serviu o propósito de um estado revisionista ao conseguir expansão territorial e a imposição da vontade de forma indireta sobre um estado soberano. A componente irregular da guerra híbrida russa pode assumir *táticas* com diferentes intensidades, entre elas

podemos destacar a **propaganda**, os **meios de comunicação social**, as **fugas estratégicas** de informação, o **apoio a partidos políticos** estrangeiros, a **organização de manifestações políticas**, a **exploração económica** e a **guerra da informação** (Lanoszka, 2016, p. 178), as quais passamos a analisar de seguida:

PROPAGANDA

Sun Tzu afirma na sua obra “A Arte da Guerra”¹⁶ que:

“Em todas as situações de combate, pode usar-se o método direto para travar a batalha, mas será necessário recorrer a métodos indiretos para assegurar a vitória”

A diplomacia e a guerra sempre foram utilizadas para influenciar líderes e a sua população. As operações de informação, ou seja, a militarização da informação com propósitos estratégicos, servem como ferramenta para determinar o discurso político e, em última instância, para influenciar a opinião pública. As novas formas de propaganda confirmam a potencialidade das notícias e da informação para influenciar e despoletar ações adversas por parte do público. Comparado com o passado e a histórica Guerra Fria, a possibilidade que então havia para disseminar informação no estado adversário era muito difícil ou acarretava grande investimento. As operações de informação são caracterizadas pela *forma e natureza*, isto é, o meio pelo qual são disseminadas assim como a própria característica da notícia. A primeira é a utilização das estações televisivas nacionais, patrocinadas pelo estado, direcionadas para o público estrangeiro de forma a moldar a perceção internacional do estado em causa, bem como o recurso às plataformas das Redes Sociais, que hodiernamente são a principal fonte de notícias do mundo. A Segunda inclui a disseminação de informação, favorável ao estado, por vezes roubada por meios tradicionais ou com recurso a ciberoperações, outras vezes manipulada sob a forma de *fake news*. (Treverton, Thvedt, Chen, Lee, McCue, 2018, p. 46).

MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Os meios de comunicação são parte característica das operações russas. A propaganda russa sempre foi direcionada tanto para o interior como exterior do país. Os meios de comunicação, patrocinados pelo estado, como a “RT” e a “Sputnik”, servem de difusores da ideologia e pensamento estratégico russo. Por exemplo a

¹⁶ 2012. *A Arte da Guerra*. Classica Editora

“Sputnik”, aquando da interferência na Síria por parte da Rússia, divulgava informação positiva em relação ao Kremlin e apenas criticava a intervenção americana. (Treverton, Thvedt, Chen, Lee, McCue, 2018, p. 46)

Já a 2 e a 4 de setembro de 2012, durante as eleições presidenciais norte americanas, foram introduzidos dois novos programas na estação televisiva russa “RT” (“Truthseeker” e “Breaking the Set”) com o objetivo de criticar os EUA bem como as instituições ocidentais. Em novembro de 2012, a “RT” divulgou inúmeros relatórios acerca das vulnerabilidades das máquinas de voto utilizadas nas eleições norte-americanas, alegando a falta de idoneidade das mesmas e que o resultado das eleições não poderia ser aceite, pois não representava, conforme defendia o filósofo Jean-Jacques Rousseau, na sua obra “Do Contrato Social” a “vontade geral”¹⁷ da população, consequentemente demonstrava “falta de democracia”. (ICA, 2017, p. 6)

Estes meios, apoiados pelo Kremlin, tendem a desenvolver a estratégia com base na crítica contra os adversários e as suas políticas, simultaneamente com o enaltecimento dos seus interesses e da sua nação. A estratégia passa pela opção de atingir o máximo de audiência possível e contar que os mesmos leiam a notícia e abordem o tema sob uma perspetiva não ocidental. Maioritariamente, as notícias são divulgadas na língua inglesa, para o público estrangeiro falantes de inglês, mas também na língua russa para alcançar os patriotas que vivem nos países vizinhos, como a Ucrânia, a Estónia, a Geórgia, assim como a Polónia e a Letónia.

Esta ferramenta tem mais impacto quando noticiado pelos meios de comunicação locais dos diversos países. Para além das antigas colónias soviéticas, onde o efeito é evidente, podemos referir em Itália, onde o Partido M5S, com relações próximas com o Kremlin, dissemina artigos e notícias da plataforma “Sputnik”. Isto demonstra a vontade de impulsionar a narrativa russa, mas também proporciona à Rússia uma forma de moldar a perceção geopolítica dentro de Itália assim como nos restantes países falantes de língua italiana. (Treverton, Thvedt, Chen, Lee, McCue, 2018, p. 47)

¹⁷ *entendendo a liberdade não motivada por coações internas, nem por impulsos instintivo-naturais nem por desejos momentâneos, mas um contrato que preserve e viabilize o exercício de uma liberdade consistente e consciente.* (Pitz, Gelazio. 2004. p. 42)

De facto, na Ucrânia, a operação levada a cabo pela Rússia permitiu capturar uma península inteira, sem um único tiro e sem vítimas mortais, criando as condições ideais para o surto de hostilidades no Leste ucraniano. O sucesso da operação na Crimeia, envolvendo a sua população começou muito antes, nos anos 2000 e aumentou a sua influência a partir da Revolução Laranja. Sobre a alçada do governo de Yanukovich, a Rússia implementou a última fase da operação, com alguns ajustes para a futura anexação durante a Revolução de Maidan. (Lapayev, Holub, 2017, p.36)

O esquema só foi possível devido a uma forte operação de informação. As notícias principais da “Russian TV” nessa altura era: “Comboio da Amizade”, “Setor da Direita”, “Berkut defendeu Crimeia”, “Kiev proibiu a língua russa”, “autodefesa da Crimeia”, “uniforme militar pode ser comprado em qualquer lugar”. Hodiernamente estes exemplos foram esquecidos, mas na altura serviram para infiltrar e preparar as mentes, criando o sentimento de descredibilização nas autoridades em prol das intenções de Putin, que resultou num referendo e numa euforia denominada “a Crimeia é nossa” (Lapayev, Holub, 2017, p.36).

Os efeitos repercutiram em Donbass. As mensagens incluíram “rapaz crucificado”, “companhias militares privadas americanas”, “um pedaço de terreno e escravos”, “prisioneiros sequestrados”. Cada sucesso da operação de informação e propaganda russa, resultou em incidentes. As mensagens transmitidas pela televisão causaram um efeito prejudicial entre vizinhos, levando uma onda de mercenários para a “República Popular” e permitiu elevar uma guerra real. Atualmente, apesar de uma diminuição da intensidade da guerra, as operações de informação não acabam. A fábrica de *trolls* russa gera, diariamente, uma corrente negativa em tópicos predefinidos. Centenas de profissionais escrevem histórias e artigos em *blogs* e comentários acerca dos últimos eventos.

Redes Sociais

O aparecimento das Redes Sociais possibilitou alcançar outras fronteiras, e consequentemente outro público, a uma velocidade nunca antes possível e a um custo relativamente pequeno. As Redes Sociais possibilitam a divulgação de informação que antes apenas era conhecida no interior de um estado, e que agora passou para o alcance de qualquer cidadão com ligação à internet, possibilita assim a projeção da ideologia política e dos objetivos nacionais. As Redes Sociais permitem a publicação de informação atualizada, verdadeira ou manipulada, através de contas

patrocinadas pelo estado, mas também com recurso a *Bots* ou anúncios pagos nas plataformas. (Treverton, Thvedt, Chen, Lee, McCue, 2018, p. 47).

Esta foi, aliás, a grande característica inovadora da Guerra Híbrida russa na operação da Ucrânia, por exemplo, em julho de 2014 o “Canal Um” emitiu uma história de uma mulher que condenou a crucificação de uma criança de 3 anos por parte de soldados ucranianos, que o mataram de forma a disseminar o medo na população local. Não existiu qualquer investigação que confirmasse a informação, mas as notícias rapidamente foram conhecidas. Esta informação foi primeiro publicada no Facebook pelo ideologista pro-Kremlin, Alexander Dugin, e o “Canal Um” pegou na mesma e relatou a notícia dias mais tarde. Este evento ilustra como os canais televisivos conseguem divulgar informação falsa ou imprecisa, legitimando as notícias falsas. No mesmo mês, uma foto alegadamente tirada em Donbass, divulgava uma rapariga a chorar sentada perto da sua mãe, que alegadamente tinha sido morta, foi bastante conhecida na Rede Social russa *Vkontakte* e no *Twitter*. Na verdade, a foto foi retirada de um filme russo intitulado “A Resistência”. No início de março de 2014, os utilizadores das plataformas *Vkontakte* e outras Redes resolveram intervir na foto originária de Lviv onde, de acordo com a descrição, “diversos desgraçados tinham agredido uma idosa que ia deixar flores no monumento de Lenin”. Primeiro, porque não existia um monumento em Lviv há mais de 20 anos e, segundo, a mulher afinal era um homem a participar numa peça de teatro durante uma manifestação contra a imigração ilegal em 2009. (Mejias, Vokuev, 2017, p. 1033)

Nestas circunstâncias é difícil distinguir a ficção da realidade, e quase impossível saber quem está por detrás das campanhas de desinformação. A existência de “exércitos” russos e *trolls*¹⁸ patrocinados pelo Kremlin é amplamente negado pelas autoridades russas. (Mejias, Vokuev, 2017, p. 1033)

Muitas das notícias russas, que eram transmitidas na RT e na Sputnik, eram posteriormente disseminadas nas diferentes plataformas como o Twitter, *Facebook* ou *Vkontakte* com recurso a *Botnets* e *Trolls*, o que desencadeava um efeito exponencial de divulgação, por parte dos algoritmos, levando a mensagem a mais público, nomeadamente meios de comunicação locais, em diversos países, que

¹⁸ **Trolls** são pessoas que fazem *posts* de comentários incendiários e expressam a sua opinião através de insultos.

faziam a cobertura, do que mais tarde se veio a descobrir, serem histórias ou notícias deliberadamente fabricadas. (Treverton, Thvedt, Chen, Lee, McCue, 2018, p. 47)

As operações foram bem-sucedidas, e a mensagem pro-Kremlin foi transmitida para o público-alvo. A razão pela qual a interferência teve tanto efeito deve-se ao facto da maioria da população procurar notícias e informação, não já pelos meios tradicionais como Televisão e Jornal em papel, mas sim nas Redes Sociais e nas plataformas online.

As Redes Sociais proporcionam uma nova arma na era da Guerra Informacional. Permite aos atores estatais e não estatais recorrerem a plataformas para disseminar a propaganda favorável à sua ideologia. A divulgação exponencial da informação é feita com recurso a narrativas já existentes e posteriormente são disseminadas com recurso a *Bots* para “obrigar” o algoritmo das plataformas a reconhecerem aquela notícia como sendo “popular”, tornando a sua visualização mais provável através da sua republicação em diversas contas e grupos. (Prier, 2017, p. 50.)

Os adversários procuram manipular e tirar partido do mecanismo dos algoritmos nas Redes Sociais e na forma como disseminam informação que tenha mais interações ou que seja mais publicada e republicada pelos diversos intervenientes nas plataformas. Assim, conseguem atingir os interesses dos adversários e perturbar as instituições públicas e privadas de forma a criar conflito social e político. (Prier, 2017, p. 50.)

Fake News

As *Fake News* é um conceito que foi desenvolvido durante as eleições presidenciais de 2016. É caracterizada pela distorção da verdade e histórias manipuladas. Nas palavras de Winston Churchill:

“A lie gets halfway around the world before the truth has a chance to get its pants on”

As mensagens de *Spam*, enviadas da Rússia para a Ucrânia, com o intuito de convencer a população a desistir da causa (Euromaidan) e a dizer que os comandantes tinham abandonado o terreno, são também exemplos da manipulação

com recurso a Redes Sociais. Na estratégia de *Dezinformatsiya*¹⁹ russa prevalecem as histórias fabricadas ou manipuladas com o intuito de influenciar o público-alvo e atingir o maior número de pessoas possível através da sua disseminação nas Redes Sociais.

FUGAS ESTRATÉGICAS

A informação obtida através de ciberespionagem ou espionagem tradicional poder ser divulgada de forma estratégica para influenciar a opinião pública. As fugas de informação podem ter consequências que variam na sua gravidade, desde a perturbação da segurança de informação classificada, ao ponto de afetar a confiança no sistema político e na liderança do país. No caso das Eleições nos Estados Unidos da América de 2016, o Kremlin desenvolveu uma ciberoperação nas principais organizações políticas (DNC) e indivíduos, de forma estratégica com fugas planeadas no tempo, para influenciar e minar o processo democrático norte-americano. A Rússia recorreu ao WikiLeaks e também a *personas* para disseminar os documentos e informação roubada do DNC e do DCCC. (Treverton, Thvedt, Chen, Lee, McCue, 2018, p. 50).

PARTIDOS POLÍTICOS

O Kremlin também procura manipular partidos políticos de países estrangeiros através de partidos subsidiados ou com relações próximas a Moscovo. Assim acontece na Letónia com o Partido Social Democrata “Harmonia”, bem como com o Partido do Centro na Estónia. Adicionalmente, temos em França, o partido de extrema-direita, Frente Nacional, de Marine Le Pen, que é acusada de receber empréstimos de bancos sediados na Rússia. A capacidade de influência destes partidos continua, por enquanto, limitada, devido à incapacidade de conseguir lugares nos respetivos parlamentos. Na Letónia e na Estónia, a precaução dos cidadãos em relação a estes partidos constitui uma barreira e dificulta os mesmos para conseguir ganhar mais popularidade. (Treverton, Thvedt, Chen, Lee, McCue, 2018, p. 51)

Na base da influência política estão as relações diplomáticas dos países e a ligação entre os diferentes líderes políticos. Na Grécia por exemplo, Putin tem

¹⁹ O uso de *dezinformatsiya* provém da Era Soviética quando a GPU (antecessora do KGB) sugeriu: "a criação de um gabinete especial de desinformação para conduzir operações de Informação ativa". (*Dezinformatsiya* é a arte da guerra da informação)

desenvolvido grande ligação com o Partido Syriza, mantendo uma relação próxima com Alexis Tsipras através de contactos telefónicos, organização de conferências e uma relação bilateral próxima, simultaneamente com uma relação multilateral com a China no apoio à “Nova Rota da Seda”²⁰.

ORGANIZAÇÃO DE MANIFESTAÇÕES

O Kremlin também procura perturbar o normal funcionamento das instituições através da organização de manifestações, de teor político, dentro dos estados que intervém. Estes movimentos são realizados através do apoio a grupos separatistas. A Rússia apoia grupos políticos anti Europa ou protestos contra as políticas que sejam prejudiciais aos interesses de Moscovo ou que de alguma forma diminuam a dependência dos países sob influência soviética, como aconteceu em 2016 com o referendo sobre o possível acordo comercial entre Alemanha e Ucrânia²¹, assim como aquele que aconteceu na Bulgária que possibilitava a redução da dependência búlgara face à Rússia²².

EXPLORAÇÃO ECONÓMICA

A dependência económica pode surgir de diversas formas, seja ela através de ajuda financeira, sanções e empréstimos de forma a colocar o mutuário numa posição de fragilidade. Esta forma de subordinação não é nova, mas continua a ser das ferramentas mais eficientes para influenciar as decisões noutro estado.

A Rússia (também os EUA) tem recorrido à pressão económica contra outros estados, a globalização e o comércio internacional tem sido a principal arma para restringir não só estados, mas também organizações e grupos terroristas.

A Guerra Híbrida russa tem aplicado diversos ataques económicos na Ucrânia de forma a impedir uma aproximação com a União Europeia. O Kremlin, através de empréstimos, colocou Yanukovich sob pressão ao ponto de abandonar as negociações para o Acordo de Associação com a União Europeia. Também ameaçou com o aumento do preço do Gás, devido ao domínio que a Rússia tem sobre a Energia. A Gazprom (maior produtora de Gás estatal) adquiriu diversas ações na

²⁰ A BRI é a principal iniciativa de política externa do governo Xi Jinping, e resulta numa visão estratégica para a projeção global do país.

²¹ Chivvis (2017). *Understanding Russian "Hybrid Warfare"*

And What Can Be Done About It. Rand Corporation

²² “Bulgarians see Russian hand in anti-shale protests”, Financial Times

indústria grega, expandindo assim o poder de influência sobre países europeus e com isso consegue moldar o futuro russo de acordo com os interesses nacionais.

GUERRA DA INFORMAÇÃO

A guerra da informação tem sido um dos principais assuntos debatidos desde 1990, através da análise da estratégia militar russa e a aplicação das operações de informação e ciberoperações na Chechénia (2000), na Estónia (2007) e na Geórgia (2008). Apesar da sua relevância, estas operações apenas começaram a ser analisadas de uma perspetiva militar a partir do conflito com a Ucrânia em 2014 (Fridman, 2018, p. 111).

O elemento principal da guerra da informação é que permite desencadear operações rápidas e encobertas contra elementos militares e civis com o objetivo de interromper o seu normal funcionamento. (Pierzchala, 2019, p. 104)

A guerra informacional tem na sua génese a disputa pela superioridade sobre o adversário; o adversário normalmente é desconhecido; e a forma principal de combate é, hodiernamente, realizada com recurso a ciberataques e a difusão estratégica de propaganda ou desinformação. O objetivo passa pela subordinação de toda uma elite ou a sociedade de determinado país, atingindo diferentes domínios, sejam eles de carácter secreto ou não (Serviços de Informação, manobras diplomáticas ou meios de comunicação) que exerçam influência psicológica, ideológica ou política. (Pierzchala, 2019, p. 104).

A Guerra da Informação ou, por outras palavras, a Ciberguerra, analisada através da perspetiva russa, contém na sua essência a “Doutrina Gerasimov”. A literatura russa tenta explicar as ações russas através de uma análise às operações de informação e ciberoperações em vez de centrar-se na guerra híbrida como um todo. Uma análise mais compartimentada permite, ao contrário do que acontece com a Guerra Híbrida, entender a guerra informacional russa e oferece uma explicação analítica sobre a ciberguerra aplicada na Ucrânia assim como nos restantes Estados Bálticos. Permite ainda fazer uma conexão entre a abordagem soviética e a atitude contemporânea russa. (Fridman, 2018, p. 111).

Os autores russos definem o termo “Guerra da Informação” como a influência exercida sobre a consciência geral acerca da competição da civilização no âmbito do

espaço da informação com recurso a métodos especiais de controlo sobre essa mesma informação. (Pierzchala, 2019, p. 104).

A teoria russa foi criada com o propósito de combater a teoria da Cibersegurança desenvolvida pelos EUA e a Europa Ocidental e está relacionada principalmente com a respetiva vertente militar e a sua aplicação com a tecnologia moderna e as ações no ciberespaço. (Pierzchala, 2019, p. 104)

O autor Fridman defende que a permanente existência e relevância da NATO coloca um grande desafio à capacidade da Aliança de construir e manter o seu espaço cultural, sendo este o pilar que sustenta a identidade e o propósito dos estados-membros da Aliança Atlântica. (Fridman, 2018, p. 114).

Consequência desta dificuldade identitária, acentuada com a administração Trump, tem sido conveniente para a NATO considerar que a Rússia representa uma “ameaça híbrida” e que compromete os valores democráticos. Ao mesmo tempo são criadas narrativas políticas, em relação à Crimeia e Donbass, para melhor servir os interesses da NATO. Esta politização do conflito por parte da NATO tem contribuído favoravelmente de três formas:

A **primeira**, é o renascimento do próprio conceito de guerra híbrida, forçando os Estados membros a contribuir com recursos para uma diversidade de atividades que vão para além dos tradicionais desafios militares. (Fridman, 2018, p. 115).

A **segunda forma** é a contribuição para os interesses da NATO e a relevância que a defesa dos valores Ocidentais por parte das instituições assumiu. Ao considerar a Rússia novamente como ameaça serviu de meio para solucionar os problemas identitários do pós-Guerra Fria. (Fridman, 2018, p. 115).

A **terceira forma** pela qual existe uma politização do discurso sobre a Rússia surge nos países membros do Leste Europeu, que desenvolveram e caracterizaram as ações russas na Crimeia e no Leste ucraniano como uma nova ameaça para a segurança e integridade do mundo ocidental. Devido à constante presença histórica da Rússia, estes países “refugiaram-se” no Ocidente de forma a conseguirem uma maior proteção dos aliados europeus. (Fridman, 2018, p. 116). Deve ser referido que as manobras por parte destes países para politizar a guerra híbrida russa e considerar como principal fonte de ameaça contra os valores ocidentais, tem na sua essência o

objetivo de conseguir apoio financeiro e militar de forma a aumentar não só o próprio poder militar tradicional, mas reforçar a sua legitimidade política entre os Estados Bálticos. A Estónia e a Letónia, ambos com quantidades significativas de minorias russas, têm consciência da ameaça que o Kremlin representa através da propaganda e da potencial subversão corporizada num golpe de estado. A vulnerabilidade a que os países do Leste Europeu estão sujeitos, corporizada em ações diretas ou indiretas por parte da Rússia, tem servido os interesses tanto da Aliança como dos países ocidentais. (Fridman, 2018, p. 116).

Esta tendência para focar a atenção nas ciberoperações e na guerra informacional russa levou a recém-criada *NATO Strategic Communications Centre of Excellence*, em Riga, a publicar diversos artigos e livros relacionados com a atividade de informação e ciberoperações russas.

Como refere num artigo de 2019:

“... O termo híbrido tem sido utilizado para descrever uma variedade de meios, métodos e técnicas, incluindo, mas não somente: desinformação, ciberataques, facilitação à migração, espionagem, manipulação do Direito Internacional, ameaças através do uso da força (grupos armados regulares e irregulares); subversão política, sabotagem, terrorismo, pressão económica e dependência energética... a definição tem proveniência das ações russas na Crimeia...”²³

Mark Galeotti, um investigador sénior do Instituto de Relações Internacionais, em Praga descreve que:

“as operações na Ucrânia, especialmente o uso combinado de militantes, gangsters, operações de informação, Intelligence, e forças especiais, criaram inquietação no Ocidente sobre as novas formas de guerra.”

As operações de influência russas são desenvolvidas para destruir a cultura do adversário como parte de uma guerra total para impedir qualquer oposição ou possibilidade de vitória do inimigo. (Alexander Crowther. 2021. p. 23). Esta interpretação tem sido fortemente politizada de forma a descrever o comportamento da Rússia no sistema internacional.

²³ NATO StratCom COE, 2019, p. 8

UCRÂNIA

CONTEXTO HISTÓRICO

A proximidade geográfica, história, linguística e a dependência de recursos determinam a relação entre a Ucrânia e a Rússia. Durante mais de 350 anos, o sul e o leste ucraniano fizeram parte do Império russo, com a região a ser parte integrante da União Soviética durante mais de 70 anos. Durante mais de 50 anos, o ocidente ucraniano fez parte da URSS. (Country Watch, 2020, p. 318)

Apesar de reconhecida a sua soberania em 1990, a relação com a Rússia nunca foi estável. Uma das principais razões do conflito resulta da tensão relativa ao arsenal reclamado pela Rússia que está alojado em território ucraniano. O outro ponto, com importância estratégica, é o Mar Negro, onde a Base Naval russa continua presente na Crimeia.

A Crimeia, após pertencer ao Império Otomano, passou para as mãos do Império Russo no século XVII, e depois do triunfo da revolução bolchevique continuou sendo russa até 1954, ano em que Nikita Krushev a incorporou na República Socialista Soviética da Ucrânia. (Country Watch, 2020, p. 124)

Como consequência da queda do comunismo, a frota soviética do mar Negro foi dividida entre a Rússia e a Ucrânia, e o Kremlin deparou-se com a surpresa de que a sua parte ficava maioritariamente (atualmente, cerca de 70%) em território estrangeiro.

Em maio de 1997, um acordo foi alcançado o que permitiu à Rússia alugar a base naval em Sebastopol em troca de uma compensação a favor da Ucrânia pelos navios e equipamento que pertenciam anteriormente à União Soviética. (Country Watch, 2020, p. 318)

A ligação entre os dois países está igualmente relacionada com a dívida de gás que a Ucrânia tem a favor da Rússia. Num encontro em 2000, com o homólogo ucraniano, Putin ofereceu condições para que o pagamento fosse feito da forma mais “favorável” possível, nesse mesmo encontro reiterou a sua oposição à política expansionista da NATO para o Leste europeu. (Country Watch, 2020, p. 318)

Inicialmente, a NATO procurou preencher a lacuna nos estados pós-comunistas que procuravam uma associação através da “Parceria para a Paz” que

demonstrou ser insuficiente para resolver os problemas existentes. Apesar da crescente provocação à Rússia e a vinculação a responsabilidades difíceis de honrar, a Presidente Clinton decide, em 1994, que os pedidos de adesão provenientes de países ex-soviéticos deveriam ser acatados e respeitados. A expansão atlântica só foi considerada preocupante a partir do final dos anos 90, com a adesão à NATO de países²⁴ como a Hungria (1999), Polónia (1999), República Checa (1999) e, especialmente no ano de 2004, com a união dos Estados Bálticos e antigos membros da URSS tais como: Bulgária, Roménia, Letónia, Eslováquia, Lituânia, Eslovénia e Estónia. No mesmo ano aderiram à UE países como o Chipre e Malta²⁵. A expansão demonstra de forma evidente o interesse Ocidental por países ex-comunistas. A aproximação tornou a atitude da Rússia ainda mais hostil. (Freedman, 2019, p. 54).

Enquanto a adesão da Albânia e da Croácia em 2009 foi considerada de pouca relevância pela Rússia, quando a Geórgia e a Ucrânia, membros principais da União Soviética, decidiram uma aproximação ao Ocidente, a Rússia tomou uma atitude mais firme. Uma potencial adesão destes países à NATO significaria uma traição à nação soviética. (Freedman, 2019, p. 55).

Em 2008 as relações entre Moscovo e a NATO estavam num estado muito mais adverso do que aquele que se verificava em 1990. A adesão de determinados países à NATO era encarada de forma muito hostil por parte da Rússia, no entanto, a modificação dos regimes políticos desses mesmos estados representava um prejuízo ainda maior, ao qual o Kremlin não estava disposto a aceitar. As constantes aproximações ao ocidente colocavam em “xeque” os diversos líderes que poderiam ser afastados, como aconteceu com o presidente da Sérvia, Slobodan Milosevic, em 2000. Depois surgiu a “Revolução Rosa” na Geórgia, em 2003, a “Revolução Laranja” na Ucrânia, em 2004 (e outras menos significativas como a Revolução Tulipa no Quirguistão). Estas revoltas terminaram com a governação corrupta e impopular em consequência das manifestações que exigiam reformas. A possibilidade de surgirem acontecimentos similares na Rússia levou a uma atitude mais autoritária face aos assuntos internos, com o afastamento da oposição e ONG’s do país. As revoluções coloridas eram encaradas como um pretexto para uma futura adesão com a NATO e

²⁴ NATO: North Atlantic Treaty Organization. "What is NATO?". <https://www.nato.int/nato-welcome/index.html> [15 de julho de 2021].

²⁵ UE: União Europeia “os 27 países da UE” https://europa.eu/european-union/about-eu/countries_pt#tab-0-1 [15 julho 2021].

a sua expansão para território soviético consolidando o regime democrático e ocidental. (Freedman, 2019, p. 55).

Em consequência deste clima de tensão, surge em 2007 um ataque contra a **Estónia**. Em causa está a deslocação de um monumento do centro de Tallin, capital da Estónia, que resultou em manifestações por parte de inúmeros membros da etnia russa presentes no país. A Rússia demonstrou o seu descontentamento através de um prolongado ciberataque, com o pico a 9 de maio (aniversário da derrota alemã de 1945) atingindo *sites* governamentais, agências de notícias e instituições bancárias. (Freedman, 2019, p. 57).

O próximo alvo seria a **Geórgia**. O alargamento da NATO foi encarado não só como uma partilha de valores, mas também como uma estratégia geopolítica. Os novos membros, assim como a Rússia, consideravam o vetor securitário como uma prioridade. Em abril de 2008, numa conferência da NATO, a administração Bush tornou clara a intenção da Geórgia e da Ucrânia de se tornarem membros da Aliança Atlântica com uma declaração onde afirmava que “a NATO tinha acordado que estes países seriam membros da NATO”, onde a Rússia respondeu nas palavras de Putin que “visualizamos um possível bloqueio militar nas nossas fronteiras... em consequência de uma ameaça direta contra a segurança do nosso país”. (Freedman, 2019, p. 57).

O presidente da Geórgia, Mikhail Saakashvili, apesar de aconselhado a ser cauteloso, decidiu avançar contra os separatistas da Ossétia. A ofensiva aumentou as tensões e culminou com o confronto militar em agosto de 2008 com o propósito de reivindicar território. O resultado foi a tomada de controlo por parte das forças separatistas de Ossétia com o patrocínio da Rússia. A resposta desordenada por parte da Rússia, às primeiras movimentações georgianas, deixando a população de Ossétia do Sul entregues a si próprias, tenta provar que não houve interferência russa (Freedman, 2019, p. 58).

Em 2011, o então Presidente da Federação russa, Dmitri Medvedev, não conseguiu vetar a Resolução do Conselho de Segurança da ONU, que culminou com a queda do líder da Líbia, Muammar al-Gaddafi, considerado por Putin como um erro. Assim como a intervenção no Iraque tinha sido mal efetuada, também na Líbia as consequências iriam ser idênticas, tendo em conta o ambiente anárquico que se

desenvolvia e a tomada de poder por parte dos radicais islâmicos. (Freedman, 2019, p. 59).

Tendo em conta os acontecimentos, Putin tinha de reagir ou então seria o próximo líder a ser alvo de uma revolução. Em 2011 anunciou a sua candidatura a Presidente e Medvedev regressava a primeiro-ministro. Esta decisão levou a manifestações anti Putin em Moscovo e em diversos locais da Rússia. Os manifestantes alegavam que Putin tinha manipulado as eleições parlamentares, acusações semelhantes aquelas que aconteceram durante as “Revoluções Coloridas”. Existiram fortes indícios de que as urnas continham votos falsos. Em dezembro, a Secretária de Estado, Hillary Clinton, demonstrou a sua preocupação em relação às eleições russas, defendendo uma investigação sobre o processo. Palavras que tiveram repercussões nas Eleições Presidenciais norte-americanas de 2016²⁶. As manifestações não tiveram a expressão desejada por parte dos manifestantes, nem chegaram a consequências semelhantes às “Revoluções Coloridas”. (Freedman, 2019, p. 60).

Os acontecimentos reforçaram a posição de Putin e o seu regime autoritário, mas também demonstraram que o governo norte-americano estava determinado a recorrer ao protesto popular para derrubar qualquer governo, mesmo que legítimo, em prol dos seus interesses. O Kremlin acusou o governo norte americano de passar de meras palavras ao patrocínio efetivo em relação a manifestações políticas. As relações começaram então a esfriar, especialmente depois da aprovação da “Lei Magnitsky cujo nome remete ao advogado de origem russa com nome Sergei Magnitsky, morto aos 37 anos depois de ser detido na Rússia e recusada assistência medica, tendo falecido na prisão em 2009. (Freedman, 2019, p. 60).

A manifestação na Praça da Independência (Майдан Незалежності) em 2013 e 2014 resultou no afastamento do presidente, com fortes ligações à Rússia, Viktor Yanukovytsch e no derrube do seu regime autoritário. Foram sinais fortes de que a Ucrânia não queria mais a influência exercida por parte de Moscovo. Também foram mensagens claras de que a Ucrânia estava pronta para “seguir o seu caminho” com as intenções viradas para a Europa. A população ucraniana demonstrou claramente a sua oposição à Rússia e que estavam dispostos a lutar pela sua autodeterminação.

²⁶ The Muller Report (2016)

No entanto, o Presidente da Federação Russa, Vladimir Putin, não estava disposto a perder um país com uma posição geoestratégica importantíssima. (Country Watch, 2020, p. 2).

A invasão e a anexação *de facto* do território da Crimeia, com a intenção de “proteger” a população russófona, demonstrou que a Rússia estava disposta a apostar tudo para reclamar a Ucrânia. Também demonstrou que a Federação Russa estava preparada para redesenhar um Império similar à Era Soviética. Enquanto a Praça da Independência (Майдан Незалежності) era palco de uma revolução sem precedentes, o campo de batalha tinha sido deslocado para Leste e para a Crimeia. Com o conflito a escalar e a “Novorossiya” declarada em Donetsk e Lugansk, era evidente que a Rússia não iria limitar os ataques à península (Country Watch, 2020, p. 2).

O CONFLITO

A Ucrânia é um país de grandes dimensões localizada no centro da Europa de Leste, faz fronteira com a Polónia, Eslováquia, Hungria, Roménia, Moldávia, Bielorrússia e, evidentemente, com a Rússia. Conta ainda com uma população de 45 milhões de habitantes. Há muito que o território é disputado, com diversos conflitos ao longo da história e com fronteiras sempre incertas. A área localizada a norte do Mar Negro, denominada “Novorossiya”, com a Odessa a sul, Kharkiv a norte, e Donetsk a leste, foi tomada pelo Império Otomano no Séc. 18 e posteriormente colonizada de forma abrupta por Catarina, a grande.

As fronteiras foram novamente contestadas após o fim da 1ª Guerra Mundial. Resultante do efémero tratado Brest-Litovsk, de 1918, entre a Rússia e a Alemanha, a Ucrânia adquiriu independência. Depois de 1919, a Ucrânia ocidental, que tinha sido parte do Império russo, foi dividida por diversos países, grande parte incorporada na Polónia. Posteriormente foi anexada com o resto da Ucrânia consequência da invasão da União Soviética em 1939, e novamente em 1945 quando as forças alemãs, que tinham ocupado o território em 1941, foram expulsas. (Freedman, 2019, p. 61).

Nikita Khrushchev, que tomou posse após a morte de Stalin, veio tentar melhorar as relações entre a Ucrânia e a Rússia. Em 1954 conseguiu que a Crimeia, que tinha sido parte integrante da Rússia, fosse transferida para a Ucrânia. A melhor explicação para esta manobra política, que não foi bem recebida na Crimeia, prede-

se com o facto de Krushchev querer consolidar a posição do seu partido e ganhar apoio na luta pelo poder na Era pós Stalin que ainda não estava concluída.

A Ucrânia soviética “foi desenvolvida em Moscovo a partir de territórios conquistados e controlados pelo Exército Vermelho” com “pequena consideração pelos sentimentos regionais ou pela coerência ou legitimidade das políticas aplicadas”. Adicionalmente surgiram acontecimentos devastadores para o país, tais como a “Fome-Terror” em 1932-1933, mais conhecida como “Holodomor” (matar pela fome) culminando com a morte de mais de 4 milhões de pessoas devido à falta de comida, com o principal objetivo de obrigar aos mais carenciados a contribuírem para a coletivização da agricultura. Concomitantemente com a fome existiu a devastação, por parte de Stalin, de todo e qualquer dissidente, ou possível opositor do sistema, indivíduos que tenham contribuído para a independência ucraniana ou que pudessem vir a contribuir de forma hostil para a liderança soviética. A próxima tragédia foi a Segunda Guerra Mundial que, apesar de forte sentimento contra a União Soviética, o avanço nazi e os movimentos nacionalistas não deixaram grande margem de escolha ao governo ucraniano, senão aliar-se ao esforço soviético para resistir à ocupação e afastar qualquer invasão. A Ucrânia perdeu cerca de 8 milhões de pessoas durante a guerra. Menos de um quinto estava na área militar. A guerra acabou, mas deixou consequências que ainda continuam a sarar. Sendo uma das maiores repúblicas e com a liderança totalmente soviética após as catástrofes, a Ucrânia foi integrada na União Soviética. É ponto estratégico para as indústrias de Defesa e infraestruturas militares. Assim que se tornou claro de que a dissolução da U.R.S.S. estava para breve, a Ucrânia assumiu a sua soberania. A 1 de Dezembro de 1991, 3 semanas antes da dissolução da União Soviética, a população ucraniana votou um referendo onde apoiava a independência, com um total de 90% dos votos a favor (Freedman, 2019, p. 63).

Uma das principais figuras é Viktor Yanukovich. Nascido em Donetsk, em 1950, tornou-se governador em 1997. Recorreu a todas as oportunidades para adquirir mais riqueza e assegurar a sua posição política. Apesar de ser indicado por Kravchuk como primeiro-ministro e posteriormente como seu sucessor a presidente da Ucrânia, Yanukovich foi sempre influenciado de forma a manter uma relação próxima com Moscovo. Putin tentou garantir a sua eleição através de políticas de migração favoráveis aos trabalhadores ucranianos, redução do preço do gás e

através de entrevistas às estações televisivas ucranianas, onde realçava a proximidade e até a “irmandade” entre os dois países. (Freedman, 2019, p. 64).

No entanto surge uma outra personagem, Viktor Yushchenko, economista e ex-presidente do Conselho de Administração do Banco Nacional, também ele com relações próximas ao Kremlin. Yanukovych ganha por uma margem muito pequena nas eleições presidenciais em 2004, mas, devido a fortes indícios de que as eleições tinham sido fraudulentas, a população manifestou-se nas ruas ucranianas por todo o país, o que resultou na denominada “Revolução Laranja”. Os manifestantes protestaram contra as eleições manipuladas e contra o controlo que imperava por parte da Rússia. Por outro lado, existiram acusações de que as manifestações tinham sido patrocinadas e despoletadas por ativistas ocidentais. Esta instabilidade levou a novas eleições realizadas sob uma intensa fiscalização na contagem de votos, culminando com a vitória de Yushchenko com 52% dos votos e tornou-se presidente. Yulia Tymoshenko, uma empresária ligada ao ramo energético, tornou-se primeira-ministra, e Petro Poroshenko ficou com a pasta da Segurança. (Freedman, 2019, p. 64).

O presidente Yushchenko fez da Política Externa a sua prioridade, com especial destaque para uma aproximação e eventual adesão à União Europeia. Os diplomatas ucranianos reuniram esforços para criar uma imagem positiva da Ucrânia aos olhos do Ocidente e um avanço no alargamento da UE. Enquanto o Parlamento Europeu votou, em 2005, a favor de uma maior proximidade com a Ucrânia, com vista a uma potencial adesão, a Comissão Europeia foi mais cautelosa, em vez de iniciar negociações para um novo membro, apresentou um plano para reforçar a cooperação. (Plokhy, 2015, p. 332)

Debaixo da alçada de Yushchenko, a Ucrânia iniciou negociações com a União Europeia sobre um “Acordo de Associação” que incluía a criação de uma zona de livre comércio e a isenção de visto para cidadãos ucranianos. O objetivo do acordo, uma vez assinado, seria a consolidação das instituições democráticas, proteção dos direitos de manifestação e uma aproximação empresarial entre a Ucrânia e a UE. (Plokhy, 2015, p. 335).

Os anos de presidência de Yushchenko foram caóticos, tanto a nível político, mas, em particular, com fortes disputas e negociações a nível do fornecimento do

gás. Mais instabilidade se seguiu com a recessão financeira de 2008 e a disputa do preço da energia. (Freedman, 2019, p. 64).

Os eventos ocorridos na praça “Maidan” começaram anos antes, quando Yanukovych ganhou as Eleições Presidenciais de 2010, tendo este sido alvo de protestos em 2004 durante a Revolução Laranja. O novo presidente começou por mudar as regras do jogo político. O seu objetivo era essencialmente a instauração de um regime autoritário, onde tentou concentrar todo o poder em si e nos seus familiares. Também foram realizadas alterações á Constituição forçando o Parlamento a cancelar as alterações realizadas em 2004, contribuindo para uma alteração do regime semipresidencial para um regime presidencialista. (Plokhy, 2015, p. 335).

Inicialmente, Putin não estava preocupado com a Revolução, denominada “Laranja”, nem com a aproximação à UE. Este desleixo deve-se ao facto da própria Rússia estar, talvez, com as melhores relações alguma vez existentes com o Ocidente. Ao longo do tempo as relações deterioraram-se, em particular ao nível do preço da Energia e Putin assumiu uma oposição forte em relação a uma possível associação da Ucrânia à NATO. Com Yanukovych no poder, as relações com a Rússia melhoraram e a NATO ficou fora de questão. No entanto Yanukovych sabia que a adesão à UE seria muito bem aceite e desejado pela população, e assim garantia a sua reeleição. A adesão dos países como a Estónia e a Polónia teve consequências muito significativas nas economias dos respetivos países, quando comparado com os tempos do comunismo, o que levou países como a Ucrânia a querer seguir o mesmo caminho. (Freedman, 2019, p. 65).

Seguiu-se 2014 e a União Europeia já se encontrava bem próximo da fronteira soviética e dos países do báltico. Um Acordo de Associação entre a UE com a Ucrânia foi uma iniciativa que partiu de países com proximidade à Rússia e com experiência na influência soviética. Isto resultou na “Parceria Oriental” que visa reforçar as relações entre a União Europeia e os 6 países do Leste Europeu nomeadamente a Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Geórgia, Moldávia e Ucrânia. (Freedman, 2019, p. 66).

Uma aproximação com a União Europeia, seja a que nível for, requer alterações e a consolidação de instituições democráticas, proteção dos direitos

humanos, promoção de uma economia de mercado e a adoção gradual de regras e regulações europeias que resulta, caso seja bem-sucedido, na progressiva integração no Mercado Europeu e na criação de uma área económica entre a UE e os parceiros estatais.

Como afirmou o Ministro dos Negócios Estrangeiros da Federação Russa, Sergey Lavrov:

“nós somos acusados de termos esferas de influência, mas o que é a Parceira Oriental, senão uma tentativa para alargar a esfera de influência, incluindo na Bielorrússia?” (*Freedman, 2019, p. 67*).

Para conseguir fazer frente a este alargamento de influência ocidental, Putin assinou um acordo (União Económica Eurasiática - EEU²⁷), em 2011, com o Cazaquistão e a Bielorrússia, de forma a reforçar a sua identidade supranacional onde reunia a economia, o sistema legal, os serviços públicos e as capacidades militares. Esta tentativa de modernizar a Rússia demonstra a vontade de ultrapassar “a maior falha geopolítica do século” que foi a queda da União Soviética. No entanto, para o sucesso desta parceria seria necessário a inclusão da Arménia, Moldávia e Ucrânia, sendo que a Ucrânia era o principal alvo e o mais importante de todos. (*Freedman, 2019, p. 68*).

Tudo estava preparado para a assinatura do Acordo na Cimeira de Vilnius a 28 de novembro de 2013. Uma semana antes da Cimeira, o governo ucraniano decide, de forma inesperada, alterar o curso das negociações e adiar a assinatura do Acordo de Associação. Yanukovich deslocou-se à Cimeira, mas recusou assinar qualquer documento. Assim como os líderes europeus ficaram desiludidos com a atitude dos homólogos ucranianos, também a população ficou indignada. O governo quebrou promessas feitas nos anos anteriores, com consequências desfavoráveis para o futuro dos ucranianos. (*Plokhy, 2015, p. 335*).

A tentativa falhada de assinar o Parceria com a União Europeia e a movimentação a favor da influência russa despoletou a crise na Ucrânia. A população saiu à rua e começaram as manifestações no “Maidan Nezalezhnosti”, que ficou conhecida como a revolução “Euromaidan”. Começou em 24 de novembro de 2013, dias após a rejeição por parte de Yanukovich do acordo com a EU. As manifestações

²⁷ Eurasian Economic Union

foram massivas e alargaram para outras cidades ucranianas, com gabinetes governamentais ocupados, força policial a reprimir os manifestantes e ainda a contabilizar centenas de vítimas. (Freedman, 2019, p. 76).

Com a dimensão dos conflitos e a escalada exponencial da violência, incluindo a morte de 26 pessoas no dia 18 de fevereiro de 2014, Yanukovich decide não continuar a lutar pela sua posição e desapareceu, apesar da insistência por parte de Putin pela sua continuidade. (Freedman, 2019, p. 77).

A Guerra

Como interrogou o presidente dos Negócios Estrangeiros russo, Sergey Lavrov sobre a intervenção russa no conflito ucraniano:

Seria aceitável a Rússia, considerando a sua posição internacional, manter-se imóvel e reconhecer o golpe de estado na Ucrânia, e deixar a população russa e os russófonos entregues a si próprios, depois da primeira ordem ter sido emitida pelos organizadores da revolta armada inconstitucional, apoiados pelos seus patrocinadores estrangeiros, e que baniram diversos elementos relacionadas com a língua russa?

Com a classificação da mudança de governo como “golpe” ou “revolta” o objetivo foi negar aos protestantes a legitimidade do “Euromaidan”. Com esta abordagem, a Rússia demonstra que não teve a compreensão necessária para a opinião pública ucraniana, nem mesmo em relação às regiões que tinham maior ligação com Moscovo. A verdadeira preocupação prende-se com o facto do novo governo poder revogar o aluguer que tinha sido concedido à Rússia sobre a base naval de Sebastopol. A posição desfavorecida da Rússia em relação ao Ocidente, bem como a sua postura reativa determinou o desfecho do conflito. (Freedman, 2019, p. 83).

A integridade territorial da Ucrânia foi ameaçada através do argumento de que as fronteiras ucranianas não eram suficientemente sólidas e que poderiam ser desfragmentadas. Putin advoga que o país é composto pela região ucraniana, denominada “Novorossiia” (Nova Rússia), sendo que esta apenas integra o país muito recentemente. A liderança demonstra uma vontade de querer dividir um país que já por si é desunido, e que a sua divisão poderia culminar com a adesão da parte ocidental ucraniana à Rússia e, conseqüentemente, um afastamento definitivo da União Europeia e, mais importante ainda, da NATO. (Freedman, 2019, p. 85).

Crimeia

A possibilidade da Crimeia regressar para a Rússia tinha estado nos planos desde o fim da União Soviética e sempre que o governo vigente fosse consonante com os mesmos ideais. Dada a presença de uma base principal em Sebastopol, o cais da Frota russa no Mar Negro, recuperar a Crimeia não seria uma tarefa impossível (Freedman, 2019, p. 86).

A Rússia respondeu no verão de 2013 ao iniciar uma guerra comercial com a Ucrânia e aplicou embargos aos mercados ucranianos. Moscovo recorreu a todos os métodos para conseguir afastar a Ucrânia do seu curso em direção à Europa. A promessa de 15 biliões de dólares para colmatar a falta de liquidez e manter o controlo corrupto do país foi uma das opções. A primeira tranche do dinheiro chegou após a recusa por parte de Yanukovich em assinar o acordo com a UE. (Plockhy, 2015, p. 357).

A operação de anexação da Crimeia foi realizada em simultâneo com a Revolução Maidan e resultou no confronto entre manifestantes e as forças de segurança. A manifestação tinha na sua intenção o afastamento do Presidente Viktor Yanukovich, resultado que acabou por se verificar a 22 de fevereiro de 2014. (Nilsson, 2021, p. 216).

A operação rápida para anexar a Crimeia foi realizada com recurso a operações extremamente eficazes, onde a Rússia tinha uma vantagem significativa. Esta investida contou com o elemento surpresa, uma pré-existente base militar situada no Mar Negro em Sebastopol, incluindo Fuzileiros e uma vasta população russa (ou apoiantes da Rússia) na Península. (Nilsson, 2021, p. 216).

As tropas russas acompanhadas por mercenários e formações Cossack originários da Rússia, começaram a operação, bloquearam as unidades militares ucranianas com o apoio de milícias locais. (Plockhy, 2015, p. 357).

Este último facto deve-se à realidade histórica entre os russófonos residentes na Crimeia e a Rússia, mas também à ambiciosa operação de informação realizada com o intuito de disseminar o medo relativamente ao novo governo que ficaram conhecidos como “os fascistas” (*fascista junta*) e que representavam uma ameaça para os russos e para todos os russófonos residentes na Ucrânia. (Nilsson, 2021, p. 216).

A 22 de fevereiro a Rússia enviou destacamentos *Spetsnaz* (forças especiais) para a Crimeia sem quaisquer insígnias, os denominados “*little green men*” ou “pessoas afáveis”. Estas forças movimentaram-se de forma rápida para conseguirem tomar de assalto o Parlamento da Crimeia, edifícios governamentais, bem como o aeroporto de Sebastopol e outros locais estratégicos (Nilsson, 2021, p. 216) enquanto, de forma dissimulada, conseguiam o apoio da população.

A 26 de Fevereiro de 2014, um exercício militar ordenado deu cobertura a paraquedistas enviados para o aeroporto de Sebastopol. Os principais aeroportos foram dominados e a Marinha ucraniana foi bloqueada e impedida de sair dos portos em consequência do afundamento de navios antigos russos pertencentes à Ucrânia. O bloqueio evitou que os navios ucranianos partissem e conseguissem chegar à fronteira ucraniana em Odessa, o que culminou com a tomada do controlo até ao último navio com bandeira ucraniana. (Freedman, 2019, p. 86).

A 27 de Fevereiro de 2014 as instituições governamentais na Crimeia foram tomadas por ativistas pro-Rússia. Isto incluiu o Parlamento na capital Simferopol. (Freedman, 2019, p. 86). Um novo governo tomou o poder na Crimeia e cortaram o acesso às principais estações televisivas, impediram a entrega de jornais e disseminaram propaganda de forma a reivindicar apoio a favor de uma separação entre a Crimeia e a Ucrânia. (Plockhy, 2015, p. 357).

Simultaneamente, os fuzileiros tomaram de assalto diversas bases militares ucranianas, dessa forma impediram qualquer possibilidade de resposta por parte da Ucrânia e facilitaram a posterior ação das forças militares convencionais russas. (Freedman, 2019, p. 88).

Um referendo sobre a união com a Rússia foi anunciado. Uma nova lei foi emitida para facilitar a acessão de novos territórios à Federação russa (que eliminava o anterior requisito pelo qual era necessário a aceitação do território do qual a secessão era realizada). A 16 de março do mesmo ano, um referendo foi realizado em apoio à reintegração da Crimeia à Federação Russa. O resultado foi 96.77% a favor da integração, contando com a participação de 83.1% dos eleitores (Freedman, 2019, p. 86).

A Crimeia foi anexada pela Rússia depois do referendo. Putin reclamou a ilegitimidade do novo governo em Kiev, e contrastou com a maioria russa na Crimeia.

Referiu ainda a campanha realizada pela NATO em 1999 na Sérvia e a eventual independência do Kosovo para demonstrar a imparcialidade do Ocidente na aplicação do Direito Internacional. O que pretendeu na realidade foi demonstrar como os acontecimentos em Kiev faziam parte de um modelo já conhecido e que neste caso tinha falhado – as Revoluções Coloridas – e também que os atos foram realizados contra a Ucrânia, a Rússia e contra a integração Euroasiática. Defendeu que a Rússia agiu porque não tinha como não interferir, nas palavras de Putin: “se esticamos um elástico até ao seu limite, irá com certeza partir e ripostar com força”. (Freedman, 2019, p. 88).

Existem **duas características** essenciais na operação da Crimeia:

A primeira, foi a utilização de soldados profissionais sem uniforme e sem insígnias, denominados “**little green man**”. Inicialmente, Putin negou o seu envolvimento direto, eventualmente admitiu a sua interferência:

“Os nossos soldados, claro, mantiveram-se atrás das linhas de defesa das forças da Crimeia. Agiram de forma muito civilizada e, como referi, de forma decisiva e profissional. Sem os quais, nunca teria sido possível realizar um referendo aberto, honesto e digno para ajudar a população a expressar a sua opinião”.

A segunda característica foi mais flexível e está relacionada com a **liderança** governamental da Crimeia. O primeiro a ser questionado foi Anatoly Mogilev, mas recusou. Depois foi o comunista Leonid Grach, que estava tentado a ocupar o lugar, mas que foi impedido quando se demonstrou pouco popular. Sergey Aksyonov, líder do “Partido Unidade” atraiu atenções durante os confrontos entre os Tártaros (hostis à anexação da Crimeia com a Rússia) e os manifestantes pro-Russia em Simferopol. Sergey tomou posse do governo, transmitido pelo exilado Yanukovych. (Freedman, 2019, p. 90).

Donbass

Uma sondagem realizada em março de 2014 demonstra bem a opinião na véspera do dia de anexação da Crimeia. Mostrou que o “Euromaidan” tinha aumentado a sua popularidade desde a queda do governo de Yanukovych e imperava a vontade de uma Parceria com a União Europeia (sem adesão à NATO). Eleições presidenciais, já anunciadas, também eram desejadas de forma a legitimar a ordem política. A sondagem confirma a existência de um país dividido. Por um lado, a

Ucrânia Ocidental e Central pro-Euromaidan e as suas reivindicações. Por outro lado, o Sul ucraniano (incluindo a Crimeia e Sebastopol) e o Leste a serem contra o Euromaidan. No entanto grande parte da população queria manter o país unitário, em vez de fragmentado e a tornar-se numa federação. (Freedman, 2019, p. 91)

Ofensivas ocasionais através da ocupação de infraestruturas governamentais por parte de forças anti-Maidan surgem logo no início do conflito. A 1 de março, a Duma (Camara Alta) russa aprova o requerimento de Putin para recorrer ao *uso da força* militar na Ucrânia “até que haja uma normalização política no país”. A Rússia manteve uma capacidade militar substancial do seu lado da fronteira em condições para invadir, em simultâneo com advertências de uma possível intervenção militar direta com o principal objetivo para a “manutenção da paz”. Cerca de 40.000 forças militares russas foram colocadas em posição, com eventuais exercícios de demonstração da sua prontidão para ultrapassar os limites territoriais. Adicionalmente, foram reunidos esforços para prejudicar a já fragilizada economia ucraniana através de embargos económicos à exportação e ameaças de interrupção do fornecimento de gás. (Freedman, 2019, p. 91).

Assim como sucedeu na Crimeia, um movimento popular seria necessário para que surgisse um pedido de ajuda à Rússia. Foram relatados autocarros que estavam a transportar cidadãos para o Leste ucraniano. A televisão estatal russa “aplaudiu” o movimento. Foram divulgadas imagens de um mapa, pelo Representante Permanente da Rússia na NATO, onde mostrava bandeiras russas em 11 cidades ucranianas, exatamente nos locais que desenrolavam os conflitos, nomeadamente: Odessa, Dnipro, Kharkiv e Donetsk. A “invasão” no Leste ucraniano não foi bem recebida, e a investida fracassou. (Freedman, 2019, p. 93).

Campanhas locais em defesa da “*Novorossiya*”, uma construção arquitetada por Vladislav Surkov, conselheiro de Putin, com a intenção de constituir uma confederação sem Donetsk e Lugansk, foram realizadas na parte sul e leste da Ucrânia. Estas operações contaram com organizações ucranianas, incluindo empresários e ativistas, cujas atividades eram coordenadas pela Rússia. A campanha contou com protestos anti governo, com cobertura televisiva e jornalistas pagos para que fossem disseminadas as respetivas notícias. As manifestações reivindicavam uma reforma constitucional e a federalização da Ucrânia, também contou com

operações nas Redes Sociais, todas com o intuito de provocar o sentimento de apoio e reação popular. (Nilsson, 2021, p. 217).

A tentativa anti Kiev foi restabelecida em abril, desta vez os rebeldes tiveram a capacidade de formar uma base territorial. Em certos locais, por exemplo em Kharkiv, os movimentos iniciais para tomarem os edifícios foram impedidos e os rebeldes detidos. (Freedman, 2019, p. 94).

A 7 de abril, o então presidente interino ucraniano Turchynov avisou de que “uma segunda vaga de ataques das forças especiais russas contra a Ucrânia começaram”, “com o objetivo de desestabilizar a situação no país, suprimindo a autoridade ucraniana, interferindo nas eleições e destruindo o país”. Alguns dias depois, no dia 12 de abril, homens de cara tapada, com coletes anti bala e equipados com kalashnikovs capturaram diversos edifícios estatais em Sloviansk. Nos dias que se seguiram os confrontos intensificaram-se, culminando com a perda de um helicóptero ucraniano que transportava 14 soldados e um general. (Freedman, 2019, p. 94)

No decorrer do conflito a Rússia lançou um ataque militar na Crimeia em simultâneo com um “movimento intensivo de equipamento e forças regulares de forma discreta e encoberta”. Apesar da assinatura do Protocolo de Minsk, a 5 de setembro de 2014, e do cessar-fogo acordado a dia 6, entre o presidente Putin e o presidente ucraniano Poroshenko, este foi violado diversas vezes. Um segundo pacote de medidas (Minsk II) com o objetivo para a manutenção da paz, viria a ser assinado, em 11 de setembro de 2015, mas as hostilidades continuaram. (Fernandes, 2016, p. 27)

Foi esta intervenção que muitos teorizadores classificaram como táticas híbridas de forma a atingir os objetivos pretendidos com recurso a: coação política, económica, propaganda e desinformação, ciberataques e ações militares cobertas e encobertas que representam uma nova forma de fazer guerra. Porém, é de referir que as utilizações destas táticas pela Rússia já eram aplicadas no passado, como aconteceu com o desenvolvimento da doutrina de dissimulação militar russa, denominada “Maskirovka”, nos anos vinte do século passado, que incluía “medidas ativas e passivas concebidas para enganar o adversário e influenciar o processo de decisão da opinião pública a oeste”. Podemos referir exemplos como aquele que aconteceu na tentativa de derrube do governo independente da Estónia, em 1924 e

o que viria a acontecer na Bulgária e na Alemanha em 1923. Estas mesmas táticas híbridas foram realizadas com sucesso nas investidas na Chechénia e na Geórgia. (Fernandes, 2016, p. 27).

Não tardou até que o líder russo, Vladimir Putin, começasse a falar abertamente sobre a “Novorossiia”, e nas condições favoráveis para um entendimento no Leste ucraniano. Desde cedo se tornou claro de que os movimentos para a sua divisão foram realizados de forma irregular. Em Donetsk e em Lugansk foram realizados referendos no dia 11 de maio de 2014. Donetsk fundou a “República Popular de Donetsk” e Lugansk a “República Popular de Lugansk” e nunca foram integradas na Federação Russa, isto porque o principal objetivo de Moscovo seria a manutenção destas regiões como parte integrante da Ucrânia de forma a influenciar o desenvolvimento político futuro. (Freedman, 2019, p. 96).

Tendo em conta a importância do papel dos media, O Kremlin fez uso das modernas tecnologias conseguindo desta forma explorar a vertente internacional do conflito através da utilização de uma campanha de propaganda quer no âmbito interno quer a nível internacional. Ao fazer uso da guerra informacional, a Rússia procurou criar a narrativa e a realidade que fossem coincidentes com o objetivo pretendido e que servisse de potenciador de força no conflito, reforçando a sua mensagem a todos os níveis, “numa tentativa de legitimar as suas ações e manter a ambiguidade e a dúvida sobre o que de facto estava a acontecer e quais as verdadeiras intenções”.

Uma avaliação das **campanhas de informação** russa permite concluir que: em primeiro, a Rússia estava preparada para conduzir uma nova forma de guerra na Ucrânia, onde a campanha de informação desempenhou um papel fulcral; em segundo, a narrativa era baseada num antecedente histórico; em terceiro, que a crise era resultado de uma estratégia de longo prazo; em quarto lugar, que a decepção da população e militares ucranianos foi usada como tática para distrair e atrasar; e por último, as campanhas de desinformação vão perdendo a sua força e eficácia ao longo do tempo e à medida que os factos vão sendo conhecidos. (Fernandes, 2016, p. 29).

Outras das valências russas traduz-se na sua **expansão étnica**, isto é, a Rússia usa a sua dimensão étnica e a presença da etnia russa nos diferentes Estados, sobre o pretexto da necessidade da sua proteção, para justificar, interna e externamente, qualquer intervenção. A Rússia utiliza esta tática como forma de

demonstrar a inutilidade e incapacidade dos Estados Unidos e, por conseguinte, da NATO ao colocar em causa as obrigações do Artigo 5º do Tratado da Aliança. (Fernandes, 2016, p. 29).

A Rússia tentou, com a intervenção na Ucrânia, impedir a interferência dos EUA e da NATO e desestabilizar as regiões na proximidade das fronteiras russas.

A intervenção da Rússia contou com ações provenientes de diversos domínios, nomeadamente: político, militar, económico, social, informacional e infraestruturas para atingir um mesmo fim. A operação ucraniana inclui o uso, bem conseguido, da subversão, de ciberoperações, de *proxies* e de força militar convencional. (Fernandes, 2016, p. 29).

Esta análise permite perceber que o modelo de ameaça híbrida russa combina diversas capacidades, de diversos níveis: **tático** (nível onde se executam as ações de combate, logísticas e de apoio em geral, sem se preocupar com a relação entre elas.), **operacional** (Uma vez em posse dos objetivos estratégicos, cabe ao nível operacional delinear, planear e executar as campanhas necessárias) e **estratégico** (estabelecimento de metas que visem alcançar os objetivos políticos e o planeamento para alcançá-las, são o cerne do nível estratégico-operacional da guerra). (Fernandes, 2016, p. 30).

Ao **nível tático**, a Rússia empregou forças regulares e irregulares, de operações especiais e manobras com armamento convencional moderno, apoiada de forma dissimulada por grupos paramilitares pró-russos, que executaram operações de guerrilha numa campanha não convencional, fazendo uso de ciberoperações, com o propósito de enfraquecer o poder e a influência na Ucrânia, conseqüentemente criou o caos e fez proveito da ausência de controlo. (Fernandes, 2016, p. 30).

Ao **nível operacional** conseguiu coordenar as ações com campanhas de informação e psicológicas muito eficientes, ao mesmo tempo que mobilizava e deslocava formações militares convencionais em manobras de demonstração e decepção. Por outro lado, de forma encoberta, infiltrou meios e forças no território, apoiando a causa rebelde e conduzindo os acontecimentos da operação. (Fernandes, 2016, p. 30).

Ao **nível estratégico**, utilizou, de forma coordenada e sincronizada, os instrumentos de poder militar, diplomático, económico e informacional de forma a alcançar os seus objetivos. (Fernandes, 2016, p. 30).

OPERAÇÕES DE INFORMAÇÃO E CIBEROPERAÇÕES

Apesar do conflito na Ucrânia ser predominantemente uma guerra física, o desenrolar dos acontecimentos levaram a que fosse necessário recorrer a uma vertente informacional. A certa altura o conflito “congelou”, tornando o discurso estratégico crucial para criar a perceção ideal da guerra e para abrir caminho a novas negociações. (Nilsson, 2021, p.224).

Desde o início do conflito, as Informações tiveram uma função facilitadora das operações tanto em Lugansk como em Donetsk. Desde a infiltração dos “homens de verde” na Crimeia até à intervenção de separatistas em Donbass, a Rússia promoveu uma narrativa que declarava a existência de uma ameaça iminente para os russófonos na Ucrânia, diante da ascensão dos “fascista junta” em Kiev. Esta divulgação foi realizada com recurso aos media nacionais, Redes Sociais e *Influencers*. A Rússia optou assim por uma estratégia “alarmante” que aumentou a polarização da sociedade ucraniana. (Nilsson, 2021, p. 224).

A “Guerra Informacional” russa permitiu acentuar a fragilidade e incompetência das Forças Armadas ucranianas, dessa forma desmoralizou os soldados ucranianos bem como toda a sociedade, criando a sensação de impotência e que resistir seria uma atitude fútil tornando o país indefensável. (Nilsson, 2021, p. 224).

Outra das formas pela qual a Rússia atuou foi através do isolamento da Ucrânia, ao atribuir responsabilidades à NATO e à UE pelo conflito ao interferirem na Ucrânia e, simultaneamente, ameaçando a Rússia. (Nilsson, 2021, p. 224).

Os ataques do tipo DoS (*Distributed Denial of Service*) tornaram-se bastante comuns na prática coerciva russa, por exemplo na Estónia, em 2007, e na Geórgia, em 2008. Não foi surpreendente que, logo após o Euromaidan, a Ucrânia fosse vítima de ciberataques. (Freedman, 2019, p. 134).

Para que o sucesso da operação na Ucrânia prolongasse no tempo, uma das características principais foi a utilização predominante de ciberataques e operações

de informação. As armas inovadoras da “Era Digital” são distintas na sua capacidade técnica e nos efeitos perpetuadores. (Freedman, 2019, p. 134).

Os Ciberataques

A experiência cibernética da Rússia começou com um ataque DDoS (*Distributed Denial of Service*) contra a Estónia em 2007. A *inundação* do tráfico de internet no ciberespaço foi a forma de sancionar a Estónia por ter alterado a localização de uma estátua do tempo soviético. Esta ofensiva foi capaz de desligar serviços do dia-a-dia, que são realizados virtualmente, durante semanas, desde canais de notícias a instituições governamentais, e aumentaram a confiança da Rússia para continuar a desenvolver as suas capacidades contra os seus inimigos. (Shuya, 2018, p. 4).

A próxima vítima foi a Geórgia. Enquanto o país combatia os separatistas em Ossétia, a Rússia interveio em sua defesa. O ataque foi outro exemplo de ataque DDoS, mas o objetivo foi assegurar que a população Georgiana não conseguia ter qualquer perceção dos eventos, bem como para garantir que as comunicações entre as forças militares georgianas não eram estabelecidas. Este objetivo foi de fácil alcance, tendo em conta que a infraestrutura da Internet estava dependente de ligações sediadas na Rússia e na Turquia. (Shuya, 2018, p. 5).

Porém, os ataques realizados na Ucrânia contra as estações de Energia extravasaram o simples DDoS e foi desenhado para retardar os seus efeitos. Em simultâneo com a intervenção na Ucrânia, que durava desde 2014, em **dezembro de 2015** foi efetuado um *acesso ilegítimo* no Serviço de Energia Ocidental da Ucrânia, Prykarpattyaoblenergo. O ataque resultou num “apagão” que afetou 200.000 consumidores. A grande maioria das estações televisivas demonstraram interesse no evento, tendo em conta que foi a primeira vez que um *malware* conseguiu provocar danos tão significativos. (Lapayev, Holub, 2017, p. 31) Acredita-se ser o primeiro ataque onde uma estação de Energia ficou comprometida através de um ciberataque. Talaj Rajab, responsável pela segurança e cibersegurança do Reino Unido, afirmou que:

“O incidente ucraniano foi uma chamada de atenção para o setor”²⁸

²⁸ (Utility Week, *Cyber security and utilities*, p. 18).

De acordo com Talaj Rajab, o incidente pode significar preocupações futuras: “sendo este um ataque com sofisticação apenas ao alcance de um Estado. Em vez de enviar tanques e soldados para o terreno, recorrer a métodos como este pode derrubar uma cidade inteira da mesma forma que as guerras futuras podem ser combatidas no futuro” (Utility Week, *Cyber security and utilities*, p. 18).

Foi mais tarde divulgado que o *malware* utilizado tinha sido o “*BlackEnergy*”. Porém, esta informação não foi dada pelas autoridades ucranianas, mas sim pelo Departamento de Segurança Interna dos EUA (DHS), que também fizeram ligação ao grupo de hackers russos denominado “Sandworm”. (Lapayev, Holub, 2017, p. 31).

O *malware* utilizado já é conhecido desde 2007, mas os hackers têm conseguido utilizar as suas diversas modificações para continuar os ataques. Uma das especificidades do vírus é a capacidade de ficar “adormecido” durante vários anos num determinado dispositivo, sem manifestar a sua presença. O pirata informático que o instalou pode ativá-lo quando chega a altura certa. (Lapayev, Holub, 2017, p. 31).

Após a investida em 2015, outra série de ataques foram perpetrados. Em **janeiro de 2016**, o vírus “*Black-Energy*” foi encontrado numa estação do aeroporto de Boryspil. O computador infetado foi desconectado da Rede e mais nada foi feito ou reportado. Depois, os hackers fizeram uma serie de ataques com o objetivo de provocar danos no ciberespaço. Em março, existiu um ataque massivo no *website* onde foram reunidas assinaturas das petições online contra o Presidente. Durante 11 minutos, 738.000 assinaturas foram adicionadas, e reclamavam a renúncia de Mikheil Saakashvili do cargo de governador da *Oblast* (região) de Odessa. No dia da independência (24 agosto), piratas anónimos conseguiram aceder às páginas das Redes Sociais do Ministro da Defesa e da Guarda Nacional. Mais tarde foram realizados ataques contra o website da NSDC (Conselho de Segurança e Defesa Nacional da Ucrânia), especificamente contra o departamento de informação e análise, e contra a página do Facebook da ATO (Centro de antiterrorismo), precisamente o centro de imprensa. Quase sempre os piratas informáticos deixavam

uma mensagem de apoio a favor dos terroristas das Repúblicas de Donetsk (DNR) e Lugansk (DNL) ou slogans anti Ucrânia. (Lapayev, Holub, 2017, p. 31).

Apenas um ano depois dos ataques às estações de Energia, a “*Black-Energy*” relembrou a sua presença. Em dezembro de 2016, o Ministro das Finanças, o Ministro do Tesouro e do Banco Nacional foram vítimas de ataques informáticos.

Deve ser dada especial atenção ao tempo em que ocorre a ativação do *malware*. O apagão de 2015 aconteceu no Inverno, quando as temperaturas são extremamente baixas e a população é mais afetada pela falta de aquecimento. Os ataques às instituições financeiras ocorreram próximo dos feriados do Ano Novo, de forma a provocar outra onda de indignação e protestos contra o atraso nos pagamentos sociais. A mesma estratégia foi aplicada pelo Kremlin durante a Guerra contra a Ucrânia. (Lapayev, Holub, 2017, p. 31).

Desde o Euromaidan em 2014, aumentaram os ciberataques na Ucrânia contra os setores da Energia. Estas formas de ataque e subversão servem para prejudicar a percepção da população afetada relativamente à legitimidade do governo, através da sua incapacidade para fornecer serviços básicos. (Simons, Danyk, Tamara, 2020, p.338)

Os principais objetivos dos ciberataques na Ucrânia são as estações de Energia, devido às potenciais consequências e efeitos destrutivos tangíveis (físicas) e intangíveis (psicológicas) que podem afetar múltiplos setores no país. (Simons, Danyk, Tamara, 2020, p. 338).

Os ciberataques são parte de um sistema de guerra não-tradicional e não convencional encontrada na Guerra Híbrida. Permite um ataque indireto contra o alvo sem recorrer a uma intromissão física e possibilita alguma desresponsabilização do atacante. Assim, é menos provável culminar numa guerra convencional entre estados. (Simons, Danyk, Tamara, 2020, p. 339)

Para a população ucraniana, estes ciberataques aumentam a sensação de incerteza e aumenta o nível de risco nas suas vidas, quando as mesmas já vivem num ambiente económico e político bastante instável. O risco de aumentar a distância entre a população e as instituições governamentais é potencialmente maior, a frustração de não poder disfrutar de necessidades básicas dos tempos modernos

(eletricidade e serviços dependentes da mesma) pode ter um impacto na confiança e na opinião acerca da liderança política do país. (Simons, Danyk, Tamara, 2020, p. 339).

O governo russo tem sido culpabilizado pelos eventos cibernéticos, apesar da sua difícil conclusão e prova dos principais envolvidos. Isto torna difícil provar quem organiza ou a entidade por detrás do ataque, especialmente pelo nível de secretismo e planeamento com que é realizada, de forma a aumentar as probabilidades de sucesso e reduzir as possibilidades de ser punido. (Simons, Danyk, Tamara, 2020, p.339).

O MEIO AMBIENTE DO CIBERESPAÇO

As Teorias militares e nacionais sobre Poder existem desde os primórdios da civilização, mas duas teorias são importantes destacar para melhor perceber o Séc. XIX e os séculos que se seguiram.

O PODER

O pai da teoria geoestratégica é o geógrafo inglês Halford J. Mackinder, que desenvolveu a “**Teoria do *Heartland***”. “Heartland” significa, literalmente, Coração da Terra. Mackinder situa o *Heartland* na zona territorial que abrange os continentes europeu e asiático, mais concretamente o Leste Europeu e a Rússia, e que recebe a denominação de Eurásia ou Ilha Mundial, da qual a Rússia é o território central, denominado “Estado pivot”. Mackinder defendeu a tese de que o controlo dos mares não significava a chave ou o domínio das nações marítimas. A supremacia naval tinha chegado ao fim, concedendo lugar à grande massa territorial da Rússia, com potencialidades em termos de recursos naturais e população enormes, conseqüentemente, a Expansão da Rússia para as áreas marginais possibilitaria a emergência de um poder global. (Ratray, 2009)

No argumento de Mackinder, os avanços tecnológicos, especialmente devido às linhas ferroviárias transcontinentais, propiciaram a mobilidade dentro das grandes massas territoriais e isso alterou, a partir de 1904, a dimensão dos conflitos armados. (Ratray, 2009)

Em contraste com a teoria anterior surgiu a “**Teoria do *Rimland***”, de Nicholas Spykman, em 1944. A tese de Spykman defendeu que o Poder estava centrado na população e nos recursos da orla eurasiática, desloca a importância para os países fronteiriços com o *Heartland*, isto porque seria mais rico em recursos naturais e permitia o contacto com outras regiões do mundo através dos mares. Spykman afirmou que “quem controla o *rimland* domina a Eurásia”, e continua “quem controla a Eurásia, domina o destino do mundo”. (Ratray, 2009)

Brezinski²⁹ chega a afirmar que a primazia global norte americana seria diretamente dependente da capacidade de sustentar a sua proeminência na região eurasiática, neste sentido, afastar a Ucrânia da órbita de influência russa consolidaria

²⁹ Brezinski data de antes do fim da Guerra Fria: foi Conselheiro de Segurança Nacional do Presidente dos Estados Unidos da América Jimmy Carter (1977 - 1981).

a entrada da mesma na NATO, reduziria a Rússia a condição de potência asiática, sem projeção geopolítica na Europa, excluindo ainda a passagem russa para o Mar Mediterrâneo através do Mar Negro. Conseqüentemente, Brezinski define a Ucrânia como o “pivô geopolítico” da Eurásia. (Souza, 2017, p.151).

Assim, como os anteriores teóricos determinaram o centro de Poder para o terreno físico, também deve ser escrutinada uma teoria para estipular a fonte do Poder no ciberespaço, contando que “os Estados são tendencialmente categorizados pela sua dimensão de poder” (Mosser, 2001).

CIBERPODER

O ciberespaço coloca à disposição todo um novo domínio que deve ser ponderado nos cenários de conflito e de guerra, considerando que permite um aumento significativo da velocidade, maior dissimulação, maior precisão, maior difusão e intensifica a força de um ataque. (Hybrid CoE, 2020, p.4)

“Hoje, os conflitos são realizados com recurso a meios irregulares e assimétricos, com a possibilidade de ser conduzido em múltiplas frentes, em diversos tipos de terreno com recurso a um novo tipo de armas, mais sofisticadas, ou sem frentes, sem apoio logístico, com escassos recursos, sem limites. A Guerra Híbrida é caracterizada por comandos desconcentrados distribuídos por células militares que recorrem a meios informáticos para atuar. O teatro de operações vai desde o terreno físico ao meio virtual”³⁰.

Uma característica essencial da Guerra Híbrida do Séc. XXI é que quanto mais capacidade um exército tem na obtenção da informação de determinado contexto estratégico de um conflito em que esteja envolvido, maior será a probabilidade de minimizar as suas fraquezas e, por outro lado, maior a sua capacidade de identificar as vulnerabilidades do inimigo e potenciar o seu aparelho e força militar contra ele (Santos, Bessa, Pimentel, 2008, p. 99).

A disseminação de informação é hoje feita de forma mais rápida e mais eficaz, onde milhares de documentos podem ser transferidos de um continente para outro em apenas alguns minutos. Os movimentos do adversário podem e devem ser comunicados mais eficientemente. As decisões de Segurança e Defesa devem ser tomadas quase em tempo real de forma a ganhar vantagem militar sobre o inimigo. As Tecnologias de Informação passaram a ter um papel nuclear neste processo, o

³⁰ Santos, Bessa, Pimentel, 2008, p. 99

que permite potenciar, assim como alterar diversos princípios de guerra que são conhecidos no seio militar, aplicáveis no ciberespaço que constitui um verdadeiro campo de batalha digital. (Santos, Bessa, Pimentel, 2008, p. 99).

O poder fundado na informação não é novo. O prefixo “ciber”, na palavra “Ciberpoder”, corresponde a todas as atividades realizadas com computadores e informática. Na definição de Nye, o ciberpoder traduz-se:

“Na capacidade de usar o ciberespaço para obter vantagens e influenciar acontecimentos em diversos ambientes operacionais com recurso a todas as ferramentas que o Poder permite. O ciberpoder também pode ser usado para produzir resultados preferenciais dentro do ciberespaço simultaneamente com a utilização de instrumentos que possibilitam resultados favoráveis em domínios localizados fora do espaço digital”³¹.

O ciberespaço tem transformado o ambiente no qual os Estados Unidos da América e os restantes atores internacionais atuam, cooperam e competem. Para atingir os objetivos pretendidos os estados devem conseguir influenciar os restantes participantes neste domínio. Ainda é muito prematuro para conseguirmos entender toda a natureza dos ciberconflitos e da ciberguerra, no entanto, devemos entender os fatores que contribuem para o seu desenvolvimento. (Rattray, 2011).

A transição do poder de um estado dominante para outro é um acontecimento histórico, mas a difusão do poder é um processo mais recente. O problema reside no facto de os acontecimentos, na Era da Informação, surgirem em ambientes que não são totalmente controláveis pelos estados, mesmo para as superpotências. (Nye, 2010, p. 1).

O ciberespaço deve ser comparado aos restantes domínios, nomeadamente: terra, mar, ar e espaço. O controlo sobre as principais características de determinado domínio aumenta o poder de um estado. Por outro lado, a incapacidade para obter acesso e manter o controlo pode limitar o alcance político, diplomático, económico, militar e informacional do poder. (Rattray, 2011)

O controlo sobre a **terra**, isto é, sobre as áreas territoriais tais como a Ásia Menor ou o controlo sobre pontes entre a Ásia, Europa e África, por onde forças

³¹ Nye, 2010, p. 3

militares e rotas comerciais passaram durante milénios, influenciou fortemente a evolução da humanidade. (Rattray, 2011)

No **mar**, a capacidade para dominar estreitos tais como o de Gibraltar ou Malaca permitiu aos Impérios garantir uma transição rápida de forças militares e assegurar as linhas de comércio essenciais para as respetivas economias. (Rattray, 2011).

Durante o último século, a liberdade e a possibilidade de explorar o **ar**, por parte da Força Aérea em conflitos aéreos e no abastecimento de ajuda humanitária tem sido fundamental, tanto para as operações militares como para as conquistas diplomáticas. Temos o exemplo bem-sucedido do “Bloqueio de Berlim”³² em 1948. (Rattray, 2011).

No **espaço**, o domínio de posições essenciais, tais como aquelas utilizadas na órbita geossíncrona, tem sido objeto de competição entre as superpotências devido à capacidade que proporciona em operações de Informação e Comunicação. De forma analógica, deve ser feita uma análise para compreender a natureza do **Ciberespaço**. (Rattray, 2011).

O ambiente *Ciber* é único logo na sua génese, devido ao facto de ter sido produzido pelo homem. É recente e alvo de transformações tecnológicas a uma velocidade que não se verifica nos restantes domínios. (Nye, 2010, p. 4).

Ao contrário do que acontece com outros ambientes, o ciberespaço não é estático e fixo, está em constante atualização, é de fácil mutação e ainda permite a movimentação de forma rápida e instantânea. O custo de produção de um navio em nada se compara com o desenvolvimento do *hardware* ou do *software* de um computador, no entanto, os seus efeitos podem ser igualmente devastadores. Enquanto a pirataria naval continuar a ser uma opção para os atores não estatais como acontece na Somália e no estreito de Malaca, o controlo absoluto sobre o mar continua a ser impossível. Também no Ar, um estado pode procurar a superioridade

³² **Bloqueio de Berlim**, evento ocorrido entre 24 de junho de 1948 e 12 de maio de 1949 tornou-se numa das maiores crises durante a Guerra Fria. Foi despoletado quando a União Soviética interrompeu o acesso ferroviário, rodoviário e hidroviário à cidade de Berlim Ocidental. O objetivo principal era forçar as potências ocidentais a sair, possibilitando o controlo soviético sobre toda a cidade.

através de investimentos avultados na última geração de aeronaves e sistemas de satélite nem por isso consegue a hegemonia. (Nye, 2010, p. 4).

Ao contrário do que acontece nos restantes domínios, as limitações para integrar o ciberespaço são tão diminutas que os atores não estatais e pequenos estados podem ter um papel bastante significativo a custos muito reduzidos. Em contraste com o Mar, o Ar e o Espaço, o ciberespaço partilha de algumas características com a guerra em Terra, tais como: o número de participantes, e a possibilidade de dissimulação. Enquanto alguns estados como os EUA, China, Rússia, Reino Unido e França são reputados como possuidores de maior capacidade do que outros, essa premissa não se verifica no domínio do ciberespaço. Todo aquele estado que tem maior capacidade económica e militar depende fortemente das linhas de comunicação que o domínio virtual proporciona, esta dependência cria novos desafios e aumenta as vulnerabilidades. (Nye, 2010, p. 4)

A evolução do ciberespaço e a extensão das suas potencialidades começaram logo no século XIX quando o telégrafo foi utilizado, na Guerra da Crimeia, para transmitir relatórios de Informações e para comandar as forças dispersas no terreno. A dependência no ciberespaço, os problemas relativos ao domínio sobre a informação classificada e Redes críticas são os principais riscos que os diferentes governos enfrentam. O aumento da conectividade digital terá um efeito transformador. Assim como o telégrafo e as linhas férreas trouxeram grandes mudanças no domínio dos vastos territórios, também as características principais das comunicações digitais irá proporcionar novas oportunidades no ciberespaço.

Uma das principais características da Internet é a facilidade com que os indivíduos e grupos organizados conseguem aceder à mesma comunicando com o lado oposto do globo sem revelar a sua localização nem identidade. Outra das características está relacionada com a utilização das faculdades que a Internet proporciona, nomeadamente as Redes Sociais, que permitem uma utilização menos benévola com objetivos políticos. Por exemplo, *Sites* na Internet, operados pelo Estado Islâmico, incitam os indivíduos a atos de violência e terrorismo contra as instituições e valores Ocidentais (Rattray, 2011).

Por outro lado, a crescente utilização da internet em outros aspetos da vida quotidiana por parte dos Estados mais desenvolvidos como na Energia, na Água e

nos Transportes criam novas vulnerabilidades estratégicas. Os ataques contra os Sistemas de controlo digitais são tecnologicamente possíveis. Tais vulnerabilidades permitem uma vantagem assimétrica para os atores não estatais que são menos dependentes dos sistemas tecnológicos. Novas ameaças podem surgir de atores que não conseguem competir de igual forma noutros domínios. (Ratray, 2011)

De forma a responder aos novos desafios apresentados, sejam híbridos, informacionais, ciber ou outros, o Ocidente precisa reformular a visão política dos conflitos contemporâneos, em particular aqueles que são contemporâneos da Rússia. (Fridman, 2018, p. 146).

DEFENDER E DERROTAR COMBINAÇÕES

As respostas da Ucrânia contra a ofensiva russa foram pouco exploradas no âmbito acadêmico e militar, por essa razão é imprescindível perceber como reagiu o país no qual decorreu o conflito mais híbrido de sempre, não só para definir o conceito e tema principal da Tese, mas também pela contribuição que oferece para contrariar os ataques híbridos.

DESCOMBINAR A GUERRA HÍBRIDA

O que a Rússia parece estar a desenvolver é uma doutrina que não é certamente uma guerra híbrida como entendida no Ocidente, mas uma forma de contestação mais complexa e politicamente liderada. Quer lhe chamemos "guerra de espectro total" (que mais se adequa à nomenclatura ocidental) ou "guerra não linear", ambas refletem a percepção russa de como o espaço de batalha militar, político e económico mudou. O Kremlin está no meio de uma reação revanchista contra o que vê como uma ofensiva cultural e geopolítica pelo Ocidente. Está, portanto, a aproveitar todas as oportunidades que lhe surgem para tentar atacar o Ocidente e lembrá-lo dos riscos de tratar a Rússia como um marginal. (Galeotti, 2016, p. 282)

Em simultâneo com os métodos diretos, a Rússia aplicou métodos indiretos e dissimulados de forma a preparar o terreno para a sua ocupação, garantir o anonimato das respetivas operações, protelar a reação ucraniana e influenciar ou alterar a percepção do conflito tanto a nível nacional como internacional. (Nilsson, 2021, p. 215).

De forma genérica, enquanto a guerra se torna cada vez mais dispendiosa, em sentido político e económico, Moscovo está a aproveitar as oportunidades que as manobras políticas e as operações de informação possibilitam para agravar a oposição ocidental e provocar hostilidades, assim como prejudicar qualquer vontade de resistir às respetivas invasões. Estas manobras podem ser entendidas como uma combinação de *hard* e *soft power*. (Galeotti, 2016, p.288)

A guerra híbrida não é nova para a Rússia, nem começou com a crise na Ucrânia. A Rússia tem desenvolvido e aplicado com sucesso as táticas híbridas, especialmente durante a guerra na Chechénia, na Geórgia e na Estónia. As lições que retiraram das Revoluções Coloridas e da Primavera Árabe também contribuíram para um aumento das capacidades híbridas russas. (Erol, Oguz, 2015, p. 267).

O sucesso da Rússia na Crimeia foi facilitado pela debilidade do adversário. **Politicamente**, um governo novo e inexperiente teve de gerir uma economia colapsada e diversas críticas provenientes da Rússia. **Militarmente**, as Forças Armadas tiveram durante décadas a falta de treino e equipamento adequado. Assim, tanto o governo como as unidades militares na Crimeia estavam inertes e desorganizadas. A Rússia conseguiu atacar e controlar com alguma facilidade. (Granholm, Malminen, Persson, 2014, p.45).

Desde o fim da URSS em 1991, a Ucrânia e a Rússia têm tido conflitos sobre a soberania do território. A mais significativa disputa surgiu em 2003 no Estreito de Querche, mais concretamente sobre a ilha de Tuzla. O estreito liga o Mar Negro e o Mar de Azov, separando a Crimeia, a oeste, da península de Taman, a Este. (Nilsson, 2021, p. 219).

A Crimeia, em particular Sebastopol, foi considerado como ponto estratégico muito antes de 2014. Depois da Revolução Laranja de 2004, ambos os lados disputaram o preço e a ligação do gás natural, considerando que a Ucrânia tem implicações internacionais e é o ponto de passagem da exportação de gás para o ocidente. (Nilsson, 2021, p. 219).

No entanto, a preparação da operação na Crimeia e no leste ucraniano permitiu influenciar de forma significativa as decisões de Kiev bem com as opções estratégicas nas Forças Armadas, não só devido à forte presença russa nos Serviços de Informações ucranianos, mas também pela penetração dentro das instituições políticas e militares da Ucrânia. A Rússia também conseguiu explorar as divisões linguísticas na sociedade ucraniana, em particular nas questões de identidade com recurso a operações de informação e o apoio a narrativas nacionalistas e étnicas. (Nilsson, 2021, p. 219).

Na anexação da Crimeia, a Ucrânia apenas foi capaz de reunir 6.000 soldados, de um exército que conta com 130.000 homens, para combater os separatistas. No entanto, a Ucrânia dependeu ainda de 50 unidades voluntárias, em particular no verão de 2014. Estas melícias eram altamente diversificadas nas suas motivações políticas e ideológicas bem como nas fontes de financiamento que podem originar em grupos políticos, mas também em iniciativas cívicas. Os combatentes tinham origens diversas e incluíram chechenos e georgianos ao lado dos ucranianos. Muito do financiamento

também provinha de indivíduos ou oligarcas ucranianos. Porém, outras foram as fontes que colmataram a falta de recursos seja através de donativos da sociedade, mas também donativos originários do estrangeiro. (Sanders, 2017, p. 37)

A **angariação e donativos** por parte das unidades voluntárias pode ser considerado como elemento essencial e a resposta ideal contra a “Guerra por procuração” perpetrada pela Rússia no leste ucraniano – uma resposta que comprovou ser necessária é luz da enorme carência de recursos e falta de capacidade por parte das forças regulares da Ucrânia. (Sanders, 2017, p. 37)

No entanto, a experiência da Ucrânia na guerra de Donbass resultou na construção de forças militares mais pequenas apoiados pela última tecnologia militar, porém este caminho pode não ser sustentável quando os recursos são diminutos, como era o caso da Ucrânia. (Nilsson, 2021, p. 220).

O grande desafio durante 2014 foi a falta de soldados, reservas e equipamento militar que representou uma grande fraqueza para resistir à exaustão. Em resposta à agressão russa, o governo ucraniano colocou em prática um ambicioso programa de reforma das Forças Armadas. A despesa na Defesa aumentou 3% do PIB. A abertura de recrutamento aumentou o número de homens para 250.000, com uma reserva adicional de 130.000. (Sanders, 2017, p. 38)

Apesar da reforma militar não estar totalmente completa, pela resistência oferecida pelos militares, mas também causa da corrupção institucional, a Ucrânia apresenta hoje uma capacidade militar totalmente diferente daquela que detinha em 2014, não apenas em termos de pessoal, mas também relativamente ao comando, treino e equipamento. A força militar atual representa uma forte barreira contra uma ofensiva por parte dos separatistas ou da Rússia.

De acordo com os Serviços de Informações militar ucraniana a Rússia está bastante satisfeita com a situação atual e continuará a manter o *status quo* que vigora nos territórios que ocupa durante tempo indefinido, enquanto aplica, elementos não-convencionais de forma a influenciar a Ucrânia. (Nilsson, 2021, p. 220).

Apesar de uma ofensiva ucraniana nos territórios de Lugansk e Donetsk ser viável, dada a diminuta presença de separatistas e forças regulares russas, a

capacidade para contra-atacar da Rússia representa uma forte arma dissuasora contra qualquer tentativa para recuperar as regiões. (Nilsson, 2021, p. 220).

Em 2018 foi aprovada uma lei, pelas entidades ucranianas, que reconhece como um “ataque armado” a agressão russa contra a Ucrânia e determina que Donetsk e Lugansk são “territórios temporariamente ocupados”. Também foi atribuído o comando das operações ao Estado-Maior-General das Forças Armadas e o objetivo de estabilizar e, eventualmente, libertar os territórios ocupados. A introdução das Operações de Força Conjunta (*Joint Forces Operation*) é de certa forma o reconhecimento de que a Ucrânia está a combater a Rússia e as respectivas forças no Leste ucraniano em vez de se focar apenas nos separatistas locais. (Nilsson, 2021, p. 221).

A capacidade da Ucrânia, depois da experiência na Crimeia, para responder com força convencional contra uma tentativa de infiltração russa em Donbass foi transformador e elucidativo da visão que existia do conflito, tanto a nível nacional como internacionalmente. A resposta ucraniana serviu como forma de “descombinar” a guerra composta e a violência híbrida em Donbass, através da exposição e denúncia de um adversário ambíguo que atuava de forma encoberta através de insurgentes e separatistas. Esta transformação permitiu divulgar as ações russas, tornando evidente que a Ucrânia estava preparada para combater uma agressão externa e não apenas focada nos conflitos internos como Moscovo argumentava. As características da abordagem ucraniana permitiram ao governo ucraniano unir e reforçar o apoio interno, mas também permitiu o auxílio internacional ao país. (Nilsson, 2021, p. 221).

DIVULGAR O ENVOLVIMENTO RUSSO

Um dos principais objetivos da defesa ucraniana no Leste foi a divulgação da participação russa no conflito. Inicialmente, Moscovo negou qualquer envolvimento das forças militares russas no Leste ucraniano. Porém, em 2015, o Presidente Putin admitiu que existiam agentes russos no terreno, mas que não existiam quaisquer forças militares. Moscovo afirmou a presença de soldados ao lado dos separatistas em Donetsk e Lugansk, mas que eram compostos apenas por milícias locais. Quando confrontado com a evidência de que soldados russos tinham sido mortos ou feitos prisioneiros durante o conflito, Moscovo alegou que eram “voluntários” e recusou

qualquer participação dos mesmos nas forças militares russas. Além disso, a Rússia negou a prestação de auxílio e mantimentos aos separatistas, bem como qualquer tipo de patrocínio financeiro, argumentando que todo o material de guerra utilizado pelos separatistas eram armas recuperadas dos soldados ucranianos ou fornecidos por simpatizantes estrangeiros³³

As forças que combateram por Donetsk e Lugansk são uma combinação de milícias separatistas locais com forças militares russas e ainda, voluntários internacionais e mercenários. Estas forças são, desde 2016, denominados Corpo do Exército DNR 1 e LSK 2 nas respectivas regiões. (Nilsson, 2021, p. 222).

Apesar de ser difícil conseguir o controlo absoluto sobre estas forças, todos as posições de comando são hoje controladas por oficiais russos e as duas forças são totalmente dependentes da capacidade de defesa aérea, comunicações, logística e mantimentos da Oitava Armada, que por sua vez é fornecido via Rostov-na-Donu, uma cidade russa (Nilsson, 2021, p. 222).

Em 2019, as Forças Armadas ucranianas estimaram que um total de 37.000 separatistas e forças militares russas participaram em Donetsk e em Lugansk. Adicionalmente, a Rússia enviou reforços para a fronteira com a Ucrânia, que contabilizava perto de 75.000 homens, o que possibilitava a intervenção rápida no Leste ucraniano, por exemplo, em caso de uma tentativa de reaver território nas regiões fronteiriças. (Nilsson, 2021, p. 222).

Outras das forças que atuavam em nome de Lugansk e Donetsk incluía milícias oriundas da Federação Russa, nomeadamente o batalhão Vostok, que tinha intervindo na Chechénia e era composto por mercenários estrangeiros, assim como o grupo Wagner, pertencente a uma empresa de segurança privada que tinha participado em operações na Síria. (Nilsson, 2021, p. 222).

A tentativa da Rússia em negar o seu envolvimento militar no conflito no Leste ucraniano, apesar das evidencias em contrário, serviu para ofuscar a realidade e determinar o curso do conflito, consequentemente permitiu adiar a reação de Kiev bem como dos parceiros ocidentais (Nilsson, 2021, p. 222).

³³ UNIAN. 19 dezembro 2019. "Putin claims militants in Donbas get military hardware from countries "sympathizing with them"".

Este método de negar o envolvimento direto serviu um duplo propósito à Rússia: em primeiro lugar, permitiu a Moscovo evitar qualquer cooperação ou responsabilização por quaisquer compromissos militares ou económicos para com os projetos separatista em curso no Leste ucraniano. Em segundo lugar, permitiu ao Kremlin retratar o conflito como uma guerra civil entre o governo central e a população russófona no Leste da Ucrânia. (Nilsson, 2021, p. 222).

Por outro lado, tratar a questão da Ucrânia como uma guerra civil, ou seja, um assunto interno, permitiu colocar Moscovo numa posição de potencial mediador em busca de uma solução para o conflito, solução esta que poderia passar por uma reforma constitucional e a federalização – como estipulado no acordo de Minsk II. Este acordo determinou um “estatuto especial” para as regiões e consequente aumento da autonomia e do poder de veto sobre o governo central. Esta decisão teve consequências perversas e equipou a Rússia com uma ferramenta essencial para conseguir influenciar o governo da Ucrânia, com efeitos na relação entre a Ucrânia e a NATO ou entre a Ucrânia e a UE.

Por estas razões a Ucrânia entendeu logo de início a necessidade de expor o envolvimento direto da Rússia no conflito. As evidências são claras, desde agentes secretos capturados em território ucraniano até rações ou documentos pessoais russos encontrados nos escombros. (Nilsson, 2021, p. 222).

Adicionalmente, um dos principais métodos é a guerra informacional, também utilizada pelos Serviços de Informações ucranianos (Служба безпеки України - СБУ) ou SBU e passa pela disseminação rápida, de informações incriminatórias, pelos diversos websites governamentais e nas Redes Sociais. Para isso recorreram à interceção de chamadas telefónicas entre Comandantes separatistas, relativamente à queda do voo da Malaysia Airlines a 17 de julho de 2014 – determinante para despoletar a atenção ocidental para o conflito. Adicionalmente, as autoridades ucranianas recolheram imagens satélite e recolheram provas físicas no terreno, relativamente a armamento e equipamento militar avançado, como forma de comprovar o envolvimento russo (Nilsson, 2021, p. 223).

Da perspetiva ucraniana, a exposição do envolvimento da Rússia foi essencial para tornar o conflito internacional com dois lados envolvidos e não apenas regional. Um conflito encarado como um conflito doméstico poderia ter consequências internas

devastadoras e poderia causar um conflito étnico e civil que se estendia para além das regiões de Donetsk e Lugansk. (Nilsson, 2021, p. 223).

Adicionalmente, a ajuda internacional pela defesa da integridade territorial ucraniana que contrasta com a agressão russa e com a posição vulnerável em que a Ucrânia se encontrava. Isto não só representa uma maior preocupação internacional relativamente aos países fronteiriços com a Rússia, mas também obrigou a uma atitude coordenada para criarem respostas mais eficazes para este tipo de eventos que, predominantemente, assumiram a forma de sanções contra o regime russo. A divulgação das ações russas contribuiu para incluir nas agendas políticas um assunto que apesar de antigo tem vindo a piorar ao longo dos anos. (Nilsson, 2021, p. 223).

DEFESA INFORMACIONAL

De forma a responder às campanhas informacionais russas, a Ucrânia tentou delimitar os canais pelos quais eram disseminadas as informações. A estratégia passou por interditar as Redes Sociais russas, nomeadamente “VKontakte” e “Odnoklassniki”, Motores de Busca russos, como a “Yandex” e Serviços de email russos, como a “Mail.ru”. Também os serviços por cabo foram ordenados a interromper as transmissões das principais estações televisivas russas, designadamente a “Rossiya 1”, “Channel One”, “NTV” e “Rossiya 24”, que servem de propaganda à ideologia do Kremlin. (Nilsson, 2021, p. 225).

A Ucrânia também realizou alterações substanciais na sua estrutura militar de forma a conseguir criar a sua própria narrativa com repercussões a nível local, não só em Donbass e Lugansk, mas também a nível internacional. (Nilsson, 2021, p. 225).

Em Donbass, a administração local implementou aquilo a que chamou de “campanha de *soft power*”, com o apoio do governo central. Esta campanha beneficia, de forma indireta, de projetos de recuperação pós-conflito. Estes projetos focam-se essencialmente na reconstrução de escolas, casas, infraestruturas de água e gás de forma a evidenciar, aos habitantes de Donetsk e Lugansk, que a qualidade de vida em solo ucraniano é melhor que do lado oposto da fronteira. Apesar de ter sido imposto um embargo económico em Donetsk e Lugansk, os residentes das respetivas zonas podem atravessar a fronteira para o território controlado pelas forças ucranianas, o que leva milhares de pessoas a passar a zona delimitada não só para

recolher as pensões, levantar documentos como passaportes, mas também para trabalhar, comercializar ou visitar familiares. (Nilsson, 2021, p. 225).

A força militar ucraniana também implementou a Cooperação Civil Militar³⁴ (CIMIC) de forma a conseguir alcançar o “coração e a mente” da população ucraniana em Donbass. O CIMIC inclui também a reconstrução de infraestruturas civis bem como a divulgação de informação relativamente a atividades militares, domésticas e política externa, incluindo as atividades da NATO e da União Europeia na Ucrânia. Numa região predominantemente a favor das ideias russas, isolada e rejeitada pelas instituições de Kiev, esta cooperação é fundamental para influenciar a opinião pública local nos territórios ocupados e procura combater de alguma forma a superioridade russa e a sua ideologia nas regiões. (Nilsson, 2021, p. 225).

Por outro lado, a presença internacional de formadores provenientes da NATO e de países da União Europeia na Ucrânia possibilita a transferência de conhecimento e a sensação de cooperação. Adicionalmente, a decisão norte-americana, em 2018, de vender mísseis antitanque à Ucrânia otimizou substancialmente a capacidade de defesa das forças ucranianas, mas mais importante ainda, demonstrou apoio incondicional a favor da soberania ucraniana. Porém, esta manobra também demonstra uma atitude hostil face à Rússia que, evidentemente, sente-se ameaçada. (Nilsson, 2021, p. 225).

A DEFESA RUSSA

Este capítulo tem o intuito de analisar as medidas tomadas pela Rússia relativamente ao conflito na Ucrânia e que resultaram na invasão da Federação à Crimeia. O objetivo é analisar as medidas da Rússia direcionadas à Ucrânia, nomeadamente aquelas que implicaram uma perda da soberania do país e resultaram em mudanças significativas no âmbito internacional.

A Rússia tem na sua base, desde o fim da Guerra Fria até à formação democrática, a ascensão ao poder de Vladimir Putin e uma rutura pragmática na estrutura até então vigente. O Ocidente, perante uma certa estabilidade durante o

³⁴ A cooperação civil-militar (CIMIC) é uma função conjunta que compreende um conjunto de capacidades integrais para apoiar a realização de objetivos de missão e permitir que os comandos da OTAN participem efetivamente em um amplo espectro de interação civil-militar com diversos atores não militares. (CIMIC)

governo de Putin, procurou investir e influenciar países que antes estavam em domínio da antiga URSS. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 32).

Perante os interesses económicos e a possível expansão de mercado, países como a Ucrânia, Polónia, República Checa, Lituânia, Letónia e Sérvia, entraram na zona de comércio e influência ocidental, razão pela qual a Rússia assumiu uma posição defensiva, no que diz respeito aos seus interesses económicos, políticos e relativamente à sua área de ação regional. Na prática, este evento é visto como uma perda de mercado na região. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 33)

Entende-se a preocupação do governo russo em relação à expansão Ocidental na sua antiga área de influência. Entre os países referidos, a Ucrânia é aquele que, para a Federação Russa, foi e continua a ser um espaço político e económico essencial. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 33)

A Ucrânia pertencia à zona de influência da antiga URSS como República-Membro. Após o fim da URSS, em 1991, a Ucrânia ganhou a sua independência. No entanto, como se verificou nos países do Leste Europeu (Hungria, Eslováquia, Polónia e Roménia), os estados começaram a ser aliciados por parte do ocidente. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 33)

Na Ucrânia o processo não foi linear, visto que existem dois grupos (até mesmo no interior do país), por um lado os pro-ocidentalistas e, por outro, os pró-russos. Esta polarização leva a uma divisão da sociedade ideologicamente e provoca efeitos significativos na mentalidade social e política. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 33)

O retorno à influência russa acontece por pressão energética quando a Rússia ameaçou cortar o abastecimento de gás natural para a Ucrânia caso o país não concordasse com a sua estratégia. Em consequência da dependência energética da Ucrânia, a decisão decorre da atuação de uma política coercitiva que determinou a decisão ucraniana. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 33)

Perder o mercado ucraniano a favor da UE teria consequência muito negativas para a balança comercial da Rússia. Caso o país cortasse o fornecimento de gás natural, o impacto negativo e as consequências para a economia ucraniana poderiam desencadear um conflito ainda mais gravoso. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 35).

Em consequência da insatisfação da sociedade e da necessidade de garantir a segurança do Estado ucraniano, “a Federação Russa entra no conflito com o objetivo de defender os ideais ucranianos tradicionais e os interesses russos no país”. Putin enviou tropas para a Ucrânia com o intuito de defender a comunidade russófona, aproveitando a grande predominância pró-russa nas regiões de Donbass e na Crimeia, dessa forma defendeu os interesses políticos e económicos russos. Os EUA, de forma reativa e apoiados pela EU, enviaram tropas da NATO para o país, decisão que aumentou as probabilidades de o conflito evoluir para uma guerra internacional. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 35).

Enquanto Yanukovich decide, perante a pressão da população, abandonar o cargo, na Crimeia ocorrem manifestações sociais anti ocidente. A região, composta por uma maioria de apoiantes de Moscovo, sofreu a intervenção russa que resultou na anexação da península ao território russo. Além da Crimeia, também a parte leste assistiu ao movimento separatista ucraniano. A aproximação da população da Crimeia acontece puramente por questões sociais e culturais e da própria ligação política e histórica que une os dois países (apenas em 1950 os russos cederam a Crimeia à Ucrânia no contexto da Guerra Fria). (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 36).

Para a Rússia a intervenção na Crimeia foi justificada porque, por um lado houve o apoio da população acerca da anexação e, por outro, existe uma justificação da anexação baseada na história e cultura comuns. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 36).

A Rússia recorreu a diversos métodos para ter sucesso na anexação da Crimeia, nomeadamente: A diplomacia utilizada de forma manipulada; intervenção militar; sanções e embargos; procura de reconhecimento externo como grande potência e a utilização do *soft power* para sustentar a opinião pública a seu favor (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 36).

Com o início do conflito em 2014, a Rússia preparou as suas fronteiras com a Ucrânia e influenciou o conflito a favor da sociedade pró-Rússia. Putin analisou a região da Ucrânia que tinha maior apoio e maior legitimidade para atuar e recorreu à cultura homogênea existente entre ucranianos e russos, acrescentou o poder militar e finalmente interveio e anexou a Crimeia. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 46).

Esta abordagem pode ser classificada como híbrida, isto é, a utilização de métodos convencionais e não convencionais ou irregulares incluindo o aproveitamento da cultura próxima entre russos e ucranianos pró-russos a seu favor. A Rússia utilizou todos os meios disponíveis e combinou-os de forma a atingir um objetivo comum. Isto denomina-se de “Guerra Híbrida”. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 46).

Entende-se que a postura russa é uma resposta do país para garantir os seus interesses e contrariar o movimento Ocidental. Esta resposta passa pelo enfraquecimento da NATO, interferir em governos pró-Ocidentais contrários aos objetivos de Moscovo, anexar territórios, assegurar o acesso aos mercados europeus enquanto coordena e mantém os mercados principais, especialmente aqueles que envolvem o comércio energético. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 47).

A dependência ocidental com relação ao gás natural da Rússia e a posição da Ucrânia em importar tecnologia nuclear dos EUA fez com que a Rússia tomasse medidas mais assertivas. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 48).

Numa situação hipotética a Rússia conseguiria permanecer sem qualquer recurso da UE, no entanto a UE não passaria nem 30 dias sem a importação do gás russo.

No governo de Yanukovich, devido a pressões vindas do Kremlin, o então presidente não assinou os acordos com a EU, o que culminou com uma onda de manifestações pró-ocidental e o reforço militar na fronteira por parte da Rússia como forma de exercer pressão externa. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 49).

Invadir a Crimeia foi estrategicamente viável devido a diversos fatores e elementos esses que passamos a enumerar: em primeiro lugar, a Rússia tinha a seu favor um **forte armamento bélico e militar**, isto é, métodos convencionais de guerra. Em segundo existia um **forte apoio da população** da Crimeia, que rondava os 90%. Em terceiro lugar a legitimidade e influência dos **media local** para a persuasão psicológica era predominante. Em quarto lugar, o uso do **Soft Power** neste ponto, motivado pela aproximação cultural e histórica entre ucranianos e russos na Crimeia. São métodos não convencionais, mas essenciais para o sucesso. (Leite, Lucena, Nobre, 2020, p. 51).

As ações russas na Ucrânia demonstraram características próprias. Moscovo conseguiu coordenar o poder nacional de forma eficiente para atingir os objetivos pretendidos. (Charap, 2015, p.53)

A operação na Ucrânia incluiu a utilização de subversão, ciberoperações, força militar convencional e exercícios de dissuasão e coerção, todas justificadas perante uma alegada ameaça nuclear, lembrada e divulgada por oficiais russos. (Charap, 2015, p.53)

O sucesso da operação está relacionado com a modernização militar e pela criação de um novo Centro Nacional de Gestão de Defesa da Federação Russa. A doutrina, retirada de um artigo do General Gerasimov, denominada “Doutrina Gerasimov” é defendida por alguns autores como a fonte estratégica das operações russas e da “Gibridnaya Voyna”. No referido artigo Gerasimov argumenta que “o papel dos meios não militares para atingir objetivos estratégicos e políticos aumentou, e em alguns casos, excederam a eficácia do poder das armas convencionais”. Que significa “a utilização de forças especiais e oposição interna” para “criar uma frente permanente” dentro do território do inimigo. Esta parece claramente a estratégia aplicada na Ucrânia, no entanto, Gerasimov referia-se à forma de combater norte-americana e não à Rússia. (Charap, 2015, p.53)

Se fizermos uma avaliação criteriosa das operações russas na Ucrânia percebemos que não existem evidências claras que sugiram tratar-se de uma “Guerra Híbrida” por diversas razões: (Charap, 2015, p.53)

Em primeiro lugar, a natureza do objetivo militar russo na Ucrânia era específica e bastante limitada: impedir que o governo pós-Maidan estabelecesse ou recuperasse a soberania sobre os territórios de Donetsk e Lugansk. Comparando com os objetivos atingidos pela NATO e pelos USA num contexto de “abordagem híbrida”, numa operação mais ampla, os resultados e os objetivos pretendidos pela Rússia foram significativamente mais modestos. Por exemplo, no Afeganistão, a NATO declarou que o objetivo foi “isolar o governo”, isto é, depois dos soldados conseguirem derrotar o inimigo, especialistas civis prosseguiriam com um plano de implementação de uma estrutura governamental totalmente nova. No caso da Rússia, o objetivo foi impedir que o governo conseguisse assumir funções e liderar. Significa que eram objetivos bastante limitados e muito mais fáceis de alcançar. Como ficou evidente no

Afeganistão para os EUA, é mais fácil destruir do que reconstruir. (Charap, 2015, p.54).

Em segundo lugar, o cenário no leste ucraniano facilitou as operações russas no terreno. A região é aquela que adota uma postura mais permissiva relativamente às ações russas. A região de Donbass partilha uma língua comum, bem como uma tradição histórica e cultural com a Rússia. Partilham de valores iguais. Os negócios e a rede de informações têm uma ligação muito próxima. As forças militares russas têm um conhecimento efetivo do terreno e, dada a tênue fronteira entre os dois países, um acesso ilimitado ao restante território. Com um governo ucraniano fragilizado, a sua autoridade tinha já colapsado com a revolução. O sentimento da população era de apreensão relativamente à “Euromaidan” ou em relação ao governo que viria a assumir funções. 70% da população de Donetsk e Lugansk considerava ilegal o novo governo de Kiev. Resumindo, o Leste ucraniano é, talvez, a região onde a Rússia poderia garantir o sucesso de uma operação subversiva. (Charap, 2015, p.54).

Dado o objetivo limitado e um ambiente bastante favorável, a Rússia não teria sido bem-sucedida caso aplicasse apenas táticas híbridas. Em agosto de 2014, a Rússia apoiou separatistas no leste ucraniano que quase foram derrotados. Uma vez recuperadas, as forças militares de Kiev começaram a cercar os rebeldes e a recuperar vilas e aldeias estratégicas. Apesar das diferentes forças russas (ciberoperações, forças especiais, apoio, constante fornecimento de material, propaganda, ataques aéreos e rebeldes), a Rússia teria sido derrotada. Durante a investida, as forças militares regulares foram enviadas e intervieram de forma tradicional, de forma não-híbrida, culminando com a submissão ucraniana. (Charap, 2015, p.55)

A operação russa não equivale a um potencial conflito com a NATO, não só porque o objetivo era limitado e o contexto bastante favorável, mas também porque a Rússia seria forçada a empregar as forças regulares. Por outras palavras, não existe uma Guerra Híbrida contra a NATO que seja limitada apenas ao domínio híbrido. Não só na Estónia e na Letónia os elementos híbridos demonstram ser insuficientes, o exemplo da Ucrânia evidencia a necessidade de recorrer ao uso da força convencional para sustentar uma potencial guerra com a NATO. (Charap, 2015, p.55)

Por um lado, temos teóricos no Ocidente a argumentar que a Rússia pode optar por abordagens híbridas para criar atrito dentro da NATO – com recurso a manobras de distração para confundir os aliados e dificultar os meios de resposta – consequentemente destruir a Aliança politicamente, sem disparar um único tiro. Uma análise minuciosa à doutrina militar russa demonstra que não existe qualquer fundamento para essa afirmação. (Charap, 2015, p.55)

Adicionalmente, aquilo que sabemos sobre o pensamento russo é que uma Guerra Híbrida com o Ocidente não seria estrategicamente lógica para Moscovo. Para as forças russas, a ameaça principal na região do Báltico está relacionada com o enclave estratégico de Kaliningrado, onde uma frota militar está ancorada e representa um potencial alvo para os EUA. O tempo que demorou para os “homens de verde” ocuparem Narva, uma cidade fronteiriça na Estónia, com uma população significativa de russófonos, a 101ª Divisão americana poderia igualmente ocupar Tallin, assim como um porta-aviões dos EUA poderia zarpar para o Golfo da Finlândia. Moscovo tem outras opções para que um cenário tão devastador não se materialize. Por exemplo, as Forças Armadas, com apoio aéreo, poderiam rapidamente obrigar a um recuo através da fronteira Estoniana em direção ao Mar Báltico, com a destruição das forças estonianas e a negação do acesso americano à região antes de Washington ou Bruxelas conseguirem reagir. (Charap, 2015, p.56).

Por outro lado, temos analistas que argumentam que a Rússia já realiza operações híbridas contra o Ocidente. Como refere um documento da NATO “As diversas medidas diplomáticas, económicas, militares e subversivas que têm sido empregues pela Rússia na Região do Báltico e nos Balcãs, no Mar Negro e na região do Mediterrâneo podem ser interpretadas como operações duradouras em curso”³⁵. O autor defende que são táticas para conseguir ganhar influência com subversão e representam uma ameaça à segurança nacional.

Mas existem duas diferenças: por um lado a subversão da população contra o seu próprio governo, e por outro lado, o recurso a métodos casuais do Estado para ganhar influência sobre outro. O primeiro representa uma forte ameaça à NATO, felizmente não existem acontecimentos significativos como aquele que se verificou na Ucrânia, nos diversos Estados-Membros. Relativamente às restantes atividades

³⁵ Johnson, 2015, *Russia's Approach to Conflict*. p. 11

que a Rússia realiza dentro da NATO e da UE, tais como o financiamento de Partidos Políticos, ou o lançamento de canais televisivos na língua local, não merecem ser denominadas como “híbridas” e ainda menos como “guerra”. Por fim, resta referir que o Ocidente também tem realizado operações dentro da Rússia desde sempre e essas atividades não foram nomeadas de “operações duradouras em curso”.

CONCLUSÃO

O conceito de Guerra Híbrida tem origem no início do Séc. XXI. No entanto, verificamos ao longo da análise que este não é um fenómeno novo, e as estratégias e táticas que a caracterizam tinham sido utilizadas em conflitos anteriores como no Afeganistão e no Iraque. A ascensão da guerra híbrida não representa o fim dos conflitos tradicionais, mas apresenta dificuldades para o planeamento de defesa a efetuar no combate às ameaças híbridas por parte da NATO.

Na guerra híbrida verificamos que o papel principal não é exclusivo dos atores estatais e que os atores envolvidos estão dispostos a utilizar todos os meios e métodos postos à sua disposição para fazer valer a sua vontade. Nesta nova guerra verificamos que as ameaças híbridas utilizam a forma combinada de métodos militares convencionais, não convencionais ou irregulares, terrorismo, subversão, ciberataques, guerra por procuração, etc. para atingir efeitos nos domínios psicológico e físico do conflito. As vertentes regulares e irregulares passam a ser aplicadas em simultâneo num objetivo comum e deixam de ser aplicadas em áreas distintas do conflito. O conflito passa a ser combatido de forma única e convergente, isto é, a guerra híbrida procura obter sobre o seu oponente uma vantagem sobre todos os elementos de poder do seu adversário: político, diplomático, informacional ou económico.

A teoria foi influenciada por diversos conceitos que tinham sido desenvolvidos anteriormente, tais como Guerra Irrestrita, Guerra Quarta Geração, Guerra Composta e Guerra Limitada. Os autores que defendem a teoria de Hoffmann como ponto de partida para analisar as ações russas na Ucrânia chegam à conclusão de que Moscovo mudou a sua doutrina militar para implementar táticas irregulares, incluindo o recurso a operações de informação, persuasão económica e Redes Sociais, manobras diplomáticas, recurso aos meios de comunicação social, fugas estratégicas de informação, organização de manifestações políticas e também força militar. Para entender o debate sobre a Guerra Híbrida devemos fazer uma pequena observação acerca dos conceitos abordados, com as suas diferentes interpretações e características que tanto têm ocupado o plano académico, não só no Ocidente mas também na Rússia.

Com base nos conceitos desenvolvidos ao longo da dissertação é possível chegar a três conclusões. Primeiro, a teoria da Guerra Composta, como apresentada por Huber, e a ideia de Guerra Híbrida, formulada por Hoffman, tem semelhanças na sua natureza, ambas defendem o aspeto operacional e a combinação de forças regulares e irregulares contra o inimigo. A diferença é que enquanto a Guerra Composta argumenta de uma perspectiva histórica, Hoffman defende uma abordagem mais concreta do Séc. XXI e considera os aspetos tecnológicos e operacionais das guerras contemporâneas. Segundo, o conceito de Guerra de Quarta Geração, formulada por Lind, e a Guerra Irrestrita de Qiao Liang e Wang Xiangsui referem quase o mesmo fenómeno – uma mistura de força militar com meios e métodos não militares indiretos, combinados formando uma única estratégia para conseguir atingir objetivos políticos num conflito armado. Em terceiro lugar, referente às diferentes teorias de subversão política promovidas pela Rússia durante os anos 1990 e 2000, nomeadamente a Guerra de Subversão, a Guerra Centrada em Rede, a Guerra da Informação, que culminaram com o desenvolvimento da teoria *Gibridnaya Voyna*. Tanto a versão antiga como a contemporânea descrevem um conceito similar ao conceito americano, desenvolvido durante a Guerra Fria, e todas implicam uma determinada utilização de violência, pressão económica, subversão, manobras diplomáticas, a utilização de palavras, imagens e ideias globalmente conhecidas, como forma de propaganda política e guerra psicológica.

Ao analisarmos a definição original de Guerra Híbrida, podemos concluir que, embora as táticas e estratégias utilizadas pelo Ocidente e pela Rússia num conflito sejam de certa forma semelhantes, há ainda uma certa divergência entre as duas visões.

A *Gibridnaya Voyna*, tradução literal de *Guerra Híbrida*, não reflete exatamente o mesmo conceito. Uma narrativa independente tem sido desenvolvida na Rússia. Os primeiros indícios do termo surgiram em 2014, como resposta por parte dos teóricos russos à politização Ocidental da Guerra Híbrida e contra o fenómeno que descrevem como “a forma de agir da Rússia contra a Ucrânia”.

A conceptualização russa da *Gibridnaya Voyna* é baseada em teorias pré-existentes na Rússia como a guerra da subversão, Guerra Centrada em Rede e Guerra da informação. Adicionalmente, enquanto que o conceito de “Guerra Híbrida”

de Hoffman e “Guerra Híbrida da Rússia”, da NATO, têm visões semelhantes acerca dos conflitos contemporâneos, a ideia de *Gibridnaya Voyna* representa algo totalmente diferente: a teoria russa tem como finalidade “atingir objetivos políticos com o mínimo de influência militar no inimigo através da corrosão do seu potencial económico e militar com recurso a pressão informacional e psicológica, o apoio ativo da oposição interna, partidária e métodos subversivos”.

A *Gibridnaya Voyna* envolve uma serie de manobras securitárias que alarga o leque de problemas que podem ser identificados como ameaças à segurança interna, assim legitima a expansão para outras áreas ou domínios do estado, tais como ONG's, Forças Especiais, Direitos Humanos, Migração e Epidemias, que passam a ser encarados como potenciais componentes da Guerra Híbrida. Esta perspetiva está enraizada na perceção herdada da Guerra Fria, de que o Ocidente é um ator que aplica eficazmente a subversão contra a Rússia.

Verificamos que a forma de fazer guerra da Rússia na campanha contra a Ucrânia tem na sua génese um conjunto de ações e estratégia que remontam ao tempo soviético. Estas ações incluem uma vasta variedade de táticas e ferramentas e procuram atingir as vulnerabilidades dos Estados mais fracos, sem utilizar de forma direta os meios militares regulares e convencionais. Entre estas manobras podemos encontrar ações disruptivas, a organização de manifestações de forma a provocar agitação social interna e disputas territoriais, apoiadas por fortes campanhas de informação, muitas vezes com recurso a ciberoperações, e campanhas de informação com uma narrativa bastante eficaz. Apesar dos métodos hodiernos serem de alguma forma semelhantes com o tempo da Guerra Fria, o volume e a ambição das operações realizadas hoje são muito superiores e mais extensas em consequência da evolução tecnológica.

A grande vulnerabilidade da *Gibridnaya Voyna* é que não se trata de uma estratégia nova, mas sim de uma tática e uma forma operacional nova para executar uma estratégia antiga e bem conhecida desenhada para atingir objetivos políticos que oferece uma vantagem temporária e imediata. No entanto os conflitos são um duelo, trata-se apenas de uma questão de tempo até que as falhas táticas e operacionais sejam descobertas. O tempo que demora até descobrir essas fraquezas depende

muito da capacidade de adaptar e de colocar em prática as estratégias e medidas não militares, sejam sociais, políticas, económicas ou tecnológicas do Séc. XXI.

O termo Guerra Híbrida que antes limitava-se ao debate entre os especialistas militares, foi acoplado ao discurso político pelos diferentes países. Houve então uma politização do conceito, na qual os teóricos ocidentais utilizam o termo Guerra Híbrida para descrever as operações russas na Ucrânia e os teóricos afirmavam que a *Gibridnaya Voyna* na verdade era perpetrada pelos Estados Unidos da América para instaurar uma Revolução na Rússia.

Neste sentido, o Ocidente tem acusado a Rússia de empregar a Guerra Híbrida no conflito na Ucrânia, quer seja na sua formulação original quer seja numa versão melhorada. A Rússia, por sua vez, tem acusado o Ocidente de recorrer à *Gibridnaya Voyna* para combater Moscovo. Podemos afirmar que tanto o Ocidente como a Rússia têm a sua razão. Primeiro, porque os movimentos separatistas, no Leste ucraniano, apoiados pela Rússia, empregaram uma combinação de táticas convencionais e irregulares, tecnologias e métodos de guerra que representam uma ameaça híbrida de acordo com a definição de “Guerra Híbrida” original de Hoffman. Em segundo porque as combinações militares e não militares, cobertas e abertas, assim como os métodos que o Kremlin utilizou na Crimeia, são evidências consistentes com a definição de “Guerra Híbrida Russa” desenvolvido pela NATO. Finalmente, os meios não militares e subversivos ocidentais empregues contra a URSS durante a Guerra Fria, que continuou a utilizar para alargar a sua esfera de influência no espaço pós-soviético, de forma a minar os interesses geopolíticos da Rússia, coincidem com a definição russa de *Gibridnaya Voyna*.

O Ocidente tem de alterar certos aspetos se quer evitar uma nova Guerra Fria. Por outro lado, também a Rússia deve fazer algumas decisões difíceis para evitar o mesmo cenário. A liderança russa deve reconhecer que voltar ao tempo da Guerra Fria no Séc. XXI seria política e economicamente devastador. Assim, as recomendações sugeridas para o Ocidente são aplicáveis em Moscovo. Adicionalmente, a Rússia tem de começar a equilibrar as relações com o mundo ocidental.

A Rússia aplicou aquilo que o Ocidente denomina de Guerra Híbrida na Ucrânia. O problema reside no facto de conseguir descrever o conceito de acordo

com as teorias existentes e desenvolvidas por militares e acadêmicos do Ocidente e da Rússia. A confusão deriva da falta de consenso na definição de Guerra Híbrida, assim como na distinção entre as particularidades perpetradas pela Rússia, baseadas na complexidade, ambiguidade e secretismo. O caso russo na Ucrânia apresenta um novo e importante exemplo para estudar o fenômeno da *Gibridnaya Voyna*.

O exemplo russo alterou a ideia de que os adversários mais fracos, especialmente não estatais, recorriam ao uso de estratégias híbridas para conseguir fazer face aos estados mais fortes. Assim, a Guerra Híbrida russa diverge da Guerra Híbrida ocidental, especialmente a perpetrada pelos Estados Unidos ou por Israel. Adicionalmente, para além de uma alteração na assimetria, a estratégia de guerra irregular russa, com a utilização de soldados sem insígnias, desafiou o conceito de forma significativa, nomeadamente na forma como combater a superioridade do lado mais forte do conflito. A Rússia recorreu também ao uso de guerra irregular para garantir o anonimato, a dissimulação, a negação, assim como o efeito surpresa, que funcionou também contra o Ocidente.

O exemplo russo também abriu um novo capítulo no uso das forças convencionais numa Guerra Híbrida. A Rússia deslocou quantidades massivas de forças convencionais para a fronteira com a Ucrânia e efetuou operações rápidas e em simultâneo com operações na Rússia, sem evidenciar a sua presença em solo ucraniano. Esta tática teve um papel fundamental na intimação e coerção na Ucrânia e serviu de elemento dissuasor contra qualquer intervenção direta por parte do Ocidente. Esta manobra também serviu para mobilizar as atenções para a fronteira ucraniana enquanto a operação na Crimeia seguia o seu curso.

O Ocidente, especialmente a NATO, tem referido as ciberoperações e as campanhas de informação perpetradas pela Rússia, que envolvem a utilização de tecnologia de ponta como os principais meios da *Gibridnaya Voyna*. Estas duas vertentes desempenharam um papel complementar nas operações russas e foram um elemento principal da Guerra Irregular. Estas manobras evidenciaram a correlação entre as tecnologias e a Guerra Híbrida russa, assim como a importância de recorrer a todos os meios disponíveis e em simultâneo de forma coordenada.

Por último, um dos aspetos principais da Guerra Híbrida russa tem sido o predomínio dos meios não militares para obrigar a Ucrânia aceitar as condições que

a Rússia pretendia. As atividades não militares russas incluíram a pressão económica (especialmente no fornecimento de energia), emissão de passaportes aos habitantes da Crimeia, realização de referendos, o veto no Conselho de Segurança da ONU, realçando o papel fundamental da população.

O conflito entre a Rússia e a Ucrânia está longe do fim, no entanto a dimensão militar da guerra em Donbass já estabilizou. Nenhuma das partes continuará a procurar a solução através das armas ou para alterar o *status quo* atual. O futuro do conflito, assim como da Ucrânia, será decidido através de um conflito diplomático, entre a Ucrânia, a Rússia, e também o Ocidente, para a implementação do acordo de Minsk.

O impasse militar revela alguma coisa sobre como a Ucrânia se deve defender contra o tipo de Guerra Híbrida que a Rússia empregou. Pelas evidências do conflito, a Rússia não queria inicialmente combater com recurso à força convencional, mas foi obrigada a fazê-lo pela resposta militar ucraniana. Adicionalmente, a ambição russa de constituir o projeto *Novorossiya*, indica que a Ucrânia evitou que perdesse o domínio sobre áreas muito maiores do que aquelas que constituem atualmente a DNR (Donetsk) e a LNR (Lugansk).

A Ucrânia conseguiu responder de forma imediata à dinâmica do conflito face aos recursos que tinha disponíveis, com consequências futuras ainda por calcular. No entanto, no curso do conflito em Donbass, a resposta convencional da Ucrânia impediu a Rússia de conseguir ocultar ou negar a sua agressão com recurso a insurgentes locais, e conseguiu descombinar a violência híbrida russa. A Ucrânia forçou a Rússia a aumentar as forças regulares, tornando impossível a sua ocultação e posterior negação do envolvimento. Esta manobra foi combinada com uma ofensiva sobre o discurso, através da publicação de evidências do envolvimento russo, impedindo a transmissão de canais russos e com uma vasta disseminação de informação relativamente à perspetiva ucraniana dos eventos. Adicionalmente, foram aplicadas estratégias híbridas de defesa que permitiu à Ucrânia desfazer a narrativa que descrevia o conflito ucraniano como interno ou como uma guerra civil, sendo decisivo para combater um agressor externo. Apesar da destruição e da tragédia, esta manobra fez uma diferença significativa na coesão interna assim como para o apoio proveniente do Ocidente.

A exposição da estratégia híbrida russa e das táticas subversivas no início do conflito teve consequências no Ocidente. Efetivamente, terminou com o período de ausência de estratégia na Europa de Leste, causa de um prolongado período de déttente após o fim da Guerra Fria, com implicações para a estratégia securitária, doutrina e na despesa da Defesa. Apesar do *modus operandi* da Rússia na Ucrânia ter semelhanças com o utilizado na Geórgia em 2008, a guerra na Ucrânia teve um reflexo muito maior nos governos ocidentais devido à dimensão do país, a sua localização, e a importância geoestratégica para os líderes europeus. Um elemento essencial da estratégia russa é a utilização de força militar convencional ou a ameaça. No entanto, a evolução da operação russa no Leste ucraniano demonstra que a dependência russa em guerras por procuração e subversão política pode prolongar-se até conseguir destabilizar o adversário. Neste sentido, o caso ucraniano demonstra o potencial da assimetria – na qual a parte mais fraca consegue derrotar o adversário mais forte através de meios não convencionais atingindo vulnerabilidades específicas, impedindo as respetivas ações e bloqueando as intenções.

As dificuldades e barreiras enfrentadas pelos governos não são recentes, mas o custo reduzido de entrada, anonimato e assimetria nas vulnerabilidades significa que os pequenos estados têm maior capacidade para exercer o *hard* e *soft power* no ciberespaço e no ambiente político do Séc. XXI. As alterações na informação sempre tiveram um impacto importante no Poder, mas o domínio ciber é tanto novo como volátil. As características no ciberespaço reduzem significativamente as diferenças de poder entre os atores, e permite uma maior difusão do poder. Ficou demonstrado no conflito com a Ucrânia que as superpotências não terão o monopólio da força neste novo domínio, pelo menos não conseguiram a mesma superioridade que tinham noutros domínios como o Ar, a Terra e o Mar. O ciberespaço também demonstra que a difusão de poder não significa igualdade de poder e que os estados mais poderosos no Sistema Internacional não são necessariamente os mesmo no ambiente virtual. Enquanto o ciberespaço altera o domínio do poder entre os estados, através de novas oportunidades e acesso a novas tecnologias, por outro lado possibilita aos pequenos estados colmatar essa desvantagem pela sua menor dependência tecnológica e o recurso à Guerra Assimétrica e Irregular.

BIBLIOGRAFIA

Artigos

- LANOSZKA, Alexander. 2016. *Russian Hybrid Warfare and extended deterrence in eastern Europe*. The Royal Institute for International Affairs. Oxford.
- BERZINS, Janis. 2014. *Russia New Generation Warfare in Ukraine: Implications for Latvian Defense Policy*. National Defence Academy of Latvia
- RENZ, Bettina. 2016. *Russia and 'hybrid warfare'*. School of Politics & International Relations. Universidade de Nottingham. Reino Unido
- BOWEN, Andrew. 2020. *Russian Military Intelligence Background and Issues for Congress*.
- CRUCERU, Valerică. 2014. *On Contemporary Warfare: Short Review of Specific Concepts*. Revista Academiei Fortelor Terestre
- CHARAP, Samuel. 2015. *The Gost of Hybrid War*. Survival.
- CHIVVIS, Christopher. 2017. *Understanding Russian "Hybrid Warfare": and what can be done about it*. RAND Corporation. California.
- CHRISTIE, Edward. 2016. *Does Russia have the financial means for its military ambitions?* NATO
- COUNTRYWATCH. 2020. *Russia Country Review*.
- ANDREW, Christopher. 2018. *The Secret World, A History of Intelligence*. Yale University Press.
- DOURADO, Maria, LEITE, Alexandre, NOBRE, Fábio. 2020. *Guerra Híbrida vs Gibrinaya Voyna: os Diferentes Significados dos Conflitos Híbridos para o Ocidente e para a Rússia*. v. 26, n. 1, p. 39-64. Revista da Escola de Guerra Naval. Rio de Janeiro.
- EROL, Mehmet, Oguz, Safak. 2015. *Hybrid Warfare Studies and Russia's Example in Crimea*. Akademik Bakis
- FERNANDES, Hugo. 2016. *As Novas Guerras: o desafio da guerra híbrida*. IUM. Lisboa
- GRANHOLM, Niklas, MALMINEN, Johannes, PERSSON, Gudrun, 2014. *A Rude Awakening: Ramifications of Russian Aggression Towards Ukraine*. Swedish Defence Research Agency. Stockholm.
- HOFFMAN, Frank. 2007. *Conflict in the 21st Century: the rise of hybrid wars*. Potomac Institute for Policy Studies. Virginia.

- LEITE, Cesar, LUCENA, Arthur, NOBRE, Fabio. 2020. *Invasão á Crimeia: influência ocidental na Ucrânia e retaliação Russa*. Revista Carta Internacional. Belo Horizonte.
- PRIER, Jarred. 2017. *Commanding the Arena Social Media as Information Warfare*. Strategic Studies Quarterly
- MEJIAS, Ulisses, VOKUEV, Nikolai. 2017. *Desinformation and the media: the case of Russia and Ukraine*. State University of New York. Nova Iorque.
- CLARK, Mason. 2020. *Russian Hybrid Warfare*. Institute for the Study of War
- SIMONS, Simons, YURIY, Danyk, TAMARA, Maliarchuk. 2020. *Hybrid war and cyber-attacks: creating legal and operational dilemmas*. Global Change, Peace & Security,
- METZ, Steven. 2014. *Strategic Horizons: In Ukraine, Russia Reveals Its Mastery of Unrestricted Warfare*. World Politics Review.
- NYE, Joseph. 2010. *Cyber Power*. Harvard Kennedy School. Cambridge.
- PIERZCHALA, Kazimierz. 2019. *Information Warfare Between Russia and Ukraine: A Cause of War for the West*. Universidade Católica João Paulo II. Lublin
- RETTRAY, Gregory. 2009. *CyberPower and National Security: An Environmental Approach to Understanding Cyberpower*.
- SANDERS, Deborah. 2017. *The war we want_the war that we get: Ukraine's Military Reform and the Conflict in the East*. Journal of Slavic Military Studies.
- SANDOR Fabian. 2019. *The Russian hybrid warfare strategy: neither Russian nor strategy*. Defense & Security Analysis, 35:3, 308-325.
- SHUYA, Mason. 2018. *Russian Cyber Aggression and the New Cold War*. Journal of Strategic Security. El Paso.
- LAPAYEV, HOLUB. 2017. *Cyber Insecurity*. The Ukrainian Week: International edition
- TREVERTON, Gregory, THVEDT, Andrew, CHEN, Alicia, LEE, Kathy, AND MCCUE, Madeline. 2018. *Adressing Hybrid Threats*. Arkitektkopia AB, Estocolmo.
- VOYGER, Mark. 2021. *What is Hybrid Warfare Really*. CEPA
- WITHER, James. 2016. *Making Sense of Hybrid Warfare*. Connections, Vol 15, No. 2, pp. 73-87. Partnership for Peace Consortium of Defense Academies and Security Studies Institutes
- YADAV, Tarun, MALLARI, Rao. 2016. *Technical Aspects of Cyber Kill Chain*. Development Organisation, India

Livros

- CROWTHER, Alexander. 2021. *Hybrid Warfare: Security and Asymmetric Conflict in International Relations: Seeking a concept to describe the challenge from Russia*. I.B.Tauris
- HAMMES, Thomas. 2004. *The Sling and The Stone*. Zenith Press. Minneapolis
- FREEDMAN, Lawrence. 2019. *Ukraine and the Art of Strategy*. Oxford University Press. Nova Iorque.
- FRIDMAN, Ofer. 2018. *Russian 'Hybrid Warfare': Resurgence and Politicisation*. Oxford University Press. Nova Iorque.
- GARCIA, Francisco. 2010. *Da Guerra e da Estratégia: A Nova Polemologia*. Prefácio. Lisboa.
- GÖRANSSON, Markus. 2021. *Hybrid Warfare: Security and Asymmetric Conflict in International Relations: Understanding Russian thinking on gibrinaya voyna*. I.B.Tauris
- HUBER, Huber. 2002. *Compound Warfare: That Fatal Knot*. US Army Command and General Staff College Press. Kansas.
- NILSSON, Niklas. 2021. *Hybrid Warfare: Security and Asymmetric Conflict in International Relations: De-hybridization and conflict narration*. I.B.Tauris.
- PLOKHY, Serhii. 2015. *The Gates of Europe: A History of Ukraine*. Basic Books
- SANTOS, Paulo, BESSA, Ricardo, PIMENTEL, Carlos. 2008. *Cyberwar : O Fenómeno, as Tecnologias e os Actores*. FCA. Lisboa
- WEISSMAN, Mikael. 2021. *Hybrid Warfare: Security and Asymmetric Conflict in International Relations: Conceptualizing and countering hybrid threats and hybrid warfare*. I.B.Tauris

Relatórios Oficiais

- INTELLIGENCE COMMUNITY ASSESSMENT. 2017. *Assessing Russian Activities and Intentions in Recent US Elections*
- MUELLER, III. 2019. *Report on The Investigation into Russian Interference in The 2016 Presidential Election*. Vol I. Washington.

Teses

- GRILO, António. 2021. *A Defesa Nacional na Prevenção e Combate às Ameaças Híbridas*. Instituto Universitário Militar. Pedrouços.
- SOUZA, Pérciles. 2017. *Jogo de Espelho: uma análise geopolítica de Zbigniew Brzezinski sobre a Rússia*. São Paulo.
- RAMOS, Tiago. 2019. *Análise da Intervenção Russa na Crimeia*. Academia Militar.